

Nikki Gemmell



"Uma das escritoras mais influentes do mundo." *Lire*

# A NOIVA DESPIDA

Quais são os limites do desejo?

"UM LIVRO QUE INQUIETA  
E DESASSOSSEGA."

*Vogue*



ASA

# Ficha Técnica

Título original: The Bride Stripped Bare

Autor: Nikki Gemmell

Capa: Neusa Dias

Imagem da capa: Flickr / Getty Images

ISBN: 9789892321318

Edições ASA II, S.A.

uma editora do Grupo LeYa

R. Cidade de Córdova, n.º 2

2160-038 Alfragide – Portugal

Tel.: (+351) 214 272 200

Fax: (+351) 214 272 201

© 2003, Nikki Gemmell

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor

[edicoes@asa.pt](mailto:edicoes@asa.pt)

[www.asa.leya.com](http://www.asa.leya.com)

[www.leya.pt](http://www.leya.pt)

Exmo. Senhor,

Tomei a liberdade de lhe enviar este manuscrito, que espero lhe suscite interesse.

Foi escrito pela minha filha, que desapareceu há doze meses. O carro dela foi encontrado no cimo de um penhasco, no Sul de Inglaterra, mas o seu corpo nunca chegou a aparecer. Apesar de ter feito um interrogatório exaustivo a várias pessoas que lhe eram chegadas, a polícia concluiu que se tratava de um caso de suicídio e arquivou o processo. Há quem diga que ela terá encenado o seu próprio desaparecimento. Não estou certa de nenhuma destas hipóteses e confesso que essa incerteza me devora por dentro.

Quando desapareceu, ela estava a escrever um livro. Encontrei-o no seu computador portátil, quando a polícia mo entregou. Sou a única pessoa, tanto quanto sei, a quem ela falou nesse livro. Trata da vida secreta de uma mulher casada e a minha filha queria manter o anonimato, para poder escrever com absoluta franqueza; tinha medo de acabar por se autocensurar, caso o seu nome fosse revelado aquando da publicação. Queria também proteger as pessoas que lhe eram mais próximas, e a ela própria.

Li o manuscrito, na esperança de encontrar um motivo para o seu desaparecimento, e senti que a vida dela se abria diante de mim como uma flor. Havia tanto que eu não sabia. Tanto que eu não queria saber. Ela era para mim uma desconhecida, em muitos sentidos e, no entanto, era também a pessoa com quem eu partilhava a maior intimidade.

A minha primeira reacção, devo confessar, foi apagar o livro do computador e esquecer o assunto, mas passou muito tempo desde que a minha filha desapareceu. Embora eu nunca perca a esperança, sempre que o telefone toca, de que seja ela do outro lado do fio, sinto agora o dever de tentar publicar a sua obra. Creio que era esse o desejo dela, o seu profundo desejo. E tudo o que eu sempre quis foi a felicidade dela.

Portanto, aqui tem *A Noiva Despida*. Muito obrigada pela sua atenção e disponibilidade.

*Para o meu marido. Para todos os maridos.*

# *I*

Tenho a sensação de que dentro de ti, algures, existe alguém que ninguém conhece.

ALFRED HITCHCOCK e THORNTON WILDER,  
*A Mentira*

## *Lição 1*

*a honestidade é de importância suprema*

O teu marido não sabe que estás a escrever isto. É muito fácil escrevê-lo nas barbas dele. Tão fácil, porventura, como dormir com outras pessoas. Mas ninguém saberá quem és, nem o que fizeste, porque sempre foste tida como a boa esposa.

## *Lição 2*

*a água fria estimula, enrijece e fortalece os nervos*

Uma lua-de-mel. Uma terra estrangeira.

Eis-te, a sucumbir ao ritual sexual e a recordares o dia em que, com sete anos, descobriste a água. Nunca tinhas estado numa piscina; não havia piscinas no lugar onde foste criada. Lembras-te de umas férias de Verão e de uma piscina com a água a subir-te pela barriga, à medida que ias entrando a passos cautelosos, e do lento rastejar do frio na tua pele e o ar preso num nó no teu estômago e a tua mãe sempre à tua frente, a sorrir e a incentivar-te, de mãos esticadas para ti, a recuar cada vez mais. Depois, de repente, perdes o pé e estás a flutuar e a água ampara a tua barriga e pernas como se feita de corda, vigorosa, balsâmica e sedosa, e a recordação tem a intensidade de um primeiro beijo.

Quanto à primeira vez que fodeste, bom, lembras-te do som, enquanto ele te preparava com os dedos entre as tuas pernas, e pouco mais. Nem sequer o nome recordas.



### *Lição 3*

*saber fazer uma cama confortável é uma das tarefas mais importantes do trabalho doméstico*

No ar nocturno de Marraquexe, na tua tardia lua-de-mel, o primeiro tumulto dos pássaros matutinos parece gordura a frigar e crepitar na cozinha. Ainda está escuro, mas os pássaros substituíram as rãs com um som vívido como se um maestro tivesse feito sinal com a batuta. A chamada para as orações arrancou-te ao sono e não consegues voltar a adormecer, queres escancarar as portas da varanda, de par em par, e inspirar a estranha madrugada do deserto. Mas se o fizeres, Cole, o teu marido, vai acordar e queixar-se.

Portanto... Pousas a tua mão no osso protuberante da anca dele e respiras o seu sono, o seu cheiro acre, doce, e esboças um sorriso na escuridão. O teu nariz inspira o odor da nuca dele.

Nunca na vida amaste tanto uma pessoa.

Sais de mansinho para a varanda. Está calor, vinte e oito graus, no mínimo. Um assombroso sorriso de criança cumprimenta um imenso derrame de estrelas, uma vez que o vasto brilho laranja das luzes de Londres te impede de ver estrelas no teu país, mal te apercebes de quando está lua cheia. As flores nocturnas exalam a sua frescura, buganvílias, hibiscos e magnólias imóveis e sombrios na noite. Sentes-te plena de contentamento. O Cole chama-te numa lamúria e tu voltas para o quarto e o braço dele fecha-se como uma asa sobre o teu corpo e imobiliza-te.

Os teus pés libertam-se do sufoco do lençol e procuram a beirinha da cama, como fazem sempre, em busca de ar fresco.

## *Lição 4*

*poucas são as pessoas que têm muitos amigos; o uso comum da palavra  
destitui-a de sentido*

Na véspera de partires para Marraquexe, a Mrs. Theodora White conta-te que não sente paixão na vida, por nada. É um choque ouvi-lo dito assim, mas ela dissolve a tua preocupação com um sorriso e um gesto de mão. Retira um fiapo de tabaco da língua e lança a cabeça para trás para engolir o resto do café com leite. Ela já nasceu com trinta e cinco anos, enquanto tu ainda não te definiste, ainda não enfiaste a carapaça da idade adulta. Também estás na faixa dos trinta, mas continuas a saltar nas poças de água e a cantar desafinada com demasiada frequência, como se aninhada dentro de ti estivesse uma menina pequena que se recusa a morrer.

A única coisa que me suscitou alguma paixão foi Jesus, diz-te a Theo. Quando tinha onze anos. Devia ser por causa dos quadris.

Foi expulsa do teu colégio de freiras, porque a Madre Superiora achou que ela tinha mais influência sobre as alunas do que as próprias irmãs. Ela tem muitas histórias como esta. Tu não. As pessoas mais íntimas chamam-lhe Diz. Está a sempre a puxar cigarros de uma cigarreira de prata desconjuntada, o que lhe confere ainda mais charme, juntamente com aquele seu ar de quem está constantemente com cio. A tua amiga é luxuriante, madura, um corpo opulento tamanho quarenta e dois. É uma daquelas mulheres que parecem gostar de tudo em abundância, comida, ar fresco, sexo, riso, amor. Ao lado da Theo, sentes-te pálida, como uma folha deixada demasiado tempo dentro de água, descorada e sem vida.

Mas não a invejas, porque sabes demasiadas coisas sobre ela. É a tua amiga mais antiga, gostas dela desde os treze anos. Não percebes por que te perturba tanto ouvi-la dizer que não tem paixão dentro de si; talvez por a tua vida, pelo contrário, na iminência de uma lua-de-mel, parecer banhada em amor. Quando saís do café, sorris perante a ideia, é mais forte do que tu, sorris de orelha a orelha enquanto desces a rua a pé.

## *Lição 5*

*é absolutamente indispensável lavar as axilas e as virilhas todos os dias*

Tu e a Theo riem por o teu marido dormir sempre de *T-shirt* e *boxers*, mesmo quando está calor. Por ele não apreciar a doçura do contacto pele com pele, a suavidade do toque, e o cheiro, o aconchego. O simples facto de olhares para o peito de um homem deixa-te molhada. Nunca usarias essa expressão na presença dele: *deixa-me molhada*. Na presença da Theo, sim. O Cole ficaria horrorizado se soubesse o quanto ela sabe.

Adoras colocar a palma da mão no peito do Cole quando estão deitados na cama, o teu tronco a acompanhar a curva crescente das costas dele, peças de um *puzzle* que se encaixam. Adoras o cheiro dele quando não se lavou, especialmente a brandura das axilas. Se ele soubesse, diria que era *impróprio*. Às vezes, na cama, o Cole não permite que a tua mão repouse no peito dele, afasta-a com um gesto brusco. Às vezes, deixa-a ficar. Às vezes, agarra na tua mão como se tivesse caído numa ratoeira e, quando tu tentas retirá-la, ele aperta-a com força e torna-se um jogo libertares-te das garras dele.

Mas tu ris, na densa escuridão.

## *Lição 6*

*uma mulher tem de ser sempre atenciosa*

Por que é que estás a calçar as meias, perguntas.

Porque vou voltar para o quarto, minha linda.

Mas acabámos de aqui chegar, burrinho. Os teus calções de banho ainda estão molhados.

Eu sei, mas tenho um encontro muito importante com o televisor. Vens?

Não, vou ficar mais um pouco.

Sentes-te culpada por dizer que não, porque o Cole precisa muito de ti e anuncia bem alto a sua vontade, quase com petulância, como um miúdo. Mas tu sentes a tua pele a absorver esta intensa luz marroquina como o deserto absorve a chuva, sente-la despertar algo dentro de ti. Aqui, a luz fustiga-nos; em Inglaterra, lambe-nos. A pele e os olhos do Cole retraem-se face a ela; uma pele muito pálida, quase translúcida; ele passa muito tempo longe de ti, lá dentro. Não só em férias, mas em Londres também. Sequestra-se a si mesmo, fã-lo por hábito. No trabalho, até tarde, ou à frente do televisor, ou na casa de banho. É capaz de ficar sentado na sanita durante três quartos de hora ou mais, se te sentares ao lado dele no sofá, ele passa para a poltrona sem sequer se aperceber do seu gesto, se pões a mão na virilha dele, na cama, ele afasta-a. Dorme quase sempre com as costas viradas para ti.

No entanto, mesmo quando está longe, precisa de te ter perto: disse-te que és a vida dele. Adoras essa necessidade feroz, ser assim tão desejada. O Cole é o único homem por quem te sentes atraída com o qual consegues

falar sem temer o silêncio, como uma auto-estrada vazia a cortar exactamente o meio de uma conversa. Ou sem recear dizer qualquer coisa ridícula e reveladora, ou que o teu lábio trema, ou que cores. O teu corpo mantém-se obediente na presença do Cole, tens controlo sobre ti própria, podes desconstrair-te. Foi uma das razões que te fez casar com ele. Porque estás à vontade com ele, não tens de representar demasiado, podes ser, quase, tu mesma. A mais ninguém permites tanta proximidade.

## *Lição 7*

### *entregue-se à dança, de corpo e alma*

O teu dedo grande do pé é beijado, indulgentemente, quando atiras os braços para trás, como uma diva na espreguiçadeira, e anuncias que vais ficar mais um pouco à beira da piscina. Ainda não viram nada da cidade onde se encontram, embora já cá estejam há quatro dias. A Theo repreender-te-ia por isso, mas o casamento deixou-te mole, esmoreceu a tua curiosidade. A multidão de pessoas com mantos e véus no aeroporto, as pilhas de bagagens e os gritos de crianças e as metralhadoras dos guardas foram de mais para ti e para o Cole, preferem ficar aconchegados no hotel durante uns tempos. Parece o do filme *The Shining*, com largos corredores *art deco*, um átrio inacreditavelmente grande e a mágoa de um qualquer esplendor há muito perdido. Um bastião do colonialismo francês frequentado agora por europeus endinheirados, mas não em número suficiente para rechearem o seu espaço. Não há muçulmanos à vista. Talvez o considerem demasiado ridículo, ou inospitaleiro, ou estranho, mas não há ninguém a quem perguntar.

Antigamente, terias procurado as respostas, antigamente irradiavas curiosidade. Agora a tua languidez é tanta que nem te importas, porque estás distraída, deliciosamente distraída. Sentas-te na beira da piscina e brincas com as pontas dos dedos na frescura da água e lembras-te de uma coisa que leste no *Times* da véspera, que a vontade de pensar raramente atinge as pessoas satisfeitas. Sorris — e daí? — e fazes sinal a um dos empregados da piscina para que te traga mais um *Bellini*. São tão bons. Nunca antes te permitiste o luxo da preguiça, ou quatro *Bellinis* de seguida.

Um burro puxa uma carroça carregada de gravetos pela encosta acima, num dos carreiros ladeados de rosas dos jardins do hotel. Um homem estala langorosamente um chicote sobre as costas do animal. Pelo menos é uma coisa desta terra. Tens de fotografá-la.



## *Lição 8*

*é um dever da mulher alegrar a casa de seu marido*

A meia-noite chega com um calor intenso e o zumbido da quietude antes do ataque das rãs e dos pássaros e os teus olhos estão fechados, mas sentes o olhar desejoso do Cole, sentes a avidez dele e forma-se-te um nó na garganta. A vossa relação funciona lindamente, sem esforço, em tantos sentidos, excepto no que toca ao sexo.

Mas não foi para isso que te casaste com ele.

Uma língua atinge-te no olho, viscosa e pesada. O teu marido descola o lençol recalcitrante enrolado nas tuas pernas e enfia, insistentemente, o joelho entre as tuas coxas. Ele tem de fazer amor como quer, o que não é frequente. Costumam fazer amor de manhã para aproveitar o tesão dele ao acordar. É frequente o pénis do Cole não ficar suficientemente duro, como se estivesse a pensar noutra coisa. Ele raramente se vem. Costumam ambos desistir antes de isso acontecer e é sempre um alívio para ti. Perguntas-te se o Cole terá algum problema físico que o faça demorar tanto tempo a vir-se, ou se tem pouco apetite sexual, ou se está apenas cansado. Como tu tens estado, frequentemente.

Enquanto o Cole está em cima de ti nesta enorme cama de hotel, tu olhas para os números do rádio-despertador na mesinha-de-cabeceira, os minutos vão saltando, e pensas na Marilyn Monroe, que disse *Acho que não faço amor como deve ser* — leste essa frase um dia, num jornal, com espanto e alívio: então, há mais alguém assim, e que alguém. Não tens a certeza se o Cole o faz como deve ser, não sabes o que significa como deve ser. A Theo há-de saber, porque é terapeuta sexual com um discreto

consultório em Knightsbridge e uma coluna numa revista aos domingos. Desconfias que ela vos acha inocentes, ridículos e amorosos. Tu e o Cole nunca se meteram nessa história de fazer amor duas vezes seguidas, nem de partir candeeiros ou puxar os cabelos. Quando fazem amor, se o fazem, poderias descrever o comportamento um do outro como *certinho*.

Enquanto estás deitada na cama, com o Cole em cima de ti, os números do rádio-despertador demoram demasiado tempo a saltar. Houve qualquer coisa que se escapou dentro de ti, bem lá no fundo. Não fazem amor com frequência; já leste vários artigos nas revistas femininas sobre a frequência com que a maior parte dos casais o faz e parece sempre demasiado. Mas ninguém diz toda a verdade no que se refere ao sexo.

Passam trinta minutos da meia-noite. O Cole veio-se. Coisa rara. Espalha o esperma no teu peito e nas tuas faces, marca-te a testa, como num ritual de iniciação. Está satisfeito. Tu estás satisfeita. Talvez tenha funcionado desta vez. O Cole acende a luz da mesinha-de-cabeceira para ver se manchou os lençóis e alguma das peças de roupa; faz sempre isto, quer tudo limpo o mais depressa possível, detesta a desordem.

Puxas a cabeça dele em direcção a ti. Ele fica surpreendido com a ousadia, quer afastar-se mas tu segura-lo com força, porque te lembras de ir a caminho do altar e olhar em frente para ele e sentires o coração inchar de amor como uma velha esponja que caiu na água do banho. Quando o teu marido te envolve nos seus braços é um porto seguro, um porto de abrigo, para descansares dos embates do mundo. É o que sempre quiseste, tens de confessá-lo: o refúgio, o cliché.

## *Lição 9*

### *evitar o desperdício é um dever*

Antes de encontrares o Cole, não dormias com um homem há quatro anos. Custa muito, dizias à Theo, custa mesmo muito. Havia as intermináveis noites de aniversário e passagem de ano, sozinha na tua cama, só tu e mais ninguém. Havia as lágrimas nos casamentos, o ardor nos olhos brilhantes, quando todos os casais se levantavam para dançar. Às vezes, parecia que o teu coração estava coberto de fendas como os velhos pires da tua avó. Às vezes, a mera imagem de um casal de sábado à tarde a rir num parque lascava-o por completo. Os casais jovens que estavam juntos há muitos anos eram intrigantes, odiosos, distantes. Qual era o segredo deles? Tinhas chegado a um ponto em que nem sequer conseguias imaginar-te numa relação amorosa.

A Theo avisara-te que qualquer pessoa que viva sozinha mais de três anos torna-se esquisita e egoísta e tem de ser arrastada de volta para o mundo. Disse que tinha de intervir. Disseste-lhe que não, eras um caso perdido, convenceras-te disso. Toda a tua vida viras as pessoas partir: eras filha de pais divorciados e nunca cresceste com a expectativa de que alguém tomaria conta de ti e ficaria a teu lado.

Mas depois apareceu Cole McCain.

Um velho conhecido da universidade, um amigo, apenas isso. Um Verão, estavas a tomar conta de uma casa em Edimburgo, durante o festival, e ele perguntou se lhe davas alojamento; havia uns espectáculos que ele queria ver. Lembras-te de o conduzir ao quarto que lhe coubera em sorte, o

quarto de uma menina pequena, com uma cama estreita e uma manta de retalhos cor-de-rosa. Lembras-te do seu olhar hesitante.

Acho que é melhor dormires comigo na cama de casal, disseste.

A ideia era dois amigos partilharem uma cama por uma questão de conveniência. Estavam ambos de pijama, tiveste esse cuidado. Mas os dedos dele na tua pele foram como um fio de água num dia escaldante de Verão. Foste invadida por uma sensação estranha, viraste-te para ele, beijaram-se. O Cole despiu rapidamente o pijama e depois também tu ficaste nua e algo se apoderou de ti, deixaste-te ir. No espaço de uma semana estavam ambos a rebolar nos lençóis e a cair da cama num casulo de risos. Dois anos depois, casaram-se.

Há anos que eu já sabia, sua tonta, disse a Theo com uma alegre intuição retrospectiva, pareceu-me sempre tão óbvio.

Tu nunca deste por nada.

Demoraste muito tempo a acordar e a perceber. Costumavas dormir com homens com os quais te sentias constrangida, numa tentativa de te acomodares a eles; casaste com o único que te fez esqueceres-te de ti mesma.

Mas houve um instante de invisibilidade quando experimentaste o vestido de noiva, como se desaparecesses dentro daquelas faixas de marfim e tule, como se te apagassem da face da Terra. Foi apenas um instante e valeu a pena, claro, para deixares de ter aquela picada nos olhos infligida pelos casais sorridentes de sábado à tarde, as fendas no coração.

## *Lição 10*

*as peças de vestuário em contacto com a pele requerem lavagens frequentes*

Homens com quem dormiste. As coisas que te ficaram na memória:

O homem que adorava mulheres.

O que nunca tirava as meias.

O que tinha umas mãos tão grandes que pareciam estar em três lugares ao mesmo tempo.

Aquele cujo toque vibrava, que parecia saber exactamente o que fazia e se destacou por causa disso. Parecia só ter prazer se tu também tivesses, enquanto nenhum dos outros estava particularmente interessado. Perguntou-te quais eram as tuas fantasias mas não tiveste coragem de lhe dizer. Naquele tempo, nunca terias coragem de o fazer.

O que te enviou uma *Polaroid* do seu enorme caralho<sup>1</sup>. Mas o tamanho tem pouca importância para ti, não entendes por que é que falas tanto sobre isso. Preferes, de longe, um pénis que encaixe bem do que um demasiado grande; não gostas de sentir que te estão a partir ao meio.

O que dizia *possui-me* quando se vinha e gemia como se estivesse a cagar.

O que te fazia cócegas na parte de trás dos joelhos e te lambia a cara, que te obrigava a engolir o esperma e to esfregava no cabelo; que se excitava com todas as coisas de que não gostavas.

O que disse sim, quando lhe pediste para casar contigo, meio a brincar, meio a sério, num dia 29 de Fevereiro. Tens vergonha de ter tido de pedir a

mão ao Cole McCain. Preferias que ele não falasse no assunto, mas ele fá-lo, em tom de brincadeira, muitas vezes.

[1](#) Não te incomoda nada escrever a palavra «caralho»; dizê-la em voz alta, porém, é outra coisa bem diferente. Custa-te inclusivamente dizer «vagina», mas não sabes que outro termo utilizar. Detestas «passarinha», não conheces uma única mulher que a use, e quanto a «rata», sempre achaste que é usada por homens que não morrem de amores pelas mulheres. Queres palavras que as mulheres tenham colonizado para si próprias; talvez existam, mas nunca as ouviste, ainda. Não podes dizer lá em baixo para o resto da vida.

## *Lição 11*

*a mulher pura e recatada deve comportar-se sempre com casto e delicado decoro*

Manhã cedo.

Um pássaro entra no quarto e acorda-te, ficas em pânico por causa do bater de asas sobre a tua cabeça e corres para a casa de banho e bates com a porta, suplicando ao Cole que resolva o assunto, rapidamente. O pássaro desaparece em três tempos. Não esbarrou brutalmente contra nenhum espelho nem janela. Seria de mais para as tuas forças — viste-o acontecer uma vez, em miúda, as caganitas do susto, o sangue demasiado vivo, o estrondo do estilhaço, o olho transviado.

Mas agora ouves apenas o silêncio a pairar no quarto. Sais da casa de banho e beijas o Cole na ponta do nariz. Ele coloca os braços à tua volta, com uma grande tranquilidade de posse, e ri-se: gosta de te ver vulnerável. E de te ensinar, mostrar-te coisas novas. Só depois de casada observaste um pénis de perto, não sabias qual era o aspecto de um circuncidado. Perguntas-te, agora, como é que pudeste ter os parceiros todos que tiveste e nunca teres olhado como deve ser. Querias sempre as luzes apagadas o mais depressa possível, porque nunca gostaste suficientemente do teu corpo, e enfiavas-te debaixo dos lençóis e achavas que era falta de educação inspeccionar a anatomia de um homem: preferias o contacto olhos nos olhos e o tacto. O Cole obrigou-te a olhar, logo no início, ensinou-te a aproximares-te. Ele gosta de orientar a tua vida, guiá-la.

Tu deixa-lo acreditar que o faz.

## *Lição 12*

*a nossa suprema felicidade reside no altruísmo*

Uma vez o Cole adormeceu dentro de ti. Ele ri-se sempre que o recorda, acha erótico, sem importância e reconfortante. Na manhã seguinte, para suavizar a tua indignação, disse que adormecer dentro de uma mulher era um sinal de amor verdadeiro.

O quê? Abanas a cabeça como se estivesse a repelir uma mosca.

Significa que o homem se sente verdadeiramente à vontade com a mulher, tão à vontade que pode adormecer durante o acto sexual. Eu nunca poderia fazer uma coisa dessas com outra pessoa. Considera-o uma honra para ti, minha linda.

Hum, respondeste.

Amas o Cole de uma maneira totalmente nova. Calmamente. Irradia luz como uma vela, em vez de cintilar. Ama-lo mesmo quando ele adormece a meio do acto de fazer amor contigo. Nunca tinhas amado calmamente, antes, na faixa dos vinte. Era a idade do amor ávido, arrebatamento e terror, e sempre que dizias *Amo-te* sentias-te despida; não consideraste, nunca, o conceito de amor como salvação. Por vezes, agora, perguntas-te o que aconteceu à intensidade da tua juventude, em que tudo parecia tão vívido e desesperado e brilhante. Por vezes imaginas a mão de um envernizador a polir a quietude da tua vida actual e a enchê-la de brilho, a atê-la, de certa forma, com luz.



Mas o Cole... Quando te envolve com os braços sentes o amor dele a fluir sereno, forte e profundo como um rio subterrâneo que te atravessa ao meio. Sossega a tua agitação da mesma maneira que a música clássica no rádio, ou uma ida à piscina depois do trabalho. O laço entre vocês parece tão definido: o casamento não é perfeito, de todo, mas vocês têm idade suficiente, agora, para saber que não podem exigir perfeição da dádiva do amor. É muito mais do que a maior parte das pessoas tem. Como a Theo.

A tua querida, irrequieta, exuberante amiga. Às vezes sentes uma ponta de inveja da sensualidade que emana da casa dela, cheia de velas, madeira e pedra, das suas horas fluidas de trabalho, massagens semanais e malas *Kelly*. Mas lembras a ti própria que ela não é feliz e provavelmente nunca o será, e é reconfortante, isso. Porque, por mais que a Theo conquistaste e adquira e ofusque toda a gente, nunca parece satisfeita. Ela ensinou-te que as pessoas que brilham mais intensamente do que todas as outras parecem ser penalizadas com o descontentamento, como se punidas por desejarem uma vida mais radiante. Já me atropelaram tantas vezes, que nem me consigo lembrar das matrículas, disse ela uma vez.

Muita gente tem medo da Theo mas tu nunca tiveste, talvez por isso sejam tão íntimas. Todo aquele alarido da sua personalidade não passa de uma máscara e quando esta cai, muito raramente, é sempre um choque ver a vulnerabilidade que a criva.

### *Lição 13*

*não pode ser um prazer racional queres ir aonde não gostarias de levar  
o teu melhor e maior amigo*

Dá-me a mão, diz o Cole, conduzindo-te pelo caos crepuscular de Marraquexe. Nenhum dos dois conhece a etiqueta pedonal desta cidade; os carros vêm de todas as direcções, as ruas obscuras pululam de gente como Nova Iorque em hora de ponta, mas tudo é mais rápido, ousado, arriscado; empolgante, pensas. Lambretas e autocarros turísticos, burros e carroças param e arrancam, fazem desvios e atalhos no que parece uma ausência total de regras e o bulício empurra-te para a grande praça que se estende no coração da cidade, Djemaa el-Fna, e tu levantas a cabeça para os edifícios baixos, cor de ocre, que te rodeiam e soltas a mão do Cole e rodopias, devorando o que vês, sentindo que a vida toda se congrega neste espaço. Há encantadores de serpentes com os braços cobertos de sinuosos colares de cobras, contadores de histórias mirrados, cercados de grupos de homens atentos, vendedores de água com cinturões de copos de latão como munições, mulheres de véu a oferecerem-te a sina, jóias, mãos pintadas com hena. É um cenário cinematográfico de tudo o que há de mais glorioso, bizarro, profundamente *kitsch*.

A Diz ia adorar isto, ris-te.

Graças a Deus que não a trouxeste.

Quase a convidaste num impulso, quando ela disse que andava muito em baixo. Querias que ela viesse passar uns dias convosco, à laia de retiro: o aniversário dela é daqui a três dias, 1 de Junho. Mas sabias que, primeiro, terias de falar com o Cole e ele diria que não, claro.

Ela é esquisita, diz ele referindo-se a ela.

Dizes isso de todos os meus amigos.

Ela é mais esquisita do que todos os outros.

Não há contra-argumentação possível. A Theo mete-se no comboio só para ir a Paris cortar o cabelo. Tem uma gardénia tatuada abaixo da linha do púbis. Não sabe escalfar um ovo. Nunca vê televisão. Pede a uma florista que lhe entregue as suas flores preferidas ao domicílio, todas as segundas e sexta-feiras: rosas-icebergue, lírios, *bouquets* lindíssimos de gardénias. É casada com um homem chamado Tomas, vinte e quatro anos mais velho do que ela, com quem raramente faz amor. Ela tem um problema físico.

*Qual*, perguntaste, a primeira vez que ela te falou no assunto.

Vaginismo. Tem um nome horrível, não tem? Parece uma daquelas coisas más que se apanharia em Amesterdão. Significa que sempre que alguém tenta foder-me, os músculos da minha vagina começam a contrair-se e a ter espasmos. É extremamente doloroso.

Theo, minha querida Theo, coitadinha. Aconchegaste-a num abraço, a tua cara franzida, começaste a chorar.

Não fiques assim, riu-se ela, não faz mal. Até tem sido divertido.

E inclinou-se para trás e exibiu o seu sorriso de marca, um canto da boca revirado, o outro descaído. Puxou da pequenina cigarreira de prata. Acendeu um cigarro. Disse que tinha decidido investigar a fundo a questão, o prazer feminino, e foi tão deliciosamente absorvente que acabou por se transformar num emprego. Disse que a maior parte das mulheres nunca teve um orgasmo só com a penetração vaginal: o gozo estava todo concentrado no clítoris. Na altura, coraste ao ouvir aquela palavra tão directa, havia coisas que eram mais fortes do que tu.

Nem imaginas a quantidade de clientes que não têm absolutamente qualquer prazer com a penetração normal, disse ela, pontuando as palavras com pancadinhas abruptas que faziam saltar os talheres. Nós pura e simplesmente não sabemos dar prazer a nós mesmas. Nunca havemos de aprender. Ainda estamos demasiado preocupadas com o prazer do homem, em detrimento do nosso.

Ficaste constrangida com a conversa, era demasiado crua. Quiseste saber mais pormenores sobre o problema físico dela, pois foi um estranho

alívio descobrir que a tua amiga incrivelmente sensual também tinha obstáculos em relação ao sexo: portanto, a Theo também era humana.

Fizeste algum tratamento para o vagi, vagis...

Sim, fiz. Com a ajuda de uma coisa horrorosa chamada dilatador.

E resultou?

Bom, resultou, mas quando finalmente tive o sexo por que tanto esperava, foi uma desilusão. É tão monótono comparado com tudo o resto. Por que é que ninguém me avisou?

O riso magnífico da Theo despregou-se das suas entranhas, mas não havia alegria nos seus olhos. O casamento com o Tomas era tão esquisito, que não conseguias compreender. Ele tinha relações com outros homens e mulheres e ela também, assim era a vida deles. E, no entanto, continuavam juntos. *Na minha vida, não sinto paixão por nada.* Nem pelo marido, em relação a quem ela diz ser suficientemente esperta para o amar. Nem por Londres, a cidade de indomável energia para a qual vocês as duas rumaram quando adolescentes, fugidas do colégio interno, há quase vinte anos. Nem pelo emprego, já que diz que o faz há tanto tempo que agora as histórias são sempre as mesmas, não existem muitos enredos novos nas vidas das pessoas e, ultimamente, sente-se desinteressada.

Desconfias que atraís pessoas de extremos, como ela, por seres tão estável, como o Cole também é. Uma vez, ela descreveu-vos aos dois como estranhamente satisfeitos e, para alguns, isso significa imperdoavelmente cinzentos mas, para outros, vocês são uma âncora, sempre disponíveis quando é preciso, mesmo em noites de domingo, e aniversários, e no dia de Natal.

Tu e a Theo partilham as vossas vidas desde os onze anos; trocavam revistas de cavalos árabes por causa das fotografias, acampavam uma noite inteira para arranjar bilhetes para os Duran Duran, devoravam livros uns atrás dos outros, desde *Uma Casa na Pradaria* a *Pássaros Feridos* e *História de O*. Fumaram o primeiro cigarro juntas e foi com ela que tomaste o último duche a duas. Cada uma se postou à esquerda da outra diante do altar, sabendo que seriam madrinhas dos respectivos filhos.

Conheceram-se ao partilharem a mesma turma de um colégio interno de categoria inferior, em Hampshire, um lugar onde a mediocridade era incentivada. O objectivo não era estimular a tua inteligência, porque a

inteligência não faria de ti uma boa esposa. Caso te distinguisses em alguma disciplina isso seria considerado uma espécie de perversão, mas a Theo era atordoantemente imune a isso. Poucas pessoas gostaram dela à primeira. Entrou para a turma a meio do ano lectivo. Desenvolvera-se precocemente e tinha pais estrangeiros, neo-zelandeses, novos ricos, e nem sequer suficientemente ricos. Mas através da força da sua personalidade, ela inverteu as regras do jogo e foi eleita chefe de turma, tal como tu.

Não te entusiasmes, avisou ela, quase *toda a gente* chega a chefe de turma. Eles apenas o fazem porque sabem que não nos deram uma educação decente, é só uma coisa para pormos no currículo.

Ela foi expulsa por ter escrito ao Papa uma carta em que explicava por que é que o método contraceptivo do calendário não funcionava para muitas raparigas. (Aprendera esta lição com a irmã mais velha, que fizera um aborto clandestino.) O erro dela foi ter assinado a carta em nome de uma colega louca, que queria ser modelo quando crescesse e a quem o pai prometera um automóvel se ela parasse de roer as unhas. E que tinha muito jeito para vos desprezar às duas. O escândalo fez da Theo uma heróina no exílio, mas ela manteve-se sempre fiel a ti, a dama-de-companhia que primeiro se apaixonara por ela.

Aqui, em Marraquexe, o teu único desejo era que a tua amiga fosse tão feliz como tu, porque queres que os outros estejam alegres, queres dar-lhes alegria, tens um prazer tão grande nisso. Adoravas que a Theo estivesse aqui, para a animares; para fazer-te companhia nas visitas turísticas, enquanto o Cole se isola. Estás sempre a praticar pequenos actos de bondade; a tua avó ensinou-te a nunca reprimires o sentimento de compaixão e tu tentas não o fazer. Tiras uma fotografia ao homem das cobras, na praça, e ele corre para ti, a pedir-te moedas e a acenar com as cobras e tu foges dele com um gritinho, puxando o Cole a reboque. Tens de contar à Theo.

## *Lição 14*

*sejam meninas decorosas, todas vós*

Aventuram-se a jantar na praça, em bancos de madeira tosca numa tenda fumarenta. Tu e o Cole debicam os couscous mas ignoram as espetadas de carne duvidosa e a salada melada, e deixam que vos tirem uma fotografia como prova da vossa coragem. O Cole está rabugento e irritadiço e quer voltar para o hotel demasiado tranquilo, mas tu sentes que estás no centro de um amplo ponto de encontro de várias tribos africanas do Sul e de árabes do Norte e de aldeões berberes das montanhas e empinas a cabeça e bebes os cheiros, o calor e o fumo. Todas estas pessoas assombrosas! Olhas para o teu marido e fazes-lhe um festa no braço, no pulso magro e sensual, e estremeces de desejo: deseja-lo, deseja-lo muito, daquela maneira, naquele lugar apinhado de gente. Não fazes nada, aproximas apenas os lábios da clareira de pele por detrás da orelha dele e inspiras. Geralmente é o suficiente, um pequeno gesto como esse, basta tocar-lhe, inalá-lo, para te lembrares do que tens.

Mas aqui, agora, algo dormente dentro de ti desperta e espreguiça-se, arqueando as costas. Pensas no quarto do hotel e na vastidão da cama. Por uma fracção de segundo, imaginas-te nua com as pernas abertas e vários homens anónimos, ajuizadores, as mãos deles a percorrerem-te. Imaginas-te a ser filmada, comprada.

Sorris para o Cole.

O que pensas, pergunta ele.

Nada, murmuras.

## *Lição 15*

*são poucas as mulheres casadas que não anseiam por um filho*

Enquanto descansam nas espreguiçadeiras, uma mulher gravidíssima dirige-se para a piscina como um galeão de vento em popa, robusta, orgulhosa e plena. Em breve vocês vão começar a tentar engravidar, assim que fizerem um ano de casados.

Primeiro, vamos gozar a companhia um do outro durante uns tempinhos, dissera o Cole.

Mas, graças a Deus, a gravidez faz parte dos planos. Marido, casa, filho: tanta felicidade para uma só pessoa chega a ser obsceno, não é? Há tanta audácia na alegria que sentes agora. Como é que as pessoas te suportam? Olhas de relance para o Cole: pareceu tão novinho durante tanto tempo, como se ainda não tivesse crescido por completo, mas agora, aos trinta e tal anos, na idade em que muitos dos colegas estão a ficar carecas e a engordar, tudo começa a encaixar-se. Era como se ele tivesse encalhado na adolescência, mas agora está mais corpulento e atraente, finalmente. Tem potencial para envelhecer magnificamente e o que vês agora é apenas o início.

Não deveria já estar a esmorecer, esta plenitude do teu coração prestes a rebentar? Quando é que normalmente começa a murchar? Atiras a *Vogue* para o chão e colocas o teu corpo sobre o dele, barriga com barriga, e inspiras a pele dele como uma mãe inspira a de um filho. Tornar-se-á esse odor, um dia, azedo para ti? Como é que isso pode ser possível? Ele afasta-te, a fingir-se rabugento, e dá-te uma palmada no rabo. Tu dás um grito e instalas-te novamente na tua espreguiçadeira. Passa um empregado jovem.

Semicerras os olhos como um gato e esticas os braços acima da cabeça e dizes ao Cole que se ele não te tratar como deve ser, o teu próximo marido será o empregado da piscina.

Pois, e quando ele se quiser livrar de ti, basta-lhe dizer divorcio-me de ti, três vezes. Quem me dera que fosse assim tão simples para mim.

Ris-te; transbordas de alegria, sai-te por todos os poros. A grávida abandona a piscina. Já toda a gente começou a perguntar a ti e ao Cole para quando é o filho e o teu marido responde sempre que terá um filho quando se considerar uma pessoa adulta, e só Deus sabe quando esse dia chegará. Tu respondes, em breve.

Todas as mulheres acabam sempre por desejar um filho, tens a certeza disso, essa feroz necessidade está-lhes no sangue, não acreditas em nenhuma mulher que te diga o contrário. A ânsia começou a assediar-te quando passaste dos trinta, é um instinto animal premente. Vais começar a sentir um aperto no coração sempre que vires as marcas de uma amiga no rosto do seu filho. É algo que está em risco de monopolizar a tua vida: a necessidade.



## *Lição 16*

*toda a natureza é bela e digna do nosso reverente estudo*

Numa excursão às montanhas Atlas deitas a cabeça fora da janela do carro, virada para o céu, para a fragrância dos eucaliptos na brisa seca. O Cole lê o *Herald Tribune* e passa pelas brasas e acorda com um estremeção.

Ele trabalha arduamente como restaurador de quadros, especialmente quadros dos séculos XVII ao XIX. Actualmente viaja pelo globo, redigindo relatórios sobre o estado de quadros que vão ser vendidos e trabalha directamente no local, porque desde o 11 de Setembro os prémios dos seguros subiram a pique e muitas vezes sai mais barato pagar a deslocação do restaurador. As horas de trabalho do Cole são longas mas as recompensas excelentes: tu já não tens de trabalhar. A indolência é uma coisa que sempre quiseste experimentar e este é o teu segundo mês de lazer. O Cole incentivou-te a largar o emprego de professora de Jornalismo na City University; arrasou o teu nervosismo com o seu entusiasmo. A universidade estava a oferecer indemnizações a quem se demitisse e a quantia pagou-vos a hipoteca da casa. Nenhum dos teus colegas queria a tua demissão; eras uma presença estabilizadora numa faculdade temperamental, mantinhas a cabeça baixa, trabalhavas com afinco. Mas estavas exausta dos vários anos de ensino, da inexorável rotina de trabalhar comer dormir e pouco mais, tornara-se uma espécie de rede que te arrastava para o fundo. A Theo disse que tinhas sido uma professora tão nobre e dedicada, que inevitavelmente ias sofrer as consequências de tanto zelo. Não lhe disseste que te sentias cobarde por, no fundo, nunca teres saído da universidade e

entrado no mundo real; limitaste-te a dizer em tom de brincadeira que ela também era professora e tão nobre como tu.

Claro que não, eu faço o meu trabalho exclusivamente por mim e por mais ninguém. A satisfação que obtenho é puramente egoísta.

E que satisfação é essa, minha querida?

O gozo secreto, disse ela com um sorriso, de ouvir os meus clientes contarem-me os seus pensamentos mais profundos e sombrios.

O teu emprego deixara de ser gratificante e deliciaste-te com a estranha satisfação de estares a desempenhar tão bem este novo papel de mulher casada. Não estavas à espera que os teus dias fossem devorados por tantas mundanidades mas, estranhamente, estás a gostar, por enquanto, de cozinhar complexas refeições de domingo em noites de semana, e pintar a cozinha e tratar da roupa. Os dias passam a galope apesar de saberes que o tédio e a perda de auto-estima poderão um dia ladrar-te aos pés. Mas por enquanto não, ainda não.

Tens pouco dinheiro posto de lado, mas o Cole paga-te uma mesada de oitocentas libras, o que implicou uma mudança subtil: agora ele tem permissão para contar com meias remendadas e sobremesas caseiras, para comentar com demasiada frequência a tua barriga e ocasionais borbulhas. Mas essas pequenas crueldades são um preço irrisório a pagar pelo luxo de poderes descansar. Ele está a dar-te algo que nunca tiveste antes: a oportunidade de parares para pensar no que queres fazer no resto da tua vida. Foste tão tensa e controlada durante tanto tempo, sempre pontual e sempre certinha. Durante o primeiro mês de desemprego entregaste-te ao sono e desconfias que foi o resultado de anos de cansaço, de tanto tentar agradar, de nunca conseguir dizer não. Seja como for, o Cole faz os seus comentários num tom infantil e tolo e tu nunca levas propriamente a mal.

Nesta excursão às montanhas Atlas ele veio sob protesto, quer voltar para trás. Detesta qualquer tipo de actividade física, especialmente ao ar livre, arma-se em bolorento e rezingão, apesar de ser tão novo, mas tu acha-lo adorável, ele faz-te rir tanto. E essa dureza tem um reverso intrigante, o menino que vê o *Star Trek* e compra cereais para crianças. Adoras o miúdo de *T-shirt* por baixo dos fatos italianos; és a única pessoa, desconfias tu, que conhece essa faceta dele.

Na estreita estrada de terra batida, o carro serpenteia e abranda e tu queres saltar lá para fora e tirar os sapatos e sentir o ocre fininho como pó de talco nos teus pés. Conheces bem fundo dentro de ti este tipo de terra, pois já visitaste lugares não muito diferentes, com a tua mãe, quando eras pequena. O Saara fica do lado de lá das montanhas, o deserto de areia fumegante e céus altíssimos.

É um deserto da cor do trigo, diz Muli, o motorista e guia.

Que bonito, e bates as palmas das tuas mãos cobertas de hena. Olhar para elas hipnotiza-te. Tem de nos levar lá, Muli, dizes.

O Cole lança-te um olhar.

Da próxima vez.

Sorris e lambes o teu marido abaixo da orelha, como um cachorrinho, ele é tão engraçado, é tudo um jogo, e tu estás cheia de amor por ele, como um copo com água até cima.

## *Lição 17*

*o dever de todas as meninas é serem limpas e arrumadas*

A maior parte das vezes, o Cole não gosta de dedos a tocarem-lhe a pele nua, retrai-se perante qualquer contacto inesperado. As pontas dos teus dedos estão sempre frias: no Inverno, quando queres tocar-lhe, aqueces os dedos primeiro na botija de água quente, a pedido dele.

A vida do Cole é muito arrumada. Ele volta a passar as camisas a ferro depois de a empregada doméstica o ter feito, dá brilho aos sapatos todos os domingos à noite, sai de casa para o trabalho pontualmente às oito e um quarto, salta para a casa de banho logo a seguir ao sexo para limpar os vestígios.

Desconfias que há certas coisas de que o Cole gosta mais do que de fazer amor. Como quando lhe coças a cabeça com tanta força que ficas com flocos de pele debaixo das unhas, o que detestas. E lhe fazes festas nas costas com um pente como um ancinho na terra. E pousar a cabeça na sela das tuas costas, quando estás deitada de barriga para baixo num parque estival.

E broches. Isto, e só isto, é garantia certa de que ele se vem. Às vezes, fazes-lhe um broche só para despachar rapidamente a coisa. O Cole empurra a tua cabeça para ele até ao fundo e depois mais um pouco, e quando vens à tona para respirar, ele mede com o polegar e o indicador a distância a que chegaste e obedientemente tu espantas-te, a boa esposa, e tornas a engoli-lo. Muitas vezes engasgas-te e tens de quebrar o ritmo para tomar fôlego, ficas sempre com dores no maxilar e o acto arrasta-se durante

demasiado tempo. Odeias o sabor do esperma, retrais-te, como se tocassem com a língua em metal frio, no Inverno.

Vai para casa e faz-lhe um broche, disse a Theo uma vez, depois de uma ida ao cinema. Coitado, já lá vai tanto tempo.

Meu Deus, isso não, por favor.

Se lhes fizeres broches, eles amam-te para o resto da vida.

Mas é uma *seca*.

Para mim é um desafio.

Seguiste o conselho da Theo: o Cole disse-te, no fim, que ficava ansiosamente à espera que tornasses a ir ao cinema com a tua amiga.

Sossega o facho, disseste a rir, e viraste-te para o lado e adormeceste.

Nem sempre foi assim. Nos primeiros tempos, faziam amor quase todas as noites. O Cole cantava e dançava pelo quarto, de roupa interior, e disparatava antes de se meter na cama. Fazia-te rir tanto que te doía a barriga. Vocês estavam sempre completamente nus, tiravam inclusivamente os relógios, era uma questão de delicadeza. Tinham relações sexuais, num gesto audacioso para ambos, nas carruagens-cama do comboio entre Londres e a Cornualha, mortos de riso como dois adolescentes, a tentarem não fazer barulho por causa das crianças que iam na cabina do lado. Ou na tua cama de solteira que a tua mãe preservou, com a mão do Cole a tapar-te a boca para te silenciar. Choravas lágrimas de felicidade e ele beijava-tas, as palmas das suas mãos a abafarem-te as faces e ainda hoje tens, guardada num bolso da memória, a meiguice do toque dele.

Mas esses momentos, agora, parecem cenas saídas de um filme; não são propriamente reais. A mulher que nelas entrou está ausente, é outra pessoa. Isto é real, agora: fechaste-te, preferes fazer outras coisas. É uma seca despir as roupas todas e arranjar tempo para o fazer e ter o cuidado de cheirar bem, doce e limpa. Nunca parece ser a melhor hora, para os dois em simultâneo, há sempre qualquer coisa que não está bem. Ou tu não estás com vontade ou o Cole não está com vontade e tornou-se fácil inventar uma desculpa. Parece que ambos preferiam estar a ler o jornal, ou a ver televisão, ou a dormir. Acima de tudo, isso.

O Cole não se queixa por aí além. O casamento prende-se com outras coisas. Ele é delicado, está sempre a fazer coisas espantosamente delicadas, é como se estivesse a agarrar-te através da bondade. Faz assinaturas

das tuas revistas preferidas, completamente fúteis, prepara-te inesperadas chávenas de chá, leva-te às cavalitas para a cama quando estás de rastos, oferece-te um livro novo que enfia algures na prateleira e tu tens de o encontrar. Todos esses pequeninos gestos obrigam-te a ser delicada também, a bondade pede bondade, o casamento é quase um concurso para ver quem é mais delicado. Portanto, coças-lhe a cabeça com tanta força que ficas com flocos de pele debaixo das unhas e obedeces na cama e fazes-lhe broches. Essas pequenas delicadezas permitem ao Cole isolar-se, afastar-se de ti, do mundo, imerso no seu halo de luz à frente do televisor ou na casa de banho ou no *atelier* até tarde. Não te importas de ficar sozinha, também precisas desses momentos, para respirar, para te espreiares.

É uma estranha alimária, o vosso casamento, é irracional, mas funciona. É tradicional, e a tua mãe é tão crítica em relação a isso. Divorciou-se muito jovem e criou-te sozinha até ires para o colégio interno. Incutiu em ti a noção de que nunca debes depender de um homem; precisas de ter independência financeira, não podes sucumbir. Mas, para ser sincera, é um alívio, este render da desconfiança feminista. É uma travessura, deliciosa e indulgente, como usar peles.

## *Lição 18*

*um sono reparador é fundamental para a saúde*

Uma da manhã. Estás a ler o primeiro Harry Potter. É do Cole, encontraste-o entre os livros que ele trouxe de férias, pesados tomos sobre história e arte. Estás na poltrona junto das portas que dão para a varanda, com uma perna a baloiçar no braço da cadeira.

Gotículas de suor deslizam pelo teu tronco. Adoravas sentir uma trovoadas a investir contra o calor, ouvi-la troar nas traves do soalho e cheirá-la nos relâmpagos. Olhas para o Cole, a dormir em cima do lençol com os sapatos ainda calçados. Tiras-lhos como uma mãe descalça um filho pequeno e vira-lo para lhe despires a camisa; ele mexe-se, procura-te, palpa-te a saia. Chh, dizes-lhe, e levas os lábios à covinha da nuca dele. Não queres que ele desperte, não queres começar nada. Porque apareceu-te o período e o sangue flui de dentro de ti, quente, e sabes que ele ficaria chocado. Não gosta de sangue.

O Cole costuma dormir profundamente, o sono de um homem satisfeito. Não ressona, nunca terias casado com ele se ressonasse. Como poderias ter uma noite bem dormida ao lado de um homem que ressonasse? O Cole riu-se quando lhe disseste isto na vossa primeira noite de casados; foi só por isso que me casei contigo, contaste. O Cole respondeu que, se algum dia ressonasse, roubava-te um sutiã, enfiava bolas de ténis nas copas e vestia-o de trás para a frente, para evitar dormir de barriga para cima, era esse o ponto a que ele te amava.

Uma coisa que nunca conseguiste dizer ao teu marido é que ele demora demasiado tempo a vir-se. E que o pénis dele parece torto e que

muitas vezes fica mole dentro de ti, como se estivesse a pensar noutra coisa qualquer. E que se lhe fizeste tantos broches, no início da relação, foi para lhe dar graxa. E para o convencer de que eras outra pessoa.



## *Lição 19*

*os bons hábitos aprendem-se quando se é jovem*

Sentas-te junto da mesa do porteiro, no vasto átrio praticamente vazio, enquanto o Cole troca dinheiro. Passa um homem, traz o sol no rosto, não passa de um rapaz, possivelmente tem menos dez anos do que tu e sorri em cheio nos teus olhos e tu sentes algo que não sentias há anos: tem a ver com festas universitárias e banheiras cheias de álcool e o cheiro de hambúrgeres nos dedos e cerveja num beijo. Devias ter ficado repugnada com tudo isso, mas não. Ficavas molhada em três tempos; tirar-lhes a roupa, sentir o peso deles em cima de ti, ser encostada contra uma parede com a perna dobrada.

Vais a cantar para dentro, enquanto deambulas com o Cole até ao vosso quarto de rosas viçosas. A cada dois dias, esperam-vos novas rosas, nunca as deixam murchar ao calor. Lá dentro, beijas o teu marido em cheio na boca, surpreendendo-te a ti própria e a ele com a tua ferocidade. Saboreia-lo, bebe-lo e é tão raro que o faças. Ele retribui o teu beijo à sua maneira, como se dentro da tua boca estivesse o nutriente mais delicado e caro de sempre. Não gostas particularmente que ele te beije nos lábios; muitas vezes limpas às escondidas os vestígios deixados pela boca dele.

A última vez que tu e o Cole fizeram amor, antes destas férias, foi na vossa noite de núpcias. O *Bugatti* antigo, que pediram emprestado, não pegava e vocês tinham de ir buscar os parentes afastados do Cole e a Theo apanhou uma bebedeira. Tu e o Cole acabaram zonzos e suados no vosso quarto de hotel, famintos, com apenas um *Mars* do mini-bar para partilhar em entre os dois. Ainda assim, houve uma nova doçura no acto de fazer

amor, apesar do cansaço e do mau jeito, e não foste longe: quase como uma coisa de que nos lembramos de repente ao fim de um longo dia. Não teve importância o facto de o sexo nessa noite não ter sido o melhor de toda a tua vida, porque já estavam juntos há tanto tempo antes disso.

A lua-de-mel fora adiada porque o Cole não parava de aceitar trabalhos que o retinham. Finalmente arranjou uma aberta, uma hipótese de fuga quatro meses depois de terem dado o nó. Não te queixaste, compreendes o apego dele ao trabalho, é tão sólido, tão fiável: ele nunca te faltará.

Nunca te deu um orgasmo. Pensa que sim. És boa actriz — desconfias que muitas mulheres o são. Sabes o que esperam que faças, os sons que deves emitir e como arquear as costas e franzir a cara: uma imagem que se encontra em milhares de filmes, basta imitá-la, está em toda a parte menos na tua própria vida. Nunca tiveste um orgasmo sozinha nem com nenhum dos homens com quem foste para a cama. Mentiste a todos, sem excepção, que sim, resultou. Estás curiosa, mas não o suficiente. É como um idioma que não dominas; sabes que devias experimentar falá-lo, mas vives perfeitamente bem sem ele, não te vai dificultar a vida. Estás na casa dos trinta e nunca te observaste sequer entre as pernas, nunca te viste a ti própria. O Cole podia descrever-te se tivesses assim tanta curiosidade, mas achas que as intimidades do teu próprio corpo cabem a outra pessoa, não a ti.

## Lição 20

*ser frágil é considerado por algumas pessoas ignorantes  
como uma invejável qualidade superior*

Gin tónico à beira da piscina.

O Cole lê em voz alta um trecho de uma das secções do *Herald Tribune*. Em 1925, uma mulher de Nova Jérсия, mãe de oito filhos, inspirou-se no *Ali Babá e os Quarenta Ladrões* e pegou num caldeirão de azeite a ferver e despejou-o em cima do marido que dormia.

Azeite, querida, já pensaste, *azeite*.

Mas não lhe prestas atenção, porque estás a pensar no homem do átrio e na tua primeira foda, com a série de televisão *The Young Ones* a tremeluzir sem som a um canto, e que foi tensa, seca e desconfortável. Estás a pensar no deplorável ar triunfante do rapaz, a seguir, com os amigos, e o televisor em altos berros. Estás a pensar na Theo — mas tudo te parece tão... sórdido —, na maneira como ela tragava o cigarro com uma ferocidade invulgar. Que estranho não te conseguires lembrar de como é que ela perdeu a virgindade. É uma conversa, aliás, que não te lembras de ter tido com nenhuma das tuas amigas. Teriam as delas sido tão decepcionantes como a sua, será por isso que nunca as discutiram? Quererão todas as mulheres andar para a frente e esquecer? Lembras-te de que, naquela época, a Theo punha *bâton* avermelhado nos cabelos para realçar a cor porque o lera numa revista, mas por mais que faças não te consegues lembrar do nome do rapaz.

Pensas no Sean, o estudante com quem tu e a Theo partilharam casa. Ele ainda estava desesperadamente, doentiamente apaixonado por uma

mulher mais velha que lhe destroçara o coração, e nunca fizera um esforço para se integrar na vida da casa; passava os dias a carpir, sozinho. Um dia desapareceu. A polícia bateu-vos à porta uma semana depois e informou-vos que ele apanhara um comboio para a Escócia e fora à boleia até uma praia longínqua, onde a amante tinha uma casa de férias, e nadara para o mar alto e não voltara para terra. Essa história perseguiu-te durante anos, o amor louco, chanfrado, que o Sean sentia e o mundo exterior a infiltrar-se, a água a inchar-lhe a pele, a bater-lhos nos ossos. De certa forma, foi um acto de coragem, foi isso que pensaste durante tanto tempo. Agora, preferias que ele tivesse simplesmente crescido e encontrado outras mulheres, que tivesse vivido a sua vida até um ponto em que fosse capaz de olhar para trás e rir-se.

## *Lição 21*

*o exercício físico é tão indispensável para as meninas  
como para os leões e os tigres*

Muli leva-vos ao jardim público do Yves St. Laurent, abrigado e fresco à sombra de muros altos. O ruído de Marraquexe dissolve-se assim que entras. Este é o tipo de lugar de que a Theo gosta. É espinhoso e sedutor, com cactos e palmeiras e salpicos de tinta azul e rosa-buganvília a descer em cascata pelas paredes. Tiras uma fotografia para ela. Vais colocá-la num envelope, com algumas pétalas das rosas do quarto.

Foges ao calor oprimente na frescura sinuosa dos becos do mercado. Adoras os *souks*, a loja de instrumentos que podia ter existido há centenas de anos, ao lado de uma outra que vende iguanas vivas, ao lado de outra ainda atulhada de *T-shirts* do Sylvester Stallone. Adoras os burros nos becos e os gatos escanzelados e os cartazes encarnados da *Coca-Cola* em árabe, a luz agressiva, o pó a cobrir a tua pele, coagulado nos teus cabelos, as montanhas a orlarem a cidade, a escuridão falante, os grilos e os cães e as rãs. Ouve-se o chamamento dos crentes à oração e Muli pede licença e ausenta-se por dez minutos. Adoras a predominância da religião nesta terra, a maneira como o cântico te desperta nas trevas e traça o teu dia. O Cole admira as cores da cidade, o azul abobadado do céu e os ocre e rosas intensos, mas não suporta o pó e os apertões e o calor, manifesta bem alto o seu descontentamento, não está a gostar de ser arrastado de um lado para o outro.

A tua confiança enquanto esposa começa a esvaír-se discretamente. Jamais lho dirias. Que às vezes sentes que todos os homens ao longo da tua

vida, os amantes, os colegas, os patrões, com os seus clamores e exigências, têm estado a apagar-te.

O Cole tem mais um encontro com o televisor. Agora vê desenhos animados do *Pokemon* em francês, uma língua que não entende, porque os canais ingleses só passam notícias e as histórias não mudam com a frequência necessária. Também há os noticiários locais com peças que duram vinte minutos e parecem consistir unicamente de longos planos do rei na parada ou de homens engravatados sentados em cadeiras baixas. O pivô é jovem, com uns olhos lindíssimos, como se delineados a *kohl*. Perguntas-te como seria ele no papel de amante, se seria *diferente*. Ouviste dizer que as mulheres muçulmanas se rapam de alto a baixo e, de imediato, sentes um suave estremecer entre as pernas só de pensar nisso, e em andar de manto, a tua nudez um exclusivo do teu marido. Muli contou-vos que nunca ninguém viu a rainha, ela nunca aparece em público, está escondida.

Agrada-me a ideia, riu-se o Cole.

E levou uma palmada divertida.

Mais tarde, enquanto bebem *gin* tónico no piano-bar, o Cole encosta a tua face à dele e sussurra que quer trancar-te à chave e nunca deixar-te sair e quer outra mulher além de ti, com a qual terás de deitar-te enquanto ele vos observa, e as tuas mãos fecham-se sobre o rosto dele: És tão previsível, Cole McCain, soltas uma gargalhada e dás-lhe um beijinho em cada bochecha e algo estremece dentro de ti, recordas Edimburgo e as quedas da cama e de fazer amor com uma mão espalmada sobre a tua boca.

## *Lição 22*

*emitir um som é, em si, saudável, conquanto não incomode ninguém*

Às vezes perguntas-te se o teu marido realmente gosta de mulheres. Fala com desdém das tuas amigas e colegas, não quer uma mulher mandona ou que chame a atenção, irrita-se se falas com as tuas amigas ao telefone com demasiado entusiasmo e condena qualquer gritinho mais estridente. Não gosta de qualquer tipo de excessos numa mulher. Faz um alarido se não te secares meticulosamente depois do banho, diz que a humidade é tanta que deves estar a cultivar uma selva entre as pernas. Os órgãos genitais dele têm um cheiro inofensivo, mais discreto do que o teu.

Os pais do Cole são muito equilibrados, muito sólidos, defensivamente classe média. Achem que não vais saber cuidar devidamente do seu filho. A mãe dele transmite todo o seu vigor através da culinária e está horrorizada por só recentemente teres aprendido a fazer um assado. Ela envia correspondência, persistentemente endereçada ao Mr. e Mrs. C. McCain, apesar de já lhe teres dito várias vezes que não adoptaste o nome do teu marido.

O Cole considera a tua família excêntrica. Costumava sê-lo de uma maneira deliciosa e exótica, até ele a conhecer. O teu trisavô fez fortuna a importar chá da Índia e o primo do teu pai dissipou o resto do dinheiro de família em álcool e drogas. O teu pai pertencia ao lado pobre da família e devia ter arranjado emprego, mas nunca chegou a fazê-lo. Era um jovem encantador e malandro, com uma farta cabeleira loura e maçãs do rosto protuberantes, até que a bebida lhe chupou a beleza. Tu adorava-lo, porque o vias pouco. Sobrevivia à custa de vender acções do negócio de família

até que morreu, quando tinhas dezanove anos, de alcoolismo, pobreza e uma vida sem rumo.

Ficaste destroçada. Vê-lo durante a tua adolescência consistia, quase exclusivamente, de uma série de viagens entre a casa e o colégio. Ele ia buscar-te no seu velho *Mercedes* preto que parecia uma relíquia saída de um qualquer regime ditatorial, e conduzia durante quilómetros, escolhendo sempre as estradas secundárias mais estreitas e serpenteantes para te levar a Londres. Praticamente só conversavam dentro do carro, porque a namorada dele, a Karen, dificultava qualquer conversa quando estavam no apartamento deles; interrompia constantemente para se queixar sabe Deus do quê. O afecto do teu pai estava reservado para a estrada ou para os poucos momentos em que a Karen se ausentava, alturas em que ele se debruçava e sussurrava *Adoro-te* como se fosse um segredo só vosso. A voz dele, agora, é o que melhor recordas.

O casamento dos teus pais durou quatro meses. A tua mãe abandonou a volatilidade dessa relação duas semanas depois de teres sido concebida, abandonou-a para ir à caça de fósseis. Estudara Paleontologia na universidade, mas interrompera a carreira para se dedicar ao casamento. O teu pai recusava-se a viver noutro lugar que não Londres, apesar de a tua mãe ser uma asmática que sonhava com uma luz que lhe cantasse nos pulmões. O trabalho preenchia esse requisito e, portanto, em miúda viveste numa série de lugares regidos pelo céu até que o tribunal interveio, a pedido do teu pai (a única coisa que ele conseguiu fazer na vida, disse a tua mãe irritada, por mais do que uma vez) e tu foste recambiada para Inglaterra, a terra dos dias amenos e, quando crescestes, a terra das fodas sem orgasmos.

As pessoas que nada sabem sobre a tua família acham-na fascinante, encantadora e extremista, mas agora o Cole conhece a verdade, que pouco desse extremismo te foi transmitido nos genes; apenas reforçou a tua cautela. Tiveste de ser sensata, de construir uma vida por entre o caos.

O Cole diz que a tua mãe está marcada pelo azedume, que está na menopausa e louca, e teme que tu fiques igual a ela. Não gosta de visitar a casa de férias que ela tem na costa norte do Yorkshire, uma região tão rica em fósseis de répteis marinhos e peixes. É obstinadamente longínqua e ela raramente está em casa, anda sempre algures numa escavação. Ele não aprecia a maneira como ela pega distraidamente na escova dos dentes dele



para escovar um pedaço de grés que está a analisar (ou talvez o faça de propósito, mas jamais dirias isso ao Cole) e enche a casa de ossos e rochas antigos. O Cole considera-a egoísta e desleixada: o tipo de pessoa que lava a louça com água tépida, disse ele um dia, e na altura tu riste-te mas não esqueceste.

Tentaste com afínco entrar para o ninho da família do Cole, ser a boa esposa, mas eles nunca confiaram suficientemente em ti. O Cole não compreende que uma família estável é uma das coisas mais desejáveis do mundo para quem teve uma infância fracturada, não compreende a terrível e abissal solidão que sentes grassar na família dele. Mas vocês têm-se um ao outro, um caminho seguro, uma certeza. Quando anda na estrada, a recordação do lar conforta o coração de Cole, ele anseia pela vívida tranquilidade do vosso apartamento, é o santuário que o resguarda de todas as ansiedades do mundo: quadros demasiado maltratados e sem restauro possível e astutas falsificações e prazos impossíveis de cumprir. Tens o cuidado de não atirar nada demasiado desestabilizador para a vida stressada dele, porque és tão afortunada, tu sabes que és. O teu marido é um homem moderno, generoso e atencioso, que cozinha e limpa; um marido dedicado, diz à Theo, vocês são um dos poucos casais verdadeiramente felizes. E ela há-de saber melhor do que ninguém. Já tratou inúmeros casais. Quando as mulheres levam os maridos ao gabinete dela para sessões de orientação, ela enfia-se literalmente na cama com eles, armada com um par de luvas de látex e um vibrador.

Adorava fazer-vos uma consulta, disse ela, como se quisesse engarrafar os segredos do porquê de a vossa relação funcionar.

Que horror, respondeste a rir, aterrada. Nunca conseguiste cagar numa casa de banho pública se lá estivesse outra mulher, quanto mais fazer sexo. Quando partilhaste o chuveiro com a Theo, aos treze anos, foi uma experiência tão embaraçosa que juraste para nunca mais. Conseguias despir-te no consultório de um médico ou num ginásio, onde fosses totalmente anónima, mas era completamente diferente fazê-lo com uma pessoa que conhecias, ainda por cima tão bem.

Ninguém, porém, faz ideia do tumulto de uma vida secreta. O teu desejo de lançar a catástrofe no teu mundo é como um puxão insistente nas tuas saias. Mas é pontual e depois passa. Com a oferta de um banho de imersão, ou uma chávena de chá, ou a louça lavada.

## *Lição 23*

### *a importância da costura e do tricô*

Tens um livro que o teu avô te deu que é um delicioso catálogo de pensamentos impróprios:

Que uma mulher casada deve tomar outro homem se o marido a desiludir na cama.

Que a maldade de uma mulher é melhor do que a bondade de um homem.

Que as mulheres são mais valentes do que os homens.

Que Adão pecou mais do que Eva.

Foi escrito anonimamente, em 1603. É pouco maior do que a palma da tua mão. O papel é feito de farrapos de tecido e não de polpa de madeira, e as páginas crepitam de fragilidade ao serem viradas. Adoras esse som, é como as primeiras lambidelas de uma chama a consolidar-se. O livro intitula-se *Tratado de Razões que Provam o Valor de uma Mulher* e outrora as suas palavras estavam contidas por dois pequeninos fechos que, algures no tempo, foram arrancados. Cheira a reclusão e a coisas secretas.

Imaginas uma casta e boa esposa a escrever secretamente, alegremente, ao fim da noite e nas longas horas da tarde. Cada página é debruada com uma bonita moldura decorativa de tinta encarnada e preta. É uma fascinante e desobediente obra feita por puro prazer. Calças umas luvas de algodão para a abrir. Nunca a venderás.

Está na família há gerações. Ainda hoje corre o rumor de que o esqueleto da autora foi encontrado num armário no vão de umas escadas, onde o marido a trancara a sete chaves depois de ter encontrado o livro. O teu pai

contou-te histórias de como ela esgaravatara a porta, a chorar, as suas unhas desesperadas inscritas na madeira, mas desconfias que a realidade é muito mais prosaica: que o teu bisavô comprou o livro num leilão, a título de curiosidade, e que talvez até tenha sido escrito por um homem, fruto de uma qualquer enigmática piada.

O Cole chama-lhe O Dote, ou alternativamente, O Livro Assustador. Diz, a brincar, que vai deitá-lo no lixo se te portares mal, ou trancar-te no armário e prender-te lá para sempre. Adoras essa vossa troca de gracejos; ele faz-te rir tanto. Nunca vês ironia nele. Aos móveis do teu pai dispersos pelo apartamento chama-lhes As Ruínas. E a ti, afectuosamente, A Bota Velha. Mostras-te sempre indignada, o que o Cole adora.

## *Lição 24*

*as principais causas de uma saúde debilitada nas mulheres  
são o silêncio, a quietude e os espartilhos;  
aprende, por conseguinte, a cantar e dançar,  
e nunca uses espartilhos apertados*

O céu pesado. O ar a cheirar a mar. Nem sequer precisas de um chapéu de sol, deitada na espreguiçadeira à beira da piscina. A brisa que sopra do deserto provoca estragos no teu *Herald Tribune* e tu desistes e observas as pessoas à tua volta, estás mais interessada nos corpos das mulheres do que nos dos homens, é assim com todas as mulheres, explicou a Theo e tem razão. Lembras-te exactamente do corpo dela quando tinha dezasseis anos, a cintura estreita e as pernas compridas e as sardas no peito, e no entanto mal te consegues lembrar dos homens com quem dormiste, de nenhum deles. Dos nomes ou dos corpos, apenas dos rostos, vagamente, e da forma, também vaga, dos pénis, se eram compridos ou demasiado grossos — meu Deus, tinhas pavor disso, da fricção que provocavam.

O empregado estende-te um *gin* tónico numa bandeja de prata e tu olhas em volta, assustada. O homem do átrio esboça o seu belo sorriso juvenil, numa espreguiçadeira distante, e tu baixas a cabeça e não fazes mais nada, não bebes, não olhas, estás confusa e sabes que a Theo ficaria irritada com isto, uma oportunidade perdida.

A Theo. Uma mulher pirata, com uma energia diferente. É sedenta e precisa de beber, é a maneira como anda e escuta e se debruça e fala. É uma mulher que vive *excessivamente*, tem tanta vida dentro dela que parece brilhar-lhe por debaixo da pele. Quererá isso dizer que tu vives uma

vida *redutora*? O teu coração encolhe-se de pânico, como se uma nuvem o tivesse perpassado.

Olhas para o homem na espreguiçadeira, agora a ler o seu exemplar do *Tribune* e inclinas a cabeça para trás e fechas os olhos. De momento, vives os teus dias da mesma maneira que uma ovelha pasta, deambulando, sem te interessares por nada em especial. E no entanto, no entanto, nunca quererias o tipo de vida da Theo. Ela é tão livre, tão independente de tudo e de todos, que está perdida.

O céu turva-se, os banhistas arrumam os protectores solares e partem um a um, a brisa seca intensifica-se e fecham-se os chapéus, com medo de serem levados pelo vento. Enfias-te na piscina. A água está ondulada como um telhado de zinco. És a única pessoa dentro de água e deslizas pela frescura e nadas vigorosamente pela primeira vez em anos, sentes os músculos desusados rangerem e entrarem na linha e lembras-te da tua mãe e das suas mãos fortes e confiantes e das tiras de água quando tinhas dez anos. Agora não tens família permanente à tua volta, os teus amigos tornaram-se os teus parentes mais próximos: o Cole, claro, e a Theo, uma espécie de irmã, embora por vezes pulse entre vocês a intensidade dos amantes.

Ela faz anos hoje, tens de lhe telefonar.

Sorris enquanto arrastas o teu corpo pela água e, quando chegas ao fim da piscina, levantas os olhos para grandes plumas de pó ocre que o vento traz do deserto; é como se o entardecer estivesse a ser apressadamente empurrado para o centro do palco. Os empregados movem-se agora com gestos rápidos e calculados, retirando as toalhas e os colchões das cadeiras. A maior parte das pessoas foi-se embora. As palmeiras agitam os ramos como crinas de póneis recalitrantes, voam gravetos e folhas para dentro da piscina e tu saís da água ao ver aterrar os primeiros detritos. Cheiras a terra a abrir-se como se estivesse a respirar, sentes o dia de trovoadas reavivar-te como uma faísca e levantas o queixo para o céu e inspiras fundo e recolhes, relutantemente, as tuas coisas de praia. Passas pelo homem do átrio, ainda corajosamente a ler. Ele ergue os olhos para ti.

Não olhas para ele. Voltas para o interior do hotel, para o teu marido, com uma expectativa a bater asas dentro de ti.

## *Lição 25*

*emprestar é, regra geral, a maior indelicadeza que podemos cometer, a menos que sejamos capazes de dar*

O velhinho que trata das rosas abre-te a porta do quarto, fazendo vénias e sorrindo o seu sorriso gentil. Ofereceu-te, galanteador, um só pé de flor e tu aceitaste-o delicadamente; é um jogo desempenhado com alguma seriedade. As pétalas são de um vermelho escuro, quase preto, e mergulhas o nariz na sua estranheza: é a fragrância selvagem e farta dos jardins da tua infância, não o perfume fugaz e fabricado dos botões que compras no supermercado. Entras no quarto sem fazer barulho, queres surpreender o Cole, ele vai atirar-te para a cama e fazer-te rir e beijar-te à sua maneira especial e tu vais derreter, sucumbir, apesar de ainda estares menstruada. Sexo *sexy*, hum, viscoso, espontâneo, um tipo de sexo rude, não o fazes há anos e de repente parece-te necessário. O quarto está na penumbra do céu escurecido e sentes na boca o paladar dos trovões lá fora e levantas o queixo para eles. O Cole está ao telefone. Ficas irritada, ele não devia estar a trabalhar durante esta viagem, ele prometeu.

Estou mortinho por sair daqui, está a dar comigo em louco, o calor, e diz isto na sua voz especial, a *tua* voz, mas com um ligeiro tom de brincadeira, leve, é um tom que não ouves há tanto tempo. Ela só quer ir a correr para os mercados e andar naquelas malditas carroças, não suporto isto tudo, estou a morrer de tédio, só quero relaxar. Faz uma pausa. Diz, Diz, não, não podes. Solta uma gargalhada. Sim, eu também. Já falta pouco para nos vermos, graças a Deus.

## *Lição 26*

### *ar ventilação oxigénio*

Estás muito quieta. Passas pelo Cole sem olhar para ele. Transpões as portas da varanda e sentas-te, com muito cuidado, na cadeira de verga.

O teu coração ressoante, o teu coração ressoante.

Ficas sentada durante muito tempo, sem fazer barulho, mergulhas no silêncio profundo depois da trovoada. No final, o sol aparece tenuemente e não arrefeceu nada, nada, está tão quente como sempre.



## *II*

A minha alma volta-se para o Senhor, mais do que a sentinela para a aurora.

Mais do que a sentinela espera pela aurora.

Salmo 130

## *Lição 27*

*não deve haver uma fossa directamente ligada à casa*

Segunda-feira depois do regresso de Marraquexe. Um café no Soho, sozinha. Uma velha tasquinha londrina que serve torradas com feijão em molho de tomate e chá *Tetley* em bules de aço inoxidável, a ementa almo-fadada e revestida de plástico. A ler o jornal sem ler.

Como se tivesses sido esfolada.

Não consigo explicar, diz ele, corando, de todas as vezes. Sempre que lhe perguntaste, vezes sem conta. Estás a exagerar, diz ele. Ela é uma amiga, *nossa* amiga, de quando em quando tomávamos um copo juntos. E depois cala-se.

Como se o que quisesse dizer nunca pudesse ser dito, como se nunca lhe pudesse ser arrancado. Mas tu não desistes.

É só uma amiga. Pois.

Reclinas-te ao ouvir as palavras dele, cruzas os braços. Perante as explicações dele que são lascas dispersas de osso, que nunca te são suficientes.

Visitas frequentemente o café do Soho. Queres rastejar para longe do mundo, encolher-te numa bola; queres retrair-te da leveza estival que paira no ar, do rosa atrevido das raparigas que passam na rua.

Durante todo este maldito tempo, ele nunca parou de te dizer que te ama, mas já não te apetece dar-lhe ouvidos. Porque a relação levou com um balde de água fria e o choque deixou-te enregelada até aos ossos.

É só uma amiga. Pois.

Não desistes.

Faz agora uma semana que sabes; depois duas. Tudo mudou e nada mudou, estás a ler o jornal sem ler. Preferes este café do Soho aos das cadeias americanas que ultimamente parecem estar em toda a parte, apesar de saberes que o Cole ficaria horrorizado com a tua escolha. Antes, deixavas que os gostos e aversões dele moldassem os teus dias, mesmo quando ele não estava contigo. Mas agora és frequentemente desobediente, em pequenas coisas. Porque a descoberta de que ele está a ter um caso com ela abateu-se sobre ti com a rapidez com que uma armadilha aprisiona um coelho, e estás exilada do teu casamento, da tua casa e da tua vida.

O velhinho atrás da caixa registadora intui uma parte de tudo isso; cumprimenta-te agora com um sorriso caloroso e entrega-te a chávena de chá sem esperar que lha peças.

Nós. só. tomávamos. um copo. de. vez. em. quando. Está bem?

Não acredito em ti. Desculpa, mas não consigo.

É a verdade, estou *tão farto* de te dizer isto.

Não acredito em ti. *Não consigo*.

As tuas mãos pairam, geladas, apoiadas na tua cabeça. Os teus dedos estão fechados em garras, os nós brancos como osso. Transformaste-te noutra pessoa. Não reconheces esta voz.

Dia após dia refugias-te neste café no bairro da prostituição de Londres. É um pequeno indício de algo que estourou dentro de ti. Não sabes ao certo por que escolheste este local, nunca vais a cafés ou restaurantes sozinha, ficas demasiado exposta. Só sabes é que as duas pessoas mais chegadas a ti saíram do teu coração, está fechado de dor. E é só quando abres o

jornal e deitas o leite no chá que sentes a bola de papel metalizado, contraída dentro de ti, a desdobrar-se. Ninguém diria olhando para ti, a discreta dona-de-casa suburbana, que há pouco tempo, num quarto de hotel em Marraquexe, todo o teu futuro foi esmagado por um só golpe desferido com o punho de uma espingarda.

E tudo o que restou é a carne exposta, com escoriações demasiado profundas para lágrimas.

Ela é uma amiga, apenas uma amiga, é só isso que ele consegue dizer e neste café do Soho, na terceira semana do teu purgatório, a tua chávena de chá é posta em cima da mesa à bruta. Com tanta força, que o pires racha.

## *Lição 28*

### *a doença é o castigo da natureza ultrajada*

Um mês após o teu regresso de Marraquexe. A estagnação emerge como lodo. Não estás entediada nem enraivecida, apenas parada; nada te cativa, nada te interessa, não sabes o que fazer a seguir, à hora que se segue e a todos os dias da tua vida. Dormir é a solução a curto prazo. Londres é indicada para isso. A luz é leitosa, filtrada, ao contrário da luz da tua infância que entrava descaradamente pelos estores a jorros pela manhã, acordando-te e empurrando-te para o exterior. O céu em Londres é como o tecto vergado sob o peso da água numa casa antiga e agora dormes manhãs inteiras e despertas com uma náusea de pânico nas entranhas. Depois percorres as ruas, a ver sem ver, sem casca.

O Selfridges compele-te a entrar, com as suas atraentes promessas. Há tanto tempo que aqui não vens, costumavas arrastar-te pelos seus pisos com a Theo, ela convencia-te sempre a provar coisas que não querias. Passas os olhos pelos balcões de acessórios. Compras seis anéis. Espalha-los pelos dedos, desfocando o teu estado civil; os teus anéis de noivado e casamento estão irreconhecíveis e tu sorris quando esticas a mão para a observar.

Mas depois volta, a voz dele. Volta sempre. O tom com que ele falou ao telefone com ela. Não é propriamente a ideia deles fisicamente juntos, é a intimidade da voz dele. Só quando escutaste a conversa no quarto do

hotel é que percebeste há *quanto* tempo não a ouvias. E sentiste saudades dela, saudades violentas.

*A tua voz.*

Tens os dentes cerrados quando te diriges para o metro e com esforço descontraís os maxilares e esfregas a testa, uma nova ruga que tens entre os olhos. Ao fim de cada noite massaja-la, as pontas dos teus dedos mergulhadas na brancura arrepiante do creme com Vitamina E. Para lá de ti, o apartamento faz tiquetaque. As divisões estão às escuras, excepto o quarto. Agora o Cole passa muito tempo fora, a trabalhar até tarde; é essa a desculpa dele. Não há nenhuma luz acesa na entrada para lhe dar as boas-vindas. Ao fim de cada noite, sentada à frente do toucador, as pontas dos teus dedos amparam a tua testa como andaimes. Porque são as longas, longas noites que te derrotam.

Que te apagam como uma vela.

## *Lição 29*

*os amigos são demasiados escassos para nos livrarmos deles, se forem amigos verdadeiros*

A campainha, demasiado ruidosa, irrompe com estrépito na tua manhã. Resmungas: ainda estás deitada. O intercomunicador está avariado, vais ter de descer os três lanços de escadas e abrir a porta da rua para saber quem é; com o teu velho roupão, sem o teu rosto.

A Theo. Boca vermelha e saia vermelha, cor do sangue. A caminho do trabalho.

Fechas a porta. Isto é absurdo, diz ela, anda lá, temos de conversar. Apoias as tuas mãos na porta com os braços esticados. Não podemos pelo menos falar, implora ela. As suas pancadas na porta tornam-se murros, vibram através das tuas palmas. Endireitas-te, sobes as escadas, não olhas para trás; os teus dedos, a tremer, na tua boca.

A traição da Theo é magnífica, espantosa, incompreensível. São os actos dela que não consegues compreender e não os do Cole. Sempre presumiste que seria ela a pessoa com quem partilharias a tua vida toda e porventura não a tua mãe ou o teu marido. Ela é mulher, conhece as regras. Os homens não. Não estás interessada numa desculpa, nada pode corrigir o mal que foi feito, porque tudo o que ela disser será esmagado pela violência da lealdade estilhada e pelo teu coração gritante, espancado.

Não suportas imaginá-los juntos. Não fazes a menor ideia de como é a Theo com um homem. Como é que ela actua, se se transforma noutra

peessoa; se altera a postura e a voz. É uma faceta das tuas amigas que nunca invadiste. Só sabes que o teu marido está cativo da sedenta força gravitacional dela: foi o que a voz dele te disse.

Como tu estiveste um dia. A Theo era desleixada com a vossa relação — nunca aparecia para jantar com uma garrafa de vinho, nunca te enviava cartões a agradecer, cancelava saídas à noite em cima da hora, chegava frequentemente atrasada —, mas era sempre perdoada, porque iluminava as tuas horas com a dádiva da sua presença; assim que a vias, desaparecia qualquer vestígio de irritação.

Agora, ela tenta contactar-te vezes sem conta, mas desligas sempre o telefone, por mais depressa que ela tente encaixar o discurso, apagas os *e-mails* dela sem os abrir, rasgas as cartas. Tens jeito para cortar com as pessoas, sempre foi um dom teu, um dom pequeno mas eficaz; arrumar as coisas, andar para a frente. A Theo vai odiar ser ignorada. É o que ela mais teme. Invade-te uma estranha sensação de poder, a extrema passividade torna-te forte; é a maneira como sabes protestar, dá-te voz. Como acontece, às vezes, com o sexo.



### *Lição 30*

*os medicamentos antigos devem ser deitados fora, uma vez que raramente voltam a ser necessários e rapidamente passam de validade*

O Cole precisa de ti para uma festa. É organizada pelo proprietário de uma galeria de arte que tem um quadro a precisar de restauro, uma paisagem veneziana de um aluno de Canaletto. O Cole está desejoso por lhe deitar as mãos; desconfia que, oculto, há um toque do mestre. Não queres ir. Não queres dar-lhe nada, ainda.

Por favor, pede o Cole.

Detesto esse tipo de festas. Tu sabes disso.

O Simon gosta de ti e eu preciso deste trabalho.

Conheces a esposa que o Cole quer para isto. Já te disse várias vezes que és uma excelente acompanhante: todos gostam de ti, acham-te amorosa, bonita, querem conversar contigo, mas o grande objectivo é conseguir que todos admirem o Cole, porque é isso que ele está a fazer, a exibir uma propriedade sua, como um carro ou um relógio de ouro ou um fato, e tu estás a incentivar a impressão das pessoas de que ele é um homem de sucesso. Adoraste quando ele to disse: seres tão apreciada. Sempre realçaram o melhor de cada um, em eventos sociais. Nas festas, as vossas frases sobrepõem-se quando contam as vossas velhas piadas, em jantares em casa de amigos as vossas refeições são distraidamente partilhadas, durante os vossos próprios jantares com amigos é um suave acto duplo, cozinhar, servir e limpar. Têm ambos jeito para desempenhar o papel de casal, escoram-se um ao outro.

*Por favor, implora o Cole agora.*

Está bem. Está bem.

A tua mão pousa no teu pescoço. Cedés sempre, sempre o fizeste a tua vida toda; de onde é que te vem essa tua obstinada necessidade de que os outros gostem de ti?

Uma casa térrea numa fileira de casas numa rua recatada, perto do vosso apartamento. O Simon destaca-se pela altura, a meio da sala apinhada. Avalia o seu sucesso pela sua familiaridade com pessoas famosas, adora mencionar nomes sonantes, não suporta estar sozinho. Gosta de ti porque lê os mexericos das estrelas e respondes, de olhos muito abertos, à conversa dele. Tem uma relação, às prestações, com uma estrela *pop* de Dublin que se distinguiu por um bom corte de cabelo e um Número Um no Verão, cujo título nunca és capaz de lembrar. Ela não está na festa. Não há famosos na festa. O Simon vai ficar profundamente desapontado. Vês os convidados todos a espreitarem por cima do ombro, a meio das conversas, a verem quem está, foi só por isso que vieram, para verem alguém famoso.

Queres sair dali.

Estás sozinha a um canto, num sofá de cabedal preto que range como uma sela. Há um candeeiro de lava ao teu lado. Já não funciona. Nunca foste ávida por festas. Tens demasiada propensão para corar e para silêncios constrangedores, e para dizeres coisas destoantes e erradas. Não te safas bem em grupos grandes, sempre estiveste mais à vontade só com uma pessoa de cada vez, a pequenina magia de que és capaz dissipa-se sempre perante uma multidão. Observas os convidados. Detestas a ideia de voltar a ser solteira, de conhecer cada homem com ansiedade. Coras à frente de qualquer pessoa que te atraia e nunca conseguiste ultrapassar essa situação, o teu corpo falha-te muitas vezes. Imaginas a Theo, aqui, com uma admiração que dói: vê-la a brilhar no meio da sala e a enfiar a cabeça em círculos de conversa e a deslizar de grupo em grupo.

Trazes um vestido de cetim preto com o corpete cortado ao estilo clássico dos *kimonos* e normalmente adoras este vestido, mas hoje está fora de contexto, vieste demasiado bem vestida. Tens de voltar para casa. Não podes ir a pé sozinha: na tua rua há dois pontos de venda de droga e na semana passada uma mulher foi esfaqueada. Precisas do Cole. Ele está em

boa forma, faz conversa com toda a gente; preferias que ele se despachasse. Detestas a sensação de aprisionamento que as festas te suscitam, detestas estar dependente de outra pessoa para poderes fugir. Estás encurralada num vestido de cetim preto que, hoje, é excessivo.

O Cole conversa com o Simon. Não gostam particularmente um do outro, mas mantêm-se em contacto porque nunca se sabe quando poderão precisar de algum serviço. Não estão a falar do Canaletto, de tudo menos disso: o Cole não costuma ser tão directo. Há uma quebra na conversa e tu levantas-te e dizes-lhes, educadamente, que vais para casa. Diriges-te para a porta. Uma mão esparrama-se ao fundo das tuas costas. Uma mão de aço. Empurra-te para uma varanda pejada de gente e tu retrais-te, mas a mão mantém-se firme nas tuas costas.

Tenho de ir para casa, dizes, muito baixo, muito velha.

Preciso só de uma morada. Cinco minutos. Está bem?

O tempo já está a contar, e tu afasta-lo de ti.

Tu e o Cole ganharam ambos esta noite, mas o Cole ganhou mais. Ganha sempre mais.

### *Lição 31*

*as crianças nunca devem dormir com a cabeça tapada pelas cobertas da cama*

O que pensas enquanto vocês os dois voltam para casa a pé, em silêncio, a um metro de distância um do outro: O meu marido chama-se Cole e essa é a sua característica mais notável, e será suficiente? Para ficares com ele. Porque a dúvida invadiu-te como veneno, está a consumir-te.

Ele nunca te vai contar o que aconteceu. Talvez a tua única oportunidade tenha sido naquela tarde no quarto de hotel, durante a trovoadas, ainda arrasada pelo choque. E que fizeste tu? Preferiste sentar-te, com o teu coração ressoante. Mais nada. Porque foi sempre essa a tua postura, o retiro, o silêncio, e só mais tarde, muito mais tarde, é que encontras as palavras que devias ter dito. Mas nunca as proferes a tempo, tens demasiado cuidado para não magoar mesmo quando estás magoada, e és demasiado covarde, és sim. Perguntas-te o que aconteceria se algum dia soltasses a raiva que está a oprimir-te o coração. Olhas para o teu marido e sabes que agora ele nunca há-de abrir brechas no seu rosto fechado, o momento passou, perguntaste-lhe o que aconteceu demasiadas vezes e ele está profundamente farto da tua desconfiança: encerrou a loja, fechou as portadas, apagou as luzes. Já não reconheces o teu marido, tornou-se outra pessoa. Um desconhecido, que despe a Theo, se debruça para a beijar, lhe agarra as ancas, roça as pálpebras fechadas dela com os lábios, ri-se com ela na cama: fecha os olhos por um instante, a tentar bater com a porta aos pensamentos.

O Cole abre a porta da rua e entra sem verificar se vens atrás dele. Vai direito à casa de banho. Tu ficas parada no degrau, especada a olhar para a cidade-fantasma de uma relação que se estende diante de ti, sem saber se queres avançar ou não. Portanto, chegou a este ponto. Noutra vida, ligavas à Theo e tirava-la da cama, perguntavas se podias dormir no sofá dela e chorar as tuas mágoas. Imagina-la a dizer, obviamente, claro que podes, minha querida; imagina-la a meter-se no carro para te vir buscar, não queria que conduzisses nesse estado que pressente na tua voz trémula.

Não tens para onde ir.

Não sabes o que fazer.

Não tens emprego, por causa da insistência do Cole, e sentes uma pontada quente de raiva; como é que ele se atreve a incapacitar-te, como é que se ele atreve a rebaixar-te deliberadamente.

Transpões o umbral. Diriges-te para o quarto. Sentas-te ao toucador, com a cabeça baixa, as mãos a apoiarem-te as têmporas.

## *Lição 32*

*o rosto de uma menina egoísta parece, amiúde, amargo*

Meados de Julho. Uma explosão audaz de calor. O Verão começou finalmente e sentes a exuberância nas ruas: as pessoas saltam para dentro da fonte de Trafalgar Square e faltam ao trabalho para se esparramarem em Hyde Park.

O teu estado de espírito, negro tinto.

Já não tens um santuário de bondade, bons actos e rendição; estás a mudar, sentes que te tornas amarga. Regozijas quando os casais se separam, tens a sensação de que a ordem é reposta, que é assim que todos devemos estar, sozinhos. Sentes uma pequena descarga eléctrica quando os amigos perdem o emprego ou a sua nova revista dá para o torto, quando uma mulher aborta espontaneamente ou os céus despejam um aguaceiro numa cerimónia de casamento. Em que te tornaste? Soltaste-te dos gonzos, deixaste de ser um capacho, igual a toda a gente?

Mas algo começa a desenrolar-se dentro de ti. Uma ideia: viver com menos prudência e mais egoísmo. Intrigam-te as pessoas que parecem tolas e arrebatadas e ridículas, mas *vivas* com todo o caos que isso acarreta. Sempre foste demasiado cautelosa. Demasiado branda para uma redacção de jornalismo, disse o Cole uma vez, não és suficientemente assustadora nem neurótica, graças a Deus.

Prisioneira da insipidez. E do medo. E sabendo que é mais fácil instruir do que agir. Pensas naquelas pessoas que simplesmente desaparecem. A Theo tinha uma amiga encalhada numa vida que não queria e um dia disse, tenho de ir num instantinho ao supermercado, e deixou o marido à espera

no parque de estacionamento e nunca mais apareceu. Só ao fim de três horas de espera é que ele se apercebeu e pediu socorro.

Pensas em explorar um veio mais perigoso de ti mesma. Gostarias de tentar ser mais bonita, ou pelo menos interessante; beleza é poder, ensinou-te a tua mãe. Quando eras adolescente, dizia, pelo amor de Deus tira-me esses óculos, vê se te arranjas, como se achasse impossível que fosses filha dela.

Vislumbras o teu primeiro cabelo branco e arranca-lo, e depois tiras com uma pinça os pelinhos quase invisíveis do queixo e da tua barriga e sentes prazer quando os puxas, sentes que a tua vida, a tua verdadeira vida, talvez esteja a começar. Tens de fazer com que comece, não podes simplesmente desistir. Antes, a vida era uma coisa que parecia acontecer sempre às outras pessoas. Como à Theo.

### *Lição 33*

*a necessidade mais imperativa da vida é a contínua e incessante mudança*

Uma resolução, em meados de Agosto. Tens de ultrapassar este tempo de lamúrias, tão choramingão e errado, tens de arrastar-te para fora dele. A resolução de que algumas das questões graves de uma relação, no fundo, só podem ser ignoradas, não podem ser esmiuçadas e deitadas fora, se queres que a relação sobreviva. E é por isso, porventura, que algumas pessoas em relações duradoras aprenderam a conviver com o que lhes desagrada. Para recuperar a serenidade. Observaste-o em casamentos que resistiram à infidelidade, viste-os contrair uma união consolidada na velhice. Queres que a relação sobreviva?

É mais fácil ficar do que partir.

Não suportas a ideia de voltar às festas e anúncios de solteiros e jantares íntimos que fracassam, de ter de inventar sempre qualquer coisa para fazer nas noites de sexta-feira. E em breve vocês iam tentar conceber um filho. O Cole quer ser pai, um dia. Quando o encontraste, foi como uma vela na escuridão de uma caverna, e deitá-la fora depois de teres chegado até aqui, não consegues. Tiveste a relação mais satisfatória da tua vida com ele: tens a certeza de que a chama do companheirismo pode ser recuperada.

O Cole quer que o casamento dure. Tudo é resto é negado. Ele não quer saltar fora.

E tu não queres que a Theo ganhe. Por vezes, tens medo que essa razão pese sobre todas as outras. Podes derrotá-la com isto; não te lembras de a ter derrotado em nada.



Portanto, uma resolução.

Viverás com os silêncios. Porque pararam de falar, vocês os dois, estão distantes nos vossos quartos separados: ele no escritório, tu no quarto, demasiado tempo. Pelo menos não há sexo, o que é um alívio, porque a recordação do sexo reduziu-se a duas coisas: quando ele não se vinha era frustrante e quando se vinha era uma porcaria, muitas vezes na tua barriga e na cara, como um cão contra um poste a reivindicar o seu território.

Tantas maneiras de se viver como um prisioneiro.

Mas uma resolução, encontrar uma maneira de regressar a uma vida feliz. Embora só Deus saiba quando é que a fúria abrandará em ti.

Concentras-te por agora em pôr a casa bonita, minimalista e pálida, como o interior de um balão branco. Ao *teu* gosto, porque perdeste a capacidade de ceder. Nunca te atreverias a impor tanto a tua vontade. Os pedreiros deparam com uma mulher que nunca teve autorização para se mostrar, especialmente na presença do Cole, uma mulher determinada, de pavio curto e sem rodeios.

E a casa, a bonita casa, à altura das páginas da *Elle*, quando se entra está tão silenciosa como um túmulo.

No seu âmago impera um vazio, uma podridão, um silêncio quando um de vocês vai para a cama sem se despedir, quando comem juntos sem falar, quando o telefone é passado ao outro sem uma palavra. Um vazio quando todas as noites te deitas na cama de casal, irrequietamente desperta, espantada com a facilidade com que o ódio consegue roçar o amor, cercá-lo sorrrateiramente como um gato. Um vazio quando percebes que a maior solidão que sentiste na vida é num casamento, no papel de esposa.

## Lição 34

*tenha sempre uma boa reserva de roupa interior de qualidade*

O café no Soho. A sexta-feira antes do feriado de Agosto. Quente, festivamente quente. Está um homem sentado à mesa ao teu lado, a ler um jornal, *The Times*. Reparas na curva da nuca dele: que estranho é sentires-te atraída por alguém só de olhar para o seu pescoço. O cabelo é preto, como as horas nocturnas no interior do país.

Estás no passeio. Uma conduta de água rebentou aqui perto e a água derrama-se preguiçosamente pela rua. Ninguém parece incomodado, ainda. Dois homens e uma mulher gritam e riem perante a água e chapinham, estão na casa dos vinte, não deviam estar a fazer isto. Ignoram o público que os observa e daí a nada estão ensopados.

Sorris. O teu *Evening Standard* está dobrado dentro da tua carteira, acabarás de o ler no Metro — meu Deus, hora de ponta, demoraste demasiado tempo, vais ter de fazer a viagem toda de pé. Demoraste demasiado tempo porque não queres estar em casa sozinha, no silêncio. Odeias o vazio quando o Cole lá está e quando não está, também, quando faz questão de sair; é como se nada, agora, batesse certo na tua vida. Levantas-te, pronta para entrar na torrente de passageiros diários, com os seus rostos ansiosos pela enclausura do lar, e um carro dobra a esquina a guinar e corta pelo molhado, desviando-se do trio, e levanta um leque de água, que te atinge. Ficas paralisada, não te consegues mexer, a tua mente esvazia-se como se alguém te tivesse contado uma anedota e espera que percebas rapidamente a piada.

Olhas para o homem que está ao teu lado. Também ele ficou ensopado. Soltas uma gargalhada abrupta; a piada é esta. Ele faz o mesmo.

Ficou num lindo estado, dizes.

Você também.

Olhas para baixo. O teu vestido branco de algodão está triunfante-mente molhado com uma grande mancha à frente, agarra-se a ti como um pedaço de seda recalcitrante enrolada numa árvore. Deitas a cabeça para trás e sorris: oh, meu Deus. E depois um casaco de homem é colocado sobre os teus ombros, o homem conduz-te de volta para a mesa, abraça-te como só um marido deveria abraçar: com direito de propriedade.

É, obviamente, o teu homem da nuca bonita.

## *Lição 35*

### *colchetes macho e fêmea*

Tudo mudou.

Gabriel Bonilla, é assim que se chama. Repetes o nome; o som é substancial na tua boca. Sorris como quem pede desculpa por isso. Tens de esperar que o teu vestido seque para ficares decente; é capaz de demorar algum tempo e este Gabriel Bonilla pergunta se precisas de ir já para casa — não, não tem mal, não tenho nada à minha espera em casa — e ris-te, demasiado alto, e o som sai como se algo dentro de ti se tivesse partido.

Bem, olá.

Portanto, ali ficas, uma ou duas horas naquele café estreito e gorduroso e vocês os dois falam de tudo e de nada, as vozes despenhando-se uma sobre a outra, aprendendo vidas.

Soltando-se das grilhetas.

Nunca falarias com esta liberdade, esta ligeireza, se não fosses comprometida. Ser casada faz de ti uma flor esplendorosa de certeza, de segurança confiante. Mas não te impede de corar, Gabriel Bonilla cora também, exactamente como tu, plenamente, totalmente, ridiculamente e tu atreves-te a pensar que significa alguma coisa. Hesitas em perguntar se tem companhia e uma família, queres saber, tens de saber, mas temes que o esforço de perguntar te exponha demasiado, te faça corar novamente. Como depois do banho que levaste, quando percebeste que ele tinha visto o teu corpo tão vulneravelmente, demasiadas coisas, as coxas demasiado gordas

e os mamilos através do sutiã, meu Deus, tudo, e levava a mão à boca ao lembrar, mas ele baixa os olhos como se não quisesse invadir a tua privacidade, como se tivesse aberto, por engano, uma porta para dentro dos teus pensamentos.

Há algo de fascinante neste homem sentado à tua frente com o seu fato leve de Verão. Não consegues dizer ao certo o que é, mas é algo de honesto, antiquado, delicado. Errado neste mundo, neste atravancado de lojas de sexo e luzes de néon em que uma rapariga lânguida num umbral veste a pele de uma drogada. Este Gabriel Bonilla não devia estar aqui. Pertence a outro tempo, a outro lugar; o tipo de pessoa que não esperaria que fosse a mulher a guiar se houvesse um homem dentro do carro. O nome é espanhol mas ele domina perfeitamente o inglês — a minha mãe é inglesa, o meu pai espanhol — e aí está o teu riso novamente, a eclodir; ah ha, então está explicado.

O que é que faz, perguntas.

Adivinhe.

Debruças-te para a frente, apoias o queixo na palma da mão: professor, médico, espião?

Sou actor, diz ele.

Recostas-te. Retraís-te, apenas um pouquinho. Não conheces nenhum actor, nem tens a certeza de que queiras conhecer algum.

Não estou a reconhecer a sua cara. Deveria?

Não, não, ri-se ele. Já ninguém me conhece. Em tempos fui famoso, durante cerca de uma semana, no final da adolescência. Entrei numa novela péssima — e levanta a mão perante a tua pergunta, não tenciona divulgar o nome — e depois dois filmes de Hollywood que foram um êxito, mas pouco fiz desde então. Agora vivo com medo de aparecer num daqueles programas *Que é feito de...*?

Ris-te. Sempre desconfiaste de actores, suspeitas que nunca chegam a sujar as garras no caos da vida, vivem em segunda mão. Estás a ser injusta, mas de repente mostras-te ríspida. De que é que vive então, perguntas.

Locuções. Anúncios. Direitos estrangeiros dos vídeos. Um papel como actor convidado aqui e ali. E quando era novo, fui sensato. Comprei um apartamento.

Que faz, nos momentos mortos? Como é que preenche os seus dias?

Vejamos, durmo até à uma da tarde. Bebo *whisky* ao pequeno-almoço. «Snifo» uma linha de coca. Riem-se ambos. Não, não, vou ao ginásio e dou aulas na Escola de Actores, vou a *castings*, esse tipo de coisas. Leio muito, viajo muito, pratico remo, vou ao cinema, bebo demasiado chá.

Não consegues compreender totalmente uma vida como essa, nenhum dos teus pares ainda vive tão livremente. Este Gabriel Bonilla responde às tuas perguntas como se lhes tivesse respondido milhares de vezes e se estivesse nas tintas. A falta de preocupação com a Segurança Social e a carreira e o que faz na vida intriga-te, é disparatada, estranha. Parece-te um homem que não tem fome de nada, tem um apartamento e dinheiro suficiente para se aguentar; não precisa de se agarrar a nada, não precisa de correr. Tem o seu quê de atraente, essa leveza. Depois ele diz que está a escrever um guião sobre uma coisa em que é viciado e tu debruças-te para ele: o quê, ande lá, conte-me.

Touradas.

Engoles uma gargalhada. Empurras a miúda para baixo, sentas-te em cima da tampa da caixa em que a guardas.

*Touradas?*

Também ele se ri, o pai dele era matador mas nunca foi um sucesso porque não era suficientemente suicida, gostava demasiado da vida. O pai só participou em touradas de província, mas ele tem uma ideia para um filme, anunciou à família que finalmente vai encetar uma vida decente e anda encafuado nas maravilhosas bibliotecas de Londres, as melhores do mundo, e está atolado até ao pescoço em pesquisa. Também é lá que escreve, se não saísse de casa dava em doido. Observas as mãos dele, compridas e esguias, como as de um padre, pegas nelas e ele diz-te que os matadores dependem da força do seu pulso para deixarem a sua marca e as tuas mãos escorregam debaixo das dele e tentam fechá-las num círculo, as tuas mãos como os apoios de uns remos, e sentes o seu peso, agarra-las, macias.

As do teu pai são parecidas com as tuas, perguntas.

Completamente. São iguaizinhas. E também herdei a tosse dele. E o riso.

Mas são tão magras, brincas, não conseguiriam matar um touro!

Não tem nada a ver com agressividade nem com força. Ai, *dios mio*, tens tanto que aprender, e ele baixa a cabeça para as palmas das mãos, ainda nas tuas.

Como é que aqui chegámos, tão de repente, tão depressa? Recostas-te. Olhas para ele. O lábio inferior carnudo, polpudo, pronto para ser mordido. As pestanas compridas e pretas como as de uma criança. O seu vulto alto na cadeira, um certo constrangimento por causa disso, talvez tenham feito troça dele na escola. O corpo em forma. Há uma determinada beleza nele, na sua timidez, na sua decência, nunca estiveste com um homem de corpo bonito, nunca te preocupaste suficientemente com isso. Imaginas este Gabriel Bonilla nu, a tua palma da mão no peito dele, a ler a sua vastidão e o coração pulsante, e cruzas as pernas e apertas as coxas e sorris como uma miúda de dez anos que acaba de ser apanhada a comer os últimos chocolates da avó.

Um dia levo-te a uma tourada, diz ele. Prometo que vais adorar.

Sentes o calor nas tuas faces, tentas acalmar-te, vês o calor no rosto dele também. Reconheces a timidez dele porque tu sempre foste tímida. Raramente vês timidez num homem, está sempre disfarçada de arrogância, brusquidão, distração. Vocês são demasiado parecidos, tu e este Gabriel. Reconhece-lo na maneira como ele não se senta confortavelmente no mundo, não consegue acompanhar o passo. Um actor ainda sem emprego fixo e não se importa. Sorri em cheio nos teus olhos, desconcentras-te e todas as tuas perguntas desaparecem subitamente. Ele desvia novamente a conversa para ti, interroga-te como se estivesse a tentar extrair a medula da tua vida: o teu casamento, apartamento, família, emprego, colegas, patrão. Respondeste abertamente, facilmente, a conversa flui suavemente, preenhe de uma perigosa prontidão, uma leveza que canta dentro de ti.

Mas dizes a ti mesma que não tencionas estragar tudo indo para a cama com ele, não deixarás que o sexo manche esse laço de afinidade. Não queres o constrangimento, não queres o hálito azedo do amante pela manhã nem autoclismos por puxar e cheiro a tabaco ou peidos. Demoraste um ano a conseguires peidar-te quando o Cole estava no quarto ao lado, dois a fazê-lo na presença dele. Às vezes mordes as tuas bochechas por dentro com tanta fúria que fazes sangue e o ruminar dos teus lábios é uma coisa privada, peculiar, que nunca ninguém vê a não ser o Cole. Cortas as unhas

dos pés à frente dele, usas roupa interior a desfazer-se, cagas, mijas. Abres-te perante o teu marido como não o fazes com mais ninguém, mas talvez ele saiba demasiado: perdeu-se a magia toda.

Cole.

Costumavas falar com ele assim, antigamente, quando eram amantes recentes. Não queres que o Gabriel Bonilla se desiluda contigo, que se afaste à deriva antes mesmo de algo ter começado. Portanto, a situação manter-se-á exactamente como está, como um documento secreto enfiado no fundo de uma divisória da tua carteira, sempre escondido, sempre perto, para que possas tirá-lo e sonhar à vontade, a combinação de um cofre, o mapa de um tesouro, o plano de fuga de um prisioneiro.

O Gabriel puxa de uma caneta de tinta permanente que abre com um clique tão agradável como o de um *bâton*. Escrevinha um número nas costas da conta. Há tanto tempo que nenhum homem te dá o seu número de telefone. Que significa, que vem a seguir, estará ele a brincar contigo, será um jogo? E quando os teus dedos roçam nos dele, tu retrais-te, demasiado depressa.

Ele *sabe* que és casada. Diz que gostava de conhecer o Cole. O que te deixa desconcertada.



## *Lição 36*

*a felicidade e a virtude residem ambas na acção*

No Metro trepidante de regresso a casa, os teus dedos inquietam-se com o pedaço de papel como um arqueólogo com um fragmento numa escavação. São tão raras estas afinidades, talvez ocorram uma ou duas vezes na vida. Tê-la-ias aproveitado noutros tempos, quando eras jovem; terias sonhado que seria, porventura, a semente de um grande amor arrebatado. Mas agora? Um actor alto, tímido e desempregado, da tua idade mas que, de certa forma, parece em gestação, como se ainda não tivesse entrado em pleno na vida. Um ser errante e sonhador, expectante junto do telefone, refém do seu agente, vivendo sempre ao sabor da vontade de terceiros.

Tudo o que o Cole não é.  
Com os dias para ele.

Sorris. Levas o papel aos lábios como se estivesses a ungi-lo. Amanhã ligas-lhe, só para dizer olá, como amiga, apenas isso. Tens a sensação de que mergulhaste na parte mais baixa de uma piscina fria, num salto irresponsável, mas está tudo bem, não fracturaste a coluna; podes sorrir enquanto nadas contra os obstáculos, o teu corpo afugenta o perigo, sobreviveste ao risco.

Tudo mudou e a mudança conforta-te, a expectativa envolve-te como um xaile, sentes um arrepio de gozo ao pensares secreta, secretamente, nele.

### *Lição 37*

*das meninas e das mulheres depende quase exclusivamente a felicidade doméstica dos homens*

Onde é que andaste a noite toda?

No cinema.

Que filme foste ver?

Um qualquer iraniano, tu ias detestar.

Hum.

O Cole come um prato de sopa de tomate *Heinz*, empoleirado no banco da cozinha, com um *pullover* de fim-de-semana sobre a camisa de trabalho. O frigorífico é agora túmulo de artigos com estranhos cheiros e tumores: queijo bolorento, pão com manchas azuis, frascos de pasta de tomate com uma suave penugem pálida. Ultimamente, já nenhum dos dois se importa, o forno serve para guardar tachos e panelas, há muito tempo que não se fazem os assados de domingo. Havia uma ternura tão grande na vossa casa, outrora: a Theo costumava aparecer com frequência, inesperadamente, como se viesse aconchegar-se no seu calor.

Agora, tu e o Cole deixaram de tentar. Antes, tinhas pavor disso, que enquanto casal parassem de oferecer-se para pôr a água do banho a correr, fazer uma chávena de chá ou lavar a louça. Na verdade, sobrevive-se. O oposto do amor não é o ódio, é a indiferença. Indiferença emocional, indiferença física. Não fazem amor desde o quarto de hotel cheio de rosas frescas a cada dois dias, mas hoje dás-lhe um beijo no cocuruto da cabeça e deixas os teus lábios demorarem-se e algo desperta nas tuas virilhas.

Vou-me deitar, dizes.

Hum, novamente; imerso nos *Simpsons* e na sopa.

Não parece reparar no teu gesto, ou não quer ceder nesse momento: já só faltam dez minutos de *Simpsons*.

Sorris. Não te importas. Porque voltaste para o sol, tens as costas quentes. Tens um amigo novo na tua vida, para brincar, para te fazer sentir jovem, para te despertar.

## *Lição 38*

*um banho frio facilitará o sono a uma pessoa que esteja demasiado desperta*

O Cole fica acordado até tarde, não é invulgar, muitas vezes se deitou a horas diferentes de ti. Provavelmente está agarrado ao portátil, à procura de pornografia. Ficou embaraçado quando o apanhaste pela primeira vez, há vários anos: fechou o ecrã com um gesto brusco. Agora, limita-se a desviar o computador de ti. O gaguejo de uma cortesia, mas não chega.

O Cole disse-te uma vez, no início, que ficava acordado até tarde porque gostava da cama quente, és a minha botija de água quente, dissera ele e tu soltaste uma gargalhada e lambeste-o atrás da orelha. Costumavas pensar que o teu marido não era tão agitado e tumultuoso como tu, mas sereno: limpo, aberto, descomplicado. Agora sabes que existe uma vida secreta da qual nada sabes e nunca hás-de saber, e ninguém conhece a vida secreta de ninguém.

Agora vê-lo com mais clareza. Um homem que passou pela idade adulta a pairar, com a serenidade e a distância de alguém que não quer perguntas demasiado íntimas. Esconde-se atrás de uma máscara de calma absoluta, dá a impressão de estar sempre a guardar as suas energias para outra pessoa. Parece confortável com o seu destino, talvez seja feliz, talvez não. Nunca ninguém chega a perguntar-lhe. Sente-se feliz mantendo essa distância entre si e o mundo, sem se revelar demasiado.

Tu, agora, queres que te puxem para perto. Já não queres o retiro do casamento, a pequena bolha de companhia que antigamente era tão cómoda.

Nos primeiros tempos, visitavas o *atelier* do Cole e sentavas-te num banco alto entre os cavaletes e as paletes e os candeeiros agressivos de luz azul, as garrafas de diluente e as luvas cirúrgicas. O espaço cheirava a tintas de óleo e vernizes e terebentinas, e era desarrumado como a oficina de um sapateiro. Amavas o homem escondido por debaixo, que emergia tão assombrosamente no seu espaço privado. O avental por cima da camisa de trabalho, as mangas cuidadosamente enroladas, estava sempre salpicado de gesso e tinta.

Nessa altura, ele andava a trabalhar num retrato de Madame Recamier do início do século XIX, uma conhecida beldade francesa da época. A tela estava esticada sobre uma mesa aquecida, para suavizar a superfície, e ele ia falando debruçado sobre ela. Madame Recamier fora criada num convento e casara aos dezasseis anos com um banqueiro abastado. A união nunca foi consumada; corria o boato de que o marido era, na verdade, pai dela. O Cole contou-te, enquanto retocava a sua face pálida com uma espátula com a ponta envolta em algodão, que para compensar o deserto do casamento, ela usava a sua beleza para atrair dezenas de homens, mas mantivera-se virgem a vida inteira.

Foi amaldiçoada por todos os pobres coitados que se apaixonaram por ela, disse ele, endireitando-se e avaliando o quadrado brilhante do seu trabalho. Ela tinha uma calma extraordinária. Todos caíam nessa armadilha.

Dá para ver, disseste. Pelo sorriso dela.

Observaste o teu marido debruçado sobre a superfície fendida da tela com o cuidado de um canteiro a trabalhar a pedra, limpando as farruscas e fuligem até o rosto de Madame Recamier, e depois o corpo, reluzirem pálidos à vossa frente. Ficaste hipnotizada pelos dedos dele, meticolosos com a atenção do amor, dando vida aos lábios, apenas aos lábios, numa tarde dourada, noutra, a curva pálida do seu peito.

Limpar é sempre a parte mais perigosa do processo, disse-te ele. É tudo tão imprevisível. O que encontras por debaixo pode ser magnífico, ou algo que te apetece deitar fora. Nunca se sabe.

Naqueles tempos, eras capaz de ficar a vê-lo e ouvi-lo uma eternidade: adoravas a sedução de um homem embrenhado no trabalho. Sabias, então, que era um amor recíproco e um dossel de alegria sobre a tua vida.

Vês o teu marido, agora. Um homem que se esconde na arte e na pornografia, alimentado por um mundo interior que desconheces. O seu trabalho é um universo do qual nunca poderás fazer parte, ele enterra-se nele, da mesma maneira que se enterra no fosso da sua vida secreta.

Por que é que casaste com ele?

Porque ele disse que sim. E tu chegaras a um ponto em que já não esperavas que um homem te quisesse assim tanto. E ele era tão bom amigo, desde o início, era um companheiro; nunca um daqueles amantes acerca dos quais te interrogavas sobre o que teriam em comum contigo, além do sexo. E há aquele profundo anseio dentro de ti, quando passas dos trinta, a necessidade urgente.

*Dêem-me filhos senão eu morro*, escreveu a isabelina anónima, autora do teu livro antigo.

É isso mesmo.

O Cole tem predilecção por uma determinada fotografia tua, diz que revela o teu lado secreto. Foi tirada para ilustrar o artigo de uma revista sobre jovens promissores, jovens a manter debaixo de olho, e os seus mentores. Foste escolhida por uma antiga aluna tua, agora pivô da ITV, uma rapariga ambiciosa que rectificara as suas vogais do Sudoeste de Inglaterra e ascendera meteoricamente do jornal regional de Bristol para o horário nobre da televisão. Havia também um famoso violinista, um geneticista, um arquitecto, um romancista.

Não querias fazê-lo, mas não disseste que não, claro: era uma boa forma de publicidade para a tua faculdade. Na verdade, nunca gostaste particularmente dela, tiveras ciúmes e algum receio da sua férrea sede de sucesso. Ela escondia a determinação por detrás da simpatia e da lisonja, mas não te deixaste enganar.

O fotógrafo era colombiano. Vocês deixaram-no exasperado, ele queria que o grupo se descontraísse. Pediu-vos para pensarem na coisa mais sensual que conseguissem imaginar e que a gritassem, e seguiram-se risos constrangidos e depois o silêncio.

Pele com pele, disse a tua antiga aluna, de repente. Outra pessoa: *foie gras*. A macieza das pernas de um bebé. Nadar, nu, à meia-noite. O cheiro da relva acabada de cortar. O *Sanctus*, de Fauré. O riso de uma amiga.

Até que já só faltavas tu.

Beijar a nuca do teu marido, disseste, enquanto ele estava absorto no trabalho. A tua voz trôpega e hesitante, muito corada. A fotografia foi tirada e quando a publicaram, estava tudo, ainda, estampado no teu rosto.

O Cole adorou aquele olhar, conhecia-o bem mas nunca o vira captado em película.

Não se lembrava de tu alguma vez o teres beijado na nuca enquanto trabalhava.



## *Lição 39*

*nunca deve haver demasiadas pessoas a dormir num quarto*

Noite, cama, sozinha, e a luz forte do que aconteceu durante o teu encontro com o Gabriel está-te impressa na cabeça, como as luzes fluorescentes demasiado intensas que nunca se desligavam nos corredores do teu colégio. O Cole adormeceu no sofá à frente da televisão. Não consegues dormir, não consegues dormir, e depois é alvorada. O amor é atenção e tu não estás a receber nenhuma: és como um balão que se soltou de um punho que o segurava e agora trepa e guina num céu entrecortado.

Pensas noutras coisas, na cama, sozinha. Fazem-te companhia a maior parte das noites, para te embalam até dormires. Um grupo de homens a verem-te ser penetrada pelo cabo de uma vassoura. Não conheces muito bem nenhum dos perpetradores. Nunca é íntimo ou terno. É filmado. Por vezes, estão mulheres a assistir à penetração; com velas, com animais, por vezes as mulheres participam. E os homens. Mãos percorrem o teu corpo nu, afastam as tuas pernas, sondam, deslizam lá para dentro. Quase todas as noites imaginas estas coisas para caíres no sono. Os filmes na tua cabeça eram mais vívidos na tua adolescência, ainda te lembras do efeito há vinte anos, da intensidade deles. E agora, depois da tarde do Gabriel, estás amplamente desperta e comprimes os teus dedos entre as tuas pernas e queres sentir novamente a fásca dessa adolescência, queres essa combustão sob a pele.

Queres telefonar à Theo, tens saudades da tua confidente, é um silêncio enorme na tua vida. Ela era a única pessoa com quem te sentias à vontade para telefonar depois das dez. Falavas frequentemente sobre sexo com

ela, o que querias, o que não querias; todas as coisas que nunca disseste a um homem. Adoravas a expressão que ela usava para descrever uma boa queca — porca — significando que seria ordinária, sexo *sexy*. Um homem porco, sempre adoraste essa ideia. E sexo *sexy*.

Agora, sozinha, és tolhida pela cautela. Alguma vez agiste, enquanto adulta, exactamente como te apetecia? Refreaste-te durante tanto tempo; a boa professora, amiga, esposa. E és completamente passiva na cama, toda tu rendição e desejo de agradar. A tua vida de fantasia nunca se infiltrou na vida real. Mas na cama, agora, sozinha, a possibilidade leva a chave à fechadura, como um matutino feixe de luz no deserto, chamando-te cá para fora.

O Cole entra tropegamente no quarto às cinco da manhã e comprime o corpo contra ti, como se estivesse a tentar extrair o calor da tua carne. Tu afasta-lo com uma sacudidela.

## *Lição 40*

*são poucos os que deliberadamente prejudicam a sua própria saúde, mas  
são muitos os que inconscientemente a destroem*

Dez da manhã.

Pegas na carteira, esperando que não seja demasiado cedo para estares a ligar, nem sequer sabes o que dizer, só olá, será que chega, e queria agradecer pelo outro dia; ensaiaste-a, a ligeireza na tua voz. Estás a viver mais arrojadamente, estás a começar, e as palavras da Theo ecoam na tua cabeça: é escusado esperar que a luz apareça ao fundo do túnel, tens de caminhar a passos largos e ires tu acender a porcaria da luz. Não tem nada de mal arranjar um amigo novo, porque eles são cada vez menos, à medida que o tempo vai avançando na tua vida cada vez mais estreita.

Dez da manhã e o teu coração ressoante, o teu coração ressoante.

O pedaço de papel não está dentro da carteira.

Reviras a carteira de uma ponta à outra e procuras no chão e nos degraus e no quintal lá fora, mas desapareceu e os teus dedos arrastam-se pelos cabelos e os teus dentes desfazem as unhas, o telefone não consta da lista telefónica e tu não tens a morada, claro está, e depois sentas-te no soalho da entrada, com a cabeça atirada contra a parede, durante muito tempo, muito quieta, no apartamento, com o seu silêncio sepulcral.

Ele foi-se.

Como se pedaços tivessem sido arrancados do livro do teu futuro.

Não te consegues mexer, a tua vida inteira parece atolada: não sabes o que fazer a seguir. Ficas sentada durante tanto tempo, a mão enfiada nas cuecas, contra a tua pele nua. Quando retiras os dedos, observas o brilho glutinoso neles, como um grito. Sorves o ar, a tua mão treme; és novamente uma adolescente, uma mudança tão abrupta.

Mas não tens número de telefone, nem morada. E ele não tem os teus. Ele foi-se.

Sentes-te esgotada. Precisaste de tanto esforço para chegar a este ponto, para superar a náusea e os nervos, para te decidires a pegar no telefone. Não te apercebeste do quanto estavas a contar com a possibilidade dele, de algo novo para preencher a tua vida, até que o perdeste.

## *Lição 41*

*lembre-se de caminhar com passos vigorosos e não vaguear pelas ruas  
nem demorar horas a olhar para as montras das lojas*

Regressas ao café no Soho, sozinha, ao longo do mês de Setembro, e de Outubro, e ele nunca volta.

Numa segunda-feira de sol frio, uma rapariga está ao teu lado. Lê as páginas de sexo da revista *The Face*; está solidamente sozinha, como se este café fosse o escritório dela e se sentisse à vontade na sua pele desde sempre. Gostarias de sentir o mesmo. Compras a *The Face* no regresso a casa, corando quando o vendedor recebe o teu dinheiro. Nunca mais voltarás àquela loja, não és aquela rapariga.

Nessa noite, sozinha, no quarto, palavras que nunca ouviste antes:

Californicar: copular despudoradamente em todas as posições possíveis e imaginárias. Cachorro com chili: defecar no peito de uma mulher, depois masturbar-se entre as mamas. Cadeia de margaridas: uma série de pessoas ligadas por sexo oral. Inundar a caverna: urinar para dentro da vagina da parceira. Broche trauteado: fazer um broche a trautear uma melodia. De vez em quando fechas a revista e alisas a capa, coloca-la no fundo da gaveta da tua mesinha-de-cabeceira, verificas se está bem escondida.

Repugnada. Horrorizada. Molhada.

A pensar na mulher sentada no café e no homem que nunca voltou. A pensar em sexo anónimo, descomplicado. A excitares-te com tudo isso, agora, em vez de descansares e adormeceres; querendo-o na tua vida.

## *Lição 42*

### *toda a mulher dita a sua própria moda*

No dia seguinte, no café, és como uma anémone a desenrolar os tentáculos no apelo sedoso da água, porque decidiste que nos próximos seis meses vais viver a tua vida de maneira diferente da que viveste até aqui: de forma indulgente, egoísta, determinada, antes de o casamento e a maternidade se abaterem sobre ti. Sonhas em ser fiel apenas ao teu próprio prazer, sonhas, com renovado entusiasmo, em encontrar uma foda satisfatória. Se algum dia tiveres coragem para o fazer.

Andaste a saltar de cama em cama, no teu último ano da faculdade, impelida pela ideia de te lançares no mundo sem qualquer experiência sexual, uma virgem aos vinte e dois anos, cheia de vergonha e desprezo perante esse facto não-consumado.

Tinhas uma certa inocência então, com vinte e poucos anos. Podias passar por uma miúda de dezasseis, ainda a precisar de ser ensinada, o teu rosto ainda não se tinha acomodado. Portanto, num sábado à noite, em casa de uma amiga, embriagaste-te e encheste-te de coragem, tinhas de despachar o assunto. Estava um homem ao teu lado na entrada; era mais alto do que tu, tinha pele clara, ele servia. Todos os outros estavam embrenhados num episódio duplo de *The Young Ones*, nem dariam pela tua ausência.

Inspiraste fundo: queres ir lá para cima, perguntaste.

O quê, disse ele, aproximando-se.

Vamos lá para cima, anda.

Pegaste-lhe na mão; ele não fazia ideia que o teu coração batia desenfreado. Nunca mais o viste, não quiseste, esqueceste rapidamente o seu nome. Seguiram-se muitos. Mordiam sempre o isco, pensando que eras tu, na realidade, a presa, sem perceberem que a miúda com cara de quem precisava de ser ensinada se tornara colecionadora, uma arquivista de experiências sexuais. Todas desapontantes: demasiado secas, dolorosas, anticlimáticas, desajeitadas, frouxas.

Portanto, experimentaste outra coisa. Um homem mais velho. O teu vizinho, o designer gráfico que nunca assentara na vida. A diferença de idades era de dezanove anos. Foi pior. Ele pertencia a uma era em que o sexo era meramente para satisfação do homem; pensava que uma boa foda era martelar vigorosamente enquanto tu ficavas quietinha a pensar no bem da nação; achava que os preservativos eram uma anedota. Disse-te, depois, enquanto esfregava a tua barriga lisinha, que não era capaz de se deitar com uma mulher com mais de trinta anos, não gostava suficientemente delas para o fazer: a pele flácida do pescoço, as rugas na cara, os corpos a alargarem para os lados. Mas tu conheces outra razão, agora; porque por essa altura já as mulheres perderam a sua docilidade, têm percepção, sabem demasiado.

E também elas querem coisas.

Portanto, não houve faísca. A Theo, entretanto, parecia ir de vento em popa no campo dos homens e da vida em geral. Para ti, o melhor instante era sempre o da expectativa, o prazer de dar aos homens o que eles queriam e assim que as roupas caíam perdia-se qualquer coisa. Pareciam sempre duas pessoas a tentarem estabelecer ligação mas a falharem redondamente, e havia nisso um abismo de solidão e, anos depois, desististe e mergulhaste no teu mundo de sonho todas as noites. E os teus vinte anos passaram.

Se por acaso fazias amor, os teus pensamentos excitavam-te mais do que o toque do homem. Ele nunca sabia que não era o centro da tua atenção enquanto estava em cima de ti, que estava apenas ligar o filme dentro da tua cabeça. Enquanto te penetrava, a tua atenção desviava-se para uma imagem que desencadeasse o teu prazer. Pouco ou nada tinha a ver com a pessoa que fazia amor contigo. Nunca consideraste o sexo *sexy*; talvez surgisse com o próximo homem ou com o outro a seguir, mas nunca fez combustão dentro de ti. Porquê tanto espalhafato?



Tinhas muito mais jeito para esse tipo de sexo, sozinha, dentro da tua cabeça.

### *Lição 43*

*a lei para todos é primeiro o dever e só depois o prazer*

O que tu queres:

As luzes apagadas. Um toque que seja suave, lento, provocador, que te empolgue, que te faça desejá-lo de mais. Um orgasmo; não tem de ser em simultâneo com o homem, basta-te um orgasmo só para saberes de que fala toda a gente. Olhos nos olhos. Ejaculação rápida, que não nas tuas mamas ou na tua cara. Um abraço depois, pele contra pele. Sexo oral, precisamente onde tu pedes, durante o tempo todo que quiseses, com a suavidade e a lentidão que te apetece. Sexo descomplicado, sem compromissos, em que o homem fará exactamente o que tu queres. Reivindicar felicidade para ti mesma: estás tão habituada a concentrar-te no prazer do teu parceiro, à custa do teu.

O que tu não queres:

Chupar um pénis. Cheiro a fumo e bafio. Uma língua dentro do teu ouvido. Roupa interior que meta cetim ou tangas ou padrões tigreza ou rendas. Que o sexo vaginal se prolongue demasiado tempo. Uma estocada com tanta força que arda, magoe. Engolir. Mamar nas tuas mamas, lambe as tuas mamas, seja o que for nas tuas mamas. Perguntarem-te *em que pensas*. Que to enfiem quando estás cansada, suja, seca. Que te imobilizem. Pressa para entrar. Um pénis demasiado grande. Gritos no clímax, ou gemidos, ou qualquer expressão do género «aah, sim, querida» e «força». Que

te virem as costas depois do orgasmo com demasiada prontidão. Ser posta na rua demasiado depressa.

O que adoras:

A curvatura do pé, os ossos, espalhados como as pontas de um ancinho. Unhas largas, curtas, limpas. Pulsos à Miguel Ângelo. Higiene. A tua nuca acariciada. As tuas pálpebras beijadas. Aconchego por debaixo dos lençóis. Roupas despidas lentamente, com uma expectativa requintada. Encostarem-te a uma parede fria e lisa. O som da respiração de um amante junto da tua orelha. Os teus cabelos puxados para trás quando ele está dentro de ti. O teu nome dito em voz alta antes de ele se vir. Ligação, uma sacralidade a pairar entre vocês os dois. Sedução lenta, intrigante, única, através de lisonja, gestos extravagantes, texto: fragmentos de poemas rabis-cados em guardanapos, *e-mails* porcos que nunca deviam ser enviados, cartas de amor escrevinhadas em passes do metro, um verso composto com *bâton* nas tuas costas enquanto dormes, escrito de trás para a frente, para o leres no espelho; ah sim, tudo isso.

## *Lição 44*

*se tiver um cão e nunca o deixar sair à rua, o coitado vai ladrar e uivar  
terrivelmente*

O Cole tem uma prenda. Não te dá prendas há tanto tempo, desde Marquexe, em que recebeste chocolates, revistas e jóias dos *souks*. Protestas mas sorris, é mais forte do que tu, porque indica um degelo, um suave regresso a uma via mais fácil. Sentem-no ambos, o tempo está a suavizar as coisas. É o que vocês os dois desejam.

É um envelope. Deslizas os dedos por baixo da badana pesada, creme.

Inscrição particular na Biblioteca de Londres. A biblioteca dos escritores. É demasiado irónico, devastador, hábil e o teu coração incha de luz e culpa. O teu marido está a chantagear-te com generosidade e tu sabes exactamente o que farás, porque a biblioteca dos escritores poderá, poderá eventualmente, ser frequentada por um actor que ande a fazer pesquisa para um argumento, talvez.

Achei que talvez te desse um empurrãozinho, diz o Cole. Para o livro.

Ah, o livro.

Porque lhe disseste que, um dia, gostarias de pegar no teu ousado texto do século xvii e fazer alguma coisa com ele. Foi uma das razões pelas quais ele insistiu tanto em que deixasses a escravidão do ensino, para experimentares algo que sempre quiseste fazer — embora por vezes desconfies de que ele estava apenas a querer guardar-te só para si. Mostraste-lhe o trecho em que a autora dizia que as mulheres casavam não por prazer, mas pela procriação; e a conclusão dela de que as mulheres de homens estéreis devem poder dormir com outros homens saudáveis e carnaís. Não é uma

maravilha, lembras-te de ter dito a brincar, quando é que posso começar? E o Cole pegara-te com firmeza no braço e dera-te uma palmada, daquelas que ardem, no rabo.

Para o armário. Já.

E tu riste, riste, riste.

Disseste ao Cole que havia um romance em potência no texto, ou porventura uma história pessoal, com aquele tipo de intimidade que abre brechas nas vidas privadas. Soube-te bem contar-lhe, como se desse algum peso à tua própria vida. Agora, porém, não estás certa de realmente estares a falar a sério.

Mas ele não se esqueceu.

Ninguém, a não ser o teu marido, sabe da cautela que rege a essência da tua vida. A tua vida de adulta tem sido um progressivo retiro da curiosidade e do espanto, uma infindável série de atrasos e adiamentos. Querias ser tanta coisa, antigamente, mas a vida teimou em intrometer-se. Brilhaste no teu curso de Jornalismo, mas nunca foste suficientemente ambiciosa para uma redacção. Tinhas pavor dos telefonemas frios, de invadires a vida das pessoas. Fizeste um mestrado e deixaste-te levar pelo ensino e sempre duvidaste das tuas capacidades: dizias *não deveria ser outra pessoa*, quando os teus colegas te incitavam a candidatares-te a um cargo mais alto; perguntavas: *eu? A sério?* Quando te ofereciam uma promoção, nunca pedinchavas um aumento de salário. Acomodaste-te. Esquivaste-te à criatividade, ao voo, ao risco, nunca tiveste coragem de dar asas a um sonho, qualquer sonho.

E agora levas o envelope aos lábios e sorris e beijas o teu marido na testa. Irás à biblioteca amanhã, dizes que é a prenda perfeita. Não lhe dizes que vais à procura de um homem muito bem vestido, com uma nuca bonita. Porque o Cole está a seduzir-te com cortesia e tu queres que ele saiba que lhe estás muito grata.

Mas por dentro sentes-te a patinar, e cheia de luz e culpa.

Sabes o que a Theo faria nesta situação. Interrogas-te em relação à tua esposa isabelina. Se ela alguma vez aplicaria na prática a sua teoria, se seria assim tão corajosa, ou estúpida. Indulgente. Egoísta. Ousada.

## *Lição 45*

*Deus dá o pão mas não amassa a farinha*

A Biblioteca de Londres detém o tempo, arrasta-te para as suas ricas e sombrias profundezas e prende-te aí, cativa, absorta e perdida. Arranjas um lugar para escreveres na velha sala das enciclopédias; incrustadas no chão estão discretas tomadas para ligar os computadores portáteis. O teu pequeno tomo está recatadamente pousado na tua secretária, com a sua reluzente capa de pele cor de café e fechos partidos. E as suas declarações chocantes, no seu punho firme e certinho.

*Eva era superior a Adão. Eva tinha menos pecados do que Adão.*

*Um marido almejavam elas ter, não para serem esposas, mas para se tornarem mães. Pois sabem que a salvação das mulheres reside na procriação.*

*Sabei que um homem, que sendo demasiado velho, estéril, débil e frágil, deverá ter a delicadeza e cortesia de permitir que a sua esposa o substitua por outro homem mais apto, para que possa ser fecundada.*

*As mulheres detêm o poder sobre os homens.*

Por que é que a autora se sentira compelida a escrever aquelas coisas? O que é esse distanciamento, essa escoriação dentro de ti? Por que teimas

em fazer coisas que não queres, agora que estás mergulhada nesta relação? Toleraste tanto antes, sob o brilho do novo amor, agora não. Por que te sentes mais forte e serena quando estás sozinha, ao ponto de não queres o teu marido demasiado tempo perto de ti? Toda a gente sempre te considerou uma excelente candidata ao papel de esposa; és complacente e boa companhia, suportas, com entusiasmo fingido, jantares com os sogros, filmes de acção, *cocktails* com clientes. Se eles soubessem da tua inquietude, as palmadinhas no teu cotovelo, os puxões na tua saia.

Não sabes o que fazer ao certo com o livro, no início, é como se caminhasseste debaixo de água. Mas há-de surgir-te alguma ideia. E tens muitas distrações — revistas, jornais e a Internet e procurar o Gabriel, resta-te sempre essa possibilidade.

Especialmente na sala de leitura, à hora do almoço, não vá ele aparecer.

O espaço é alegre, cheio de luz das janelas altas e sussurros de celebração, denso de academismo e sono. Poltronas antigas de cabedal alinham-se em fila, num repouso imponente, as suas barrigas a roçarem o chão. Começas a conhecer os visitantes habituais. O velhinho elegantemente vestido que coloca um lenço de linho branco no assento antes de conseguir sentar-se, muito devagar. O homem corpulento sempre a dormir, com a cabeça caída para trás, a boca aberta, as mãos protectoramente cruzadas sobre um livro ao peito, como a Bíblia de um morto colocada pela viúva. A mulher apagada que chega todos os dias pontualmente ao meio-dia e se ajoelha no chão ao lado de um homem a ler e repousa a cabeça nos joelhos dele. Os dedos do homem escovam, distraidamente, os cabelos dela e não falam durante meia hora e depois partem e o teu coração enche-se de ternura pelo que eles têm enquanto casal — porque também o tiveste um dia — e depois contrai-se pelo que eles, um dia, se tornarão.

A biblioteca dá-te uma sensação de labor, escora a tua vida. Vestes-te como se fosses trabalhar; não és a única que o faz. Um senhor de meia-idade, de fato às risquinhas, limita-se a ler o *The Times* todos os dias de fio a pavio e desconfias de que, por detrás dos colarinhos e punhos creme engomados, se encontra uma mulher e perguntas-te quanto anos mais ele aguentará o casamento.

Em pouco tempo, passas a frequentar vorazmente a biblioteca, queres a tua dose diária, precisas dela como precisavas do teu café antigamente. No sufoco de Londres, no meio da sua energia suja e musculosa, o edifício estreito é um refúgio e um bálsamo. E procuras, sempre. Porque estás infectada pela memória do Gabriel e sentes, com uma estranha certeza, que ele virá.



## *Lição 46*

*as pessoas preguiçosas que preferem refugiar-se em casa contraem frequentemente doenças*

A sala dos computadores da biblioteca, de onde envias *e-mails* aos teus amigos e viras os jornais do avesso à procura de mexericos do mundo do espectáculo: os últimos casamentos que desmoronaram, os melhores e piores vestidos de recentes cerimónias de entrega de prémios, gravidezes em Hollywood, detenções. Estás sentada a uma secretária com os sapatos caídos dos pés e os joelhos puxados para cima — tem qualquer coisa a ver com ser novamente jovem, com viver uma vida mais vívida.

Um homem espreita divertido por cima do teu ombro, a tentar ler o que tu estás a ler, e tu olhas para cima, assustada. Pergunta se queres ir tomar um copo com alguns dos *habitués* depois do trabalho. Olhas à tua volta, para as outras seis pessoas presentes na sala e percebes que todas se conhecem, formam um grupo. Instintivamente preparas-te para dizer que não, é um hábito teu recusar a segunda chávena de chá, o lugar no Metro, a bebida depois do trabalho. Mas algo, desta vez, te detém.

Sim, com todo o gosto.

O homem sorri. Olha de relance para a tua aliança, porventura, entre o teu sortido de anéis. Olhas para ele como se fosse pela primeira vez. Está a ficar prematuramente careca, com o pouco cabelo colado à cabeça. Veste umas calças pretas de luxuriante veludo que destoa da camisa listrada. Mais novo do que imaginavas, há umas semanas, à distância, mais atraente do que pensaste. Sabes imediatamente que nunca irias para a cama com ele, é um jogo mental que fazes com todos os homens que conheces. Não é

só o veludo, pura e simplesmente não faz o teu género. Não fará o teu lábio tremer, não te fará corar, não te fará ficar sem jeito. Sorris-lhe calorosamente; podes descontrain-te.

## *Lição 47*

*toda a menina sabe dançar e deve aprender a fazê-lo bem*

No *pub*, estão três homens e uma mulher e num abrir e fechar de olhos estás-lhes a contar muito mais do que querias, desejosa de contacto, ligeiramente embriagada. Nada sabem sobre ti. É empolgante, como ir viver para um país estrangeiro onde ninguém conhece o teu passado; podes inventar-te à medida que vais vivendo. Enquanto explicas o teu livro, tornas-te uma autoridade, confiante, espirituosa, eficiente e faíscam planos para o projecto. Falas sobre a esposa obediente a escrever em segredo, pela noite dentro, a galopar a sua caneta página atrás de página e a escondê-las quando ouve o marido à porta e a abrir a Bíblia e a serenar o rosto com as pontas dos dedos sobre as faces coradas. Insinuando junto do amante que está a escrever um livro, porque ela tem forçosamente um amante; sim, sim, tem um amante.

O marido descobre. Arrasta-a pelos cabelos para dentro do armário e tranca-a, tapa os ouvidos com as mãos para abafar os gritos; ela pede misericórdia, ele não fala. Por fim, passados muitos dias, os gritos dela tornam-se gemidos, esmorecem. O amante nunca chega a saber o que aconteceu. A criada diz-lhe que a mulher foi levada para um severo e distante convento; ele não consegue encontrá-la, procura-a de uma ponta à outra do país. E nunca chega a saber se ela realmente o amava, ou se tudo não passara de uma invenção. Morre destroçado. O mesmo acontece ao marido.

Talvez, talvez.

Esta noite resulta, magnificamente. O grupo não tem de saber que vais voltar para casa, para um apartamento silencioso. Observas, assombrada, a mulher em que te tornaste, a insistir em pagar a próxima rodada e depois a perguntar quando vai ser o próximo encontro.

Amanhã, diz o homem das calças de veludo. Aliás, quase todas as noites.

Então, até lá; e apressas-te a sair, como se fosses a caminho de outra coisa qualquer. A sensação da ilusão, triunfalmente executada, sustenta-te rua abaixo.

### *Lição 48*

*Saber o que é certo é bom, mas fazer a coisa certa é ainda melhor*

Domingo seguinte.

Folheias as revistas dos jornais. Detens-te na coluna da Theo. Desde Marraquexe que não consegues lê-la, até agora. Tens deitado essa secção para o caixote do lixo antes de o Cole poder sequer vê-la.

Esta semana, o tipo de perguntas é o mesmo de sempre:

*Querida Dra. Theo: O meu novo namorado anda frustrado. Adora que eu faça sexo sentada em cima dele, mas sinto-me demasiado envergonhada; paralisada. Estou a dar com ele em louco! Queixa-se que só ele é que se está a esforçar.*

*Querida Paralisada: Ah, sim, sexo com a mulher em cima do homem! Pode ser magnífico, mas só se não tiver inibições em relação ao seu corpo. Se a mulher não se sente à vontade com o seu próprio corpo, essa posição deixa-a extremamente vulnerável. Portanto, que fazer? Bom, minha menina, tem de habituar-se a uma nudez descontraída na presença do seu namorado. Se esse for um passo demasiado grande para dar agora, por que é que não experimenta vestir uma das camisas dele? Os homens adoram isso.*

*Querida Dra. Theo: O meu ex-marido demorava um eternidade a atingir o clímax e eu estou preocupada que o problema fosse falta de compressão da minha parte. Será possível que eu tenha a vagina demasiado larga?*

*Querida Preocupada: Sabe que mais? Talvez o seu ex gostasse simplesmente de saborear a experiência. Já alguma vez lhe perguntou? Nós, mulheres, nunca fazemos as perguntas todas! Uns quantos exercícios simples podem ajudar a fortalecer os músculos da sua pélvis — para descobrir quais são, reprima a urina quando estiver a fazer chichi. Se os exercitar com regularidade, conseguirá apertar os seus homens com uma força deliciosa!*

Costumavas ler os textos dela, porque era isso que ela esperava de ti, mas nunca os aplicaste na tua vida; serviam para rir um bocado, mais nada. A tua mãe devorava-os avidamente. Sempre te pareceu ligeiramente obsceno que uma mulher já na menopausa os apreciasse tanto. Ficou desconsolada quando lhe contaste que a Theo inventava a maior parte das cartas.

Mas depois, depois, a uma pergunta sobre um amante com quem o sexo era excelente e se isso bastava para deixar o marido e os dois filhos, a Theo escreve uma resposta severa e condenadora:

*Não, não basta. E lembre-se que uma pessoa forte é aquela que tem a coragem de terminar uma relação que não está a funcionar, antes de embarcar numa relação nova. Os fracos é que enganam os outros.*

Tens o coração aos pulos enquanto lêes. Deitas a revista no lixo. Como é que ela se atreve a escrever uma coisa daquelas; como é que se atreve a fingir publicamente que é irrepreensível; outra pessoa qualquer. E a quem é que ela se está a dirigir? Ao Cole? A ti, para te despistar? As mulheres têm tanto jeito para travarem uma luta com subtileza, são engenhosas, clandestinas, peritas em desculpar o traidor. E é geralmente contra outras mulheres que lutam, não contra os homens.

*a parafina é altamente inflamável*

Racionais os teus serões com os escritores para uma, porventura, duas vezes por semana; não te parece correcto que uma mulher casada saia todas as noites. O Cole mostrou-se divertido quando lhe contaste dos encontros; achou que era um novo passatempo para ti, uma maneira de abrires a tua vida. Tiveste o cuidado de lhe dizer que todos os homens eram comprometidos, com namorados, namoradas ou esposas.

Uma sexta-feira à noite. São oito, ao todo, no *pub*; vieram todos da biblioteca com os portáteis e papéis dentro de sacos a tiracolo. E eis que aparece mais um homem e o grupo exclama e estica os braços.

Ele cora ao ver-te e todos olham para ti com novos olhos. A nova *persona* dissolve-se em três tempos, naquele instante em que o vês, regressas à tua velha personalidade: o teu lábio superior treme ao cumprimentá-lo.

Nós já nos conhecemos, diz o Gabriel, interrogando-te com o olhar.

Como é que vais? A tua voz está rouca, estas quatro palavras são as únicas que consegues proferir.

Ele veio só tomar um copo e o resto do grupo quer saber como ele está e onde é que se meteu e quando é que vai comprar um computador e entrar

no século XXI como toda a gente. Tu ficas de lado, a observar. Ficas espantada, novamente, com aquela suavidade peculiar, a timidez, ainda. Esteve em Los Angeles, nuns *castings* para a temporada dos programas-piloto, é onde todos os actores ingleses vão parar por esta altura do ano, e depois passou por Roma e também por Barcelona, um casamento de família, e ele fala educada e afavelmente, mas preferia de longe falar sobre outra coisa. Apercebes-te disso, ele não tem jeito para grupos grandes. Ficas espantada, novamente, com os cabelos lavados e a pequena clareira atrás da orelha, a pele tão branca. Queres lambê-la. Apertas as coxas quando ele se debruça sobre ti para chegar ao balcão, para pagar o seu copo de vinho e não cerveja como os restantes. Mais um fato, claro, como se nunca lhe passasse pela cabeça vestir outra coisa, como se fosse sempre visitar a mãe e à igreja. Nenhuma pessoa na tua vida vai à igreja. Os fatos têm um ar de estação passada; talvez seja o estilo peculiar dele, ou talvez fossem do pai, ou talvez ele seja mais pobre do que pensavas. Há tantas coisas para perguntar.

Ele não se dá ao trabalho de se encaixar na sociedade. Por que é que não haveria de andar sempre de fato e escrever à mão e desaparecer durante vários meses? É um homem muito acarinhado; é como uma rocha sobre a qual o sol incidiu durante tanto tempo, que ela reteve o calor. Vê-lo como o único homem da família com muitas irmãs que o adoram, o filho tardio, o belíssimo erro: não tem a responsabilidade ou o peso de um filho mais velho. Tem tanta doçura. Concentrada no sorriso.

A tua respiração está toda errada, entrecortada e superficial, não consegues serená-la. Os outros gozam com o argumento que está a demorar tanto tempo a concluir.

Uma mulher chamada Martha interrompe. Já reparaste várias vezes nela: caminha com o semblante carregado, como se tivesse os punhos cerrados. Diz a brincar que o Gabriel escreveu vinte e oito páginas e que são obra de um génio, mas que demoraram onze meses a sair da forja e todos os outros duvidam que saiam mais vinte e oito, e percebes nesse instante que não foste a única pessoa apanhada em falso.

Qual é o título, perguntas aos tropeções.

Ainda não sei.



O sorriso infantil dele, o encolher de ombros. Queres sair daquele bar, está tudo empolado, atravancado e mal. Ele corou ao ver-te e isso deve querer dizer alguma coisa e tu fazes um esforço para serenar a tua respiração e um mero golito de vinho transforma-se num trago voraz. Um por um, os outros afastam-se, até a Martha, a Martha que fica sempre para trás, e finalmente, finalmente, vocês ficam sozinhos. Silêncio, por um instante, depois riso da parte de ambos.

Bem.

Bem.

Pedes desculpa por não teres ligado, dizes-lhe que perdeste o número de telefone e que ficaste muito aborrecida e depois odeias-te por lho ter confessado. Mas ele sente-se lisonjeado, deleitado, aliás. Ainda bem que ficaste chateada, diz ele, faz-me sentir melhor. E tu olhas para ele, a tentar decifrá-lo: não está interessado em escudar-se.

Depois a conversa, uma hora ou duas ou à volta disso, de tudo e de nada, como tu e o Cole costumavam conversar, na fase embriagada a seguir ao primeiro coito, quando a amizade rebentara e se transformara noutra coisa. A fase em que fodiam avidamente, em que caíam exaustos no fim esmorecedor de uma noite e retomavam na seguinte. Em que quanto mais sexo tinham, mais queriam, porque todas as rodas dentadas dentro de ti estavam lubrificadas. Antes da familiaridade e da exaustão e do *stress* vos terem abrandado e quanto menos tinham, menos queriam. Até que pararam.

Não queres que isso aconteça com o Gabriel.

Ele faz-te sentir tão viva, só de estar perto dele. Sempre adoraste pessoas assim: pessoas que te alegram o espírito e não que te deprimem. Ele faz-te rir novamente, com os teus olhos. Falas como se esta fosse a última vez e o tempo fosse escasso e precisases de saber tudo, agora, antes que seja demasiado tarde.

Como é que correu, em Los Angeles?

Não sei. Nunca sei. Estou constantemente a ouvir dizer que fui a segunda escolha. A lista de fracassos é muito comprida.

Não há raiva, frustração, rancor; talvez a afabilidade seja uma defesa extremamente suave, mas desconfias que o teu Gabriel não tem lá muito jeito para abrir caminho na vida. Será uma coisa assim tão má?

Actualmente, toda a gente parece ter talento para agarrar as oportunidades, especialmente a Theo; a vida dela é uma infindável caça aos melhores negócios, vantagens, saldos, nada de raro e desejável escapa ao vigor das suas garras. O Gabriel contenta-se em deixar passar as oportunidades. Tem um carácter soalheiro que te faz querer protegê-lo e preservar o que ele tem.

Quando escuta, inclina a cabeça para o lado. Diz *interessante* no fim das tuas frases com muita frequência; saboreando o que dizes. Está ávido por te conhecer. Costumavas ser assim, com os desconhecidos, em festas e casamentos e encontros às cegas, nessa época tinhas o zelo de um coleccionador, disparavas perguntas e escondias-te. Antes de tudo ter sido soterrado pelo algodão da complacência, e pelo Cole, e já ninguém te despertar tanto interesse. O Gabriel quer saber o que pensas, está a dar-te espaço na conversa, o que é refrescante num homem. Respondeste como uma criança abandonada a quem é dada atenção. E se transforma noutra pessoa.

Ele faz-te sentir linda. Desejada. Confiante. Única. O Cole nunca te vê sob esse prisma, adora dizer-te como estás, como és; fechar-te numa caixa.

Ao fim da noite despedes-te do Gabriel — sem beijos, apenas um roçar na face quente — e desces a rua a pé, impelida por um pico bem alto, é como se fosses capaz de saltar e tocar no céu. Tens o número de telefone dele e ele tem o teu e no Metro, uma vez mais, unges o pedaço de papel com os teus lábios.

Este não perderás.

## Lição 50

*colocar lençóis húmidos numa cama é um acto quase tão criminoso como um assassinio*

Uma luz por debaixo da porta da rua. Costumas ser a primeira a chegar a casa — tentas pôr uma cara sóbria. O Cole pergunta-te onde estiveste e dizes na biblioteca, fica aberta até tarde à quarta-feira, já te esqueceste? Está bem, diz ele, fico contente por estares a tirar proveito do cartão. Levanta os olhos do *Evening Standard*: adora o seu lado mexeriqueiro e urbano tanto quanto tu. Olha, tens duas manchas encarnadas nas bochechas, diz ele, como um palhaço.

É do frio, está a ficar frio, não sentes?

A facilidade com que a mentira te sai da boca é espantosa, tão suave e rapidamente. Porque a confiança do teu marido em ti está amarrada como uma bóia a um bloco de cimento; és a boa esposa, toda a gente sabe disso. As tuas palmas das mãos voam para as tuas faces para esconder o calor e olhas para o Cole e pensas, nesse instante, o quão fácil seria fazeres o que quisesses e, de repente, a generosidade e confiança dele afiguram-se-te devastadoras. Pensas, nesse instante, que talvez ele nunca tenha tido um caso com a Theo. É tão difícil de imaginar, ao vê-lo sentado em mangas de camisa com o jornal, azeitonas e cerveja. Brincas com a ideia, pela primeiríssima vez, de que talvez ele tenha estado a dizer a verdade desde o início. Nunca se defendeu devidamente da suspeita, mas talvez não pudesse fazê-lo: a tua mente estava decidida. O tempo começa a esbater os pormenores e, de repente, surge-te a dúvida: o que ouviste, o que decidiste tão depressa. Talvez, talvez estivesses errada.

Nessa noite, pousas a mão no peito do Cole enquanto ele dorme ao teu lado e prendes as suas batidas cardíacas na tua mão, como um copo sobre uma sanguessuga. Não consegues dormir, não consegues dormir. Se cometeres adultério na tua cabeça, estás a começar a rejeitar o teu marido, o teu casamento e a tua vida até aí? Ou a soldar-te a eles? E se for esse o caso, como é que o casamento se torna, novamente, quente e rico?

Precisas de uma desculpa?

Nunca mentes. Excepto para dizer aos amantes que tiveste um orgasmo ou às tuas amigas que adoras o novo corte de cabelo delas e nada disso conta, faz-se para reconfortar e proteger. Não roubas. Não dormes com outros. Mas pensas nisso. Sempre foi suficiente, pensares simplesmente, imaginares-te na cama com todos os homens que conheces.

Que necessidade imperativa tens dentro de ti, perguntas-te.

Por que é que ansiamos pelas coisas que não devemos, perguntas-te.

## *Lição 51*

*podemos sempre encontrar um Inspector da Moral e dos Bons Costumes numa carta*

Mais uma coluna da Theo. Sentes-te intrigada e repelida. Não devias lê-las, sabes que te vão magoar; não consegues parar.

Como seria de esperar, traz mais uma referência ao adultério. Enfiada numa pergunta sobre um namorado que é infiel mas que faz excelente sexo oral, e a leitora deseja-o monógamo e todas as noites, porque é demasiado delicioso para pôr de lado. E como é que ela pode tê-lo só para si?

*Querida Afogada em Delícias: A boa notícia é que qualquer homem pode aprender a fazer excelente sexo oral. Dobre a mão dele na sua e diga-lhe para imaginar que as pontas são as dobras da sua carne e depois mostre-lhe com a língua, respiração e dedos exactamente o que quer. Garanto-lhe que resulta. Mas, querida Afogada, temo que não valha a pena preservar esse namorado. Como é que pode esperar uma relação de compromisso de alguém que foi infiel no passado?*

Uma relação de compromisso. Pois. Que sabe ela sobre relações de compromisso?

Amachucas a revista. Ousas dizer ao Cole que a coluna da Theo é uma porcarias, como o resto do jornal para o qual ela escreve: talvez esta opinião

tua lhe chegue aos ouvidos. Não te importavas nada que ela soubesse que tu não a lês, que as suas astuciosas mensagens não estão a surtir efeito.

Querida, eu sei que o jornal é uma porcaria, diz o Cole. Só o comprava por tua causa.

Pois então não o faças, dizes irritada. Já não gosto de o ler.

Está bem, como queiras, responde o Cole em tom ligeiro e aproxima-se e abre o roupão e convida-te a entrar. É um velho gesto que sempre adoraste. Liberta toda a tua tensão, o teu corpo todo descontraí-se nele.

## *Lição 52*

*a alegria é uma qualidade cativante numa enfermeira*

O Novembro hesitante transforma-se em Inverno e as duas manchas encarnadas marcam as tuas faces, com frequência, agora. Ficas com o coração na boca sempre que a voz do Gabriel surge ao telefone, o teu estômago dá voltas e depois de pousares o telefone com um clique no descanso, corres pela sala e saltas para o tecto, dás uma pancada nos globos de papel que recobrem as lâmpadas e soltas um grito estridente para o céu. É delicioso e aterrador viver assim novamente; tão jovem, tão passado. Nunca pensaste que esta sensação no estômago regressasse à tua vida, que estivesse à espera de despertar, independentemente da tua idade.

Tomas café com ele. Vão ao cinema às duas da tarde, matinés de teatro, palestras no Teatro Nacional. Ele ficou todo satisfeito por teres carro, quer percorrer Londres como um turista; vamos explorar a História, diz ele. Vão aos Kew Gardens e ao Alexandra Palace, à Chiswick House e a Hampton Court. Ele quer conduzir, tu deixas. É como uma criança com um brinquedo, nunca teve um automóvel antes. Leva-te ao seu espaço preferido, a Sala Rothko na Tate Modern, e depois disso tu arrasta-lo para a secção Corpo — anda lá, vamos só dar uma vista de olhos! — e vêem uma pintura de Duchamp em vidro e ele observa o teu ar intrigado diante da obra: é tão estranha, não consegues interpretá-la.

Que foi, perguntas, ao ver o olhar fixo dele, sai daqui, pára, ris-te. E tu, percebes o que é?

Não. E ele afasta-se, a rir, as mãos levantadas para o ar num gesto de desistência.

Ele está sempre a saltar do banco para ceder o lugar aos velhinhos no Metro e a meter conversa com os empregados de café e a ajudar mães com os carrinhos de bebé nos degraus. Todas as coisas que devias fazer, mas não fazes; todas as coisas que nunca passariam sequer pela cabeça do Cole. É tão solidário, calmo, descontraído. As pessoas não são assim. Parece, quase, ingenuidade. Como é que ele consegue sobreviver neste mundo? É um homem sem escárnio, e o Cole, claro, é tudo menos isso. É como se todas as dificuldades que advêm de se viver em Londres ainda não se tivessem apoderado dele.

Por vezes, com peso na consciência, lancham em tua casa e o Gabriel põe o lixo lá fora no fim, sem lhe pedires, uma pequena cortesia, e no entanto enorme, porque com o Cole tens sempre de insistir para ele o fazer. Foi uma sensação tão estranha tê-lo no teu espaço pela primeira vez, limitaste-te a observar: a sua silhueta esguia, tão exoticamente moreno, o fato com as mangas da camisa a espreitarem nos punhos, os sapatos cambrados com um pedaço de cartão a tapar o buraco da sola porque, disse ele, o Charlie Chaplin costumava fazer o mesmo e resultava. Passeou pela sala com as mãos satisfeitas atrás das costas, olhando para fotografias de casamento emolduradas, CD's e livros; recolhendo provas de como tu vives a tua vida. E como o Cole vive. Fez-te perguntas sobre ele, como se tivesse uma curiosidade infinita sobre essa questão do casamento.

Cozinhas o jantar para ele?

De vez em quando.

Costumas usar avental?

Não.

Ele está a gostar disto, está a sorrir, os olhos desaparecem-lhe em estreitas ranhuras: adoras quando ele sorri assim, tão por inteiro.

Passas-lhe as camisas a ferro?

Não.

De manhã, quando ele sai de casa, despedes-te dele com um beijo na cara?

Não. Não. Não, abanas a cabeça, ris-te.



Ele abre as portas para tu passares, compra-te o bilhete de Metro, paga as contas do café, não deixaria que fosse de outro modo. São dias e dias de pequenas gentilezas, cada uma com uma diminuta carga erótica, e são sempre retribuídas agora — dar-lhe a mão, puxá-lo a reboque, abraçá-lo com prazer —, porque a criança em ti está a voltar, aos pulos. E às vezes não tens roupa interior por baixo da tua saia pelo joelho e isso dá-te gozo. É apenas uma pequenina coisa, para ti, mas enorme; unimaginável, há um ano. Uma transgressão privada, mas não menos excitante por isso.

Já não anseias pelo projecto do livro. Não tens vontade de ligar às tuas antigas colegas de trabalho, apesar da promessa quando te vieste embora. Nada te entusiasma a não ser esses instantes com o Gabriel. Estás a adorar o toque sedoso da distração, cortejar a possibilidade e descontraíres-te no jogo. Quando vão, de facto, à biblioteca, há diversões e divagações que se prologam por capítulos arrancados das prateleiras vergadas e às vezes, numa tarde dourada, um livro inteiro de contos de fadas ou um romance que sempre quiseste ler. São atraídos para os recantos sombrios da biblioteca, para velhos manuais de culinária e estranhos textos instrutivos para donas-de-casa vitorianas que acompanham os maridos às colónias. És atraída para o Gabriel, à sua secretária, distraíndo-o do seu próprio labor langoroso.

Não têm um mundo em comum, além do tempo que passam juntos. Existem na vida dele períodos de que nada sabes, ele esquiva-se sempre às tuas perguntas e desvia as atenções novamente para ti. Usa os teus próprios truques, reconhece-os tão bem. É infinitamente curioso mas não está disposto a satisfazer a tua própria curiosidade.

Qual é a atracção das touradas, perguntas depois de um filme do Almodóvar, e pegas-lhe nas duas palmas das mãos e procuras novamente os segredos da vida dele.

Vem a Espanha comigo, vem assistir a uma corrida.

Adorava, mas como?

Um encolher de ombros impotente. Nenhum dos dois se atreve a falar do que vos restringe com a intensidade tão insistente como a da correnteza de um ribeiro, determinado, imparável, veloz. Quando ele se inclina para ti

há uma sensação arrepiante da proximidade das vossas peles, da energia dele, da diferença dele. O tipo de comida diferente com que ele se alimenta, o sol diferente sob o qual cresceu, o céu diferente; está tudo carimbado na pele dele. É como a excitação que sentes quando chegas a um país pela primeira vez e saís do aeroporto e a estranheza de tudo ataca os teus sentidos, porque o Gabriel parece tão fresco, fascinante e único, um novo território a explorar; se te atreveres a pousar os dedos nas ancas dele quando ele se coloca à tua frente, se te atreveres a começar.

## *Lição 53*

*toda a mulher feminina, que verdadeiramente compreende a sua missão, deseja ser uma agradável visão para os olhos dos seus semelhantes*

O Cole sabe dele.

Insistira em conhecer o novo grupo de amigos da biblioteca numa das sessões de copos depois do trabalho, quis ir a reboque. Como se quisesse controlar a tua nova vida; o preço a pagar pela prenda, porventura. Tiveste de dizer que sim.

O actor mete medo, disse ele, quando se sentaram lado a lado no Metro a caminho de casa.

Porquê?

Está apaixonado por ti, disse ele.

Por que é que dizes isso? O suor a brilhar-te na testa como acontece sempre que comes demasiado chocolate.

Não sei, talvez tenha sido a maneira de olhar.

E o Cole voltou a embrenhar-se no seu *Standard*. Seguro do seu feudo, sabendo implicitamente o tipo de homem de que gostas e não gostas. Presume sempre que te conhece tão bem: pede as bebidas para ti sem te consultar, insiste em que experimentes um determinado prato que tem a certeza de que vais gostar, grava-te programas de televisão que acha que deves ver. E considera sempre esses gestos uma gentileza.

O Gabriel nunca presume nada, quer aprender.

Duas manchas encarnadas nas tuas faces, com frequência, agora.

As tuas unhas estão pintadas pela primeira vez em anos e tu estás sempre a esquecer-te e apanhas pelo canto do olho os dedos de polvo, como se estivessem sobrecarregados por uma vida própria. Escreves numa caligrafia mais certinha com eles e comes melhor e menos. Estás a emagrecer, há um motivo agora, e cortaste o cabelo curto porque queres que as pessoas vejam a nova luz no teu rosto. Pões lentes de contacto. Sentes-te mais alta com elas, mais arrojada. Tornaras-te preguiçosa em tantas coisas, deixaras de te esforçar. Sentes-te mais radiosa da cabeça aos pés, caminhas com um brilho subtil.

O teu livro isabelino assume uma nova premência quando mergulhas nas suas páginas:

*Ela enfeita-se corajosamente para atrair o sim de todos os homens que a vejam. E quem não sabe como este engano dela deu frutos e quanto ela é enaltecida e louvada pelo mesmo.*

Fechas o tomo, trémula, alisas a tua palma da mão sobre a sua capa. Escondes o livrinho na tua gaveta, de repente não queres que o Cole o veja pela casa, que folheie a subversão cor de cacau da sua bela caligrafia.

Estás a preparar a tua vida, mas para quê? Não sabes aonde irão parar tantos galanteios e telefonemas. Será que o Gabriel sente o mesmo que tu? Não te atreves a pensar demasiado no futuro, porque não queres que isto derreta sob o calor da tua atenção, não queres que desapareça da tua vida.

## *Lição 54*

*em alguns casos é necessário mudar de meias e calças todos os dias*

Ei, sussurras, espetando a cabeça por cima da divisória de madeira da secretária, durante uma longa tarde na biblioteca. Estou a morrer de fome.

Vai-te embora, tenho de trabalhar.

Anda lá.

Ele atira-te a caneta, várias cabeças levantam-se, alguém manda calar. Para o café, dizes, pegando no braço dele com as duas mãos e puxando com força.

Onde é que vais?

Na cena principal. A tourada. Tenho de voltar para o trabalho.

O matador morre?

Não, agora nunca morrem.

Mas eu pensava que era como uma versão espanhola da roleta russa: alguém acaba sempre por ser derrubado.

Não, não, o desporto mudou, já não há a mesma tensão que costumava haver. O touro perde sempre. Agora os miúdos querem uma matança à Tarantino. Está a perder a beleza toda.

A beleza, uma descarga erótica.

Então, como é que o touro *devia* morrer, perguntas.

Assim, e o Gabriel debruça-se sobre a mesa do café e acaricia-te a nuca, encontra o ponto vulnerável e sussurra-te que é aí que o punhal é espetado, sente, aí mesmo, tem de ser certo, cortar a espinha dorsal, diz-te

que há uma magnificência no golpe certo e, enquanto fala, a tua pele arrepiava-se. Recostas-te na cadeira. Esfregas o pescoço. Estremeces por ele, apertando os joelhos com força. O teu rosto ainda mantém uma certa inocência, aos trinta e seis anos podias passar por vinte e seis, alguém que ainda precisa de ser ensinada, com o teu casaco de malha curto, sapatilhas e saia pelos joelhos. Os músculos das tuas coxas contraem-se com frequência, agora, durante almoços de domingo com os clientes do Cole e em jantares e em copos com a família do teu marido; és distraída por um desejo, uma ânsia dolorosa, de que o Gabriel toque na tua cona. *Cona*. Sempre odiaste essa palavra e, no entanto, de repente excita-te; sorris, secretamente, ordinariamente, quando a pronuncias na tua cabeça.

E, no entanto, não consegues imaginar que algum dia cheguem a isso, porque a única vez que se beijaram — um beijo na cara que fugiu da rota, um adeus que foi demasiado longe numa tarde escaldante — ele empinou a crista como um cavalo a ser domado. E sempre que a tua pele roça um toque ele retrai-se, consegues senti-lo, o afastamento.

## *Lição 55*

*no final do ano deve certificar-se de que o canteiro da sua janela está limpo e ordenado*

A escuridão é gananciosa agora, sufoca as tardes. O ano galopa para o Natal. O Cole passa muito tempo fora, a estabelecer uma rede de contactos em festas institucionais: *cocktails* em salas de estar creme em Belgravia e estúdios em St. James e clubes privados no Soho. Pela primeira vez desde que o conheces ele não te pede para o acompanhares. Reconhece, agora, que não consegue obrigar-te a fazer as coisas com a mesma facilidade de antes.

O Gabriel está em Espanha, com a sua numerosa família, não tem a certeza de quando voltará. Talvez passe por Praga depois, e novamente pela Grécia, para visitar um amigo. Não te sentes abandonada porque estás segura do seu regresso; a relação retomará exactamente o mesmo ponto em que a deixaram. Existe um *glamour* na existência do Gabriel porque ele não existe quotidianamente. O seu contentamento com as suas poucas posses tem charme, e a sua falta de empenho no emprego, e o seu bater de asas constante para outro qualquer lugar; é tudo tão despudorado, irreverente, audaz, leve.

Dizes a ti mesma que não é crime tomar uma chávena de chá ou visitar uma galeria ou ter um coração aos pulos. Dizes a ti mesma que o teu marido merece a tua infidelidade porque te mantém junto dele, mantém o vosso casamento de pé, que é o que ambos querem.

Não irá mais longe do que isto. Não queres a culpa como uma doença.

Mas durante essas longas noites de Dezembro perguntas-te por que é que algumas pessoas sentem a compulsão de permitir que o caos invada as suas vidas. Para chamar a atenção? Compaixão? Amor, para que este seja reafirmado? Estás a fazer isto tudo pelo Cole, porventura; para que ele torne a reparar em ti, para que seja atencioso, o teu melhor amigo, como foi outrora?

O Natal é suportado. Rapidamente arquivado.

Detesto esta coisa entre nós, diz o Cole de repente, numa noite muito sossegada do Ano Novo.

Eu também.

Nada mais é dito, não precisa de ser dito, existe apenas um reconhecimento implícito de que vocês os dois querem regressar aos velhos tempos. A noite é curiosamente balsâmica embora ainda nada tenha sido resolvido, ainda. Às dez horas já estão ambos na cama. O Cole embrulha o seu calor em ti e tu não o repeles. Não consegues explicar por que é que o teu casamento funciona agora, mas funciona, o suficiente. O suficiente para não teres de começar a tua vida algures, noutro sítio, voltar para a labuta da cidade universitária, repensar o plano de ter um bebé. Paraste de interrogar o Cole, em toda e qualquer oportunidade, sobre a Theo, sobre o que aconteceu, porque aprendeste que invadir o mistério da mente um do outro será mais destrutivo para o vosso casamento do que um mero deixar passar. Portanto, deixaste passar. Para recuperares a tua vida. Para navegares de regresso às águas tranquilas, se conseguires.

Janeiro. O Cole tem um trabalho em Atenas. É para um velho conhecido dono de uma frota marítima, um bilionário que colecciona nus pré-rafaelitas. Mas ele tem uma coisa diferente desta vez, um retrato da cintura para cima de uma magnífica Vénus medieval e não quer que ela saia de debaixo da sua vista. O Cole mostrou-te as fotografias, fez o relatório do estado de conservação, a tinta está empolada e a pelar. Tem vários estragos, retalhos de tela completamente desprovidos de tinta, e o Cole vai ter de levar a sua paleta e pincéis e criar uma reprodução sem falhas. Está



desejoso de deitar mãos à obra. A pele dela é pálida e fria, como se tivesse sido esculpida em mármore. Os mamilos são diminutos botões, como *smarties* cor de carne, sem auréola, claro. Enrolada no seu longo pescoço tem uma cobra com escamas macias e luxuriantes como veludo negro.

O Cole vai estar fora durante três semanas e o teu verdadeiro eu vira-se para dentro, desta vez. Faz-te desejar que ao longo dos anos de relacionamento com o teu marido lhe tivesses dado a ver mais da pessoa que és na verdade. Só consegues fazê-la sair cá para fora quando ele não está em casa.

*Isto.*

A música bem alto, a *tua* música, todas as secretas canções *pop* da tua juventude, *Wuthering Heights* e Blondie e a banda sonora do *Grease* e Nina Simone na sua melhor voz cava, o tipo de música que ele odeia, estão todas compiladas em cassetes armazenadas debaixo da cama como a caixa de chocolates secreta de uma pessoa que está a fazer dieta. Danças e cantas desafinada, demasiado alto, embriagada com a solidão. Mudas os móveis de sítio arrastando-os, poderias tornar este espaço perfeito se fosse só teu — fora com o televisor demasiado grande, fora com as garrafas de *whisky* escocês e com os romances policiais de quiosque! Não comes mais nada a não ser bolachas de chocolate ao jantar, um pacote inteiro, ou apenas uma torrada e um copo de vinho tinto e os pratos demoram-se na pia e as velas queimam até ao coto e ao fim de cada noite espreguiças-te no sofá e sentes-te jovem e viva e saciada e satisfeita. Porque sozinha estás a reencontrar um brilho, uma claridade, estás a encontrar o teu ser destilado.

Sentes uma liberdade embriagante quando o Cole não está contigo e, no entanto, não queres que ele se vá embora. Pensas nos dois tipos de solidão que descobriste recentemente: este tipo maravilhoso, gasoso, refrescante para a alma, e a solidão desesperante que suga o hálito da tua vida.

## *Lição 56*

*nenhuma impureza deve permanecer num quarto um minuto a mais do que o estritamente necessário*

Uma carta, pesada, no tapete da entrada. Papel grosso, creme, com marca de água, italiano, com as pontas macias como penas. Uma sensualidade que queres beijar. As palavras escritas à máquina, o ruído surdo delas, cuidadoso como *braille*.

*Quero despir-te a roupa na escuridão, quero recobrir-te.  
Quero sentir-te, centímetro a centímetro.*

As pontas dos teus dedos deslizam sobre as palavras, ágeis como um lagarto. Tremes, cobres a carta com a mão, tens de sentir a sua estranheza.

*Sinto que estás a ajudar-me a viver.*

Sem nome, sem endereço no remetente. O teu coração palpitante, seduzido pelo texto. Sentas-te junto da janela da sala, com uma mão a segurar a carta contra o peito e a outra espalhada como uma aranha no painel frio e o teu hálito a manchar o vidro e as tuas faces quentes. É como se estivesses a entrar, às apalpadelas, num estranho caminho novo e as árvores apressam-se a fechar-se sobre ti e o céu desaparece e a luz, estás perdida, e

no meio do bosque, numa clareira, vais ser puxada para baixo, afogada, numa cama de seda.

*Vem. Começa do zero.*

O telefone. O Cole. Todo alvoroçado. Sabes o que se segue: vai demorar mais uns dias, continua às voltas com o quadro, não consegue baixar os braços e vir embora. Sempre adorou contar-te os pormenores do seu trabalho, és uma boa ouvinte.

Olhas para o relógio e para a carta enquanto ele fala, queres que ele desligue. Está preocupado com os lábios da Vénus, um idiota qualquer resolveu fazer uns retoques, desajeitados, e é complicado reconstituí-los como deve ser.

Não os alteres demasiado. Nada de *botox*.

Pois, pois, e ri-se.

O objectivo do trabalho dele é fazer o mínimo possível, a menor quantidade possível de retoques, porque senão está a interferir com uma obra-de-arte original. Mas às vezes, disse-te o Cole, só lhe apetece ter rédea solta.

Queria tapar-lhe os mamilos, diz ele, parece que está cheia de frio. Precisa de umas roupitas, a coitada.

Talvez ela esteja beatificamente feliz, querido. Talvez tenha um homem escondido debaixo da saia.

Ei, o Cole ri-se. Calminha. O que é que se passa contigo?

Nada, nada, e desligas o telefone, sorrindo perante a ironia de um marido tão absorvido pelo trabalho que nem parece ter reparado nas mudanças que ocorreram no rosto da sua própria mulher, nos últimos meses.

## *Lição 57*

*pratique o bem e empreste*

Como te seduziram:

Dedos lentos e inquiridores na tua pele num apartamento em Edimburgo e tu despiste o pijama enquanto algo que não conseguias conter te inundava.

Marijuana, uma vez, mas adormeceste.

Álcool. Champanhe foi sempre o melhor, em termos de resultados.

Pornografia. Um vídeo para te descontrair e tu ficaste intrigada no início, mas a monotonia rapidamente te repeliu e foi a foda mais fria e sem imaginação de todos os tempos.

A urgência de um beijo.

Um quarto de hotel caro que te fez sentir culpada.

Uma canção que te excita sempre que a ouves, um verso: *ela só se vem quando está por cima, loucaaaaa*.

Cassetes com compilações; e quantos homens tas ofereceram? Porque é que julgam sempre que eles é que sabem? Nunca lhes imporias o teu gosto.

Cartas. As cartas resultaram sempre.

Mas como é que *tu* seduzirias? Como te precaverias para não assustar um homem?

Parecem, frequentemente, tão volúveis, difíceis, avessos, fáceis de intimidar. E não estás convencida de que sejam sempre os homens a ir à caça, porque na maior parte das tuas experiências e das tuas amigas, é

sempre a mulher que toma as rédeas e convida, caça. Procura e não encontra.

## *Lição 58*

*nunca guarde absolutamente nada debaixo de uma cama*

Só tu e a Martha ficaram no bar, porque os homens da biblioteca foram todos para casa, para as suas famílias, e depois de uma pausa constrangedora, a Martha pergunta se deste alguma queca recentemente e tu ris-te e dizes que não, há séculos que não, já te esqueceste de como se faz, foi há tanto tempo. A Martha diz-te que dorme no sofá há seis anos, enquanto o marido dorme no quarto, tudo muito britânico, diz ela. Somos católicos convictos, não nos vamos divorciar. O riso sai-te bem lá do fundo, de repente gostas imenso desta mulher. A honestidade é tão sedutora. Perguntas-lhe, casualmente, pelo Gabriel, o que sabe ela sobre ele, não consegues decifrá-lo. Ela lança-te um olhar intenso. Ah, o Gabriel, diz ela, o Gabriel, e conta-te que tem uma teoria e aproxima-se de ti.

Acho que ele não tem muita experiência no que toca a mulheres. Provavelmente só teve uma ou duas namoradas na vida. Acho que ele precisa de uma ajudinha.

O quê?

É excitante, não achas?

Sei lá, meu Deus, e apertas os punhos contra as têmporas, pensas na carta e nos fatos e no tipo de homem que não deixa uma mulher conduzir se ele estiver dentro do carro, talvez.

Ele é tão... estranho, diz a Martha. Isto é, ele é lindo, mas tu sabes o que eu quero dizer. Tem qualquer coisa de eremita, não achas, a maneira como desaparece durante meses e, de repente, aparece. Deus sabe o que ele

realmente faz na vida, ou como é que se sustenta. Não se abre com nenhum de nós. É tudo um bocado esquisito.

Esfregas a ruga entre as sobrancelhas, tentando alisá-la, e a Martha ri-se e diz que tudo não passa de mera especulação, claro, e fala-se inclusivamente numa namorada que, um dia, lhe destroçou o coração mas nunca ninguém o viu acompanhado.

Nada sabes sobre ele. Nunca foste a casa dele. Há tantas coisas que nunca perguntaste. Deliberadamente, porque não queres ouvir a possibilidade de haver uma namorada, ou mulher. É melhor não saberes, para não quebrar o feitiço; não estás preparada para isso.

Mas sentes um cansaço, agora, por viveres dentro da teia de malhas cerradas da tua própria imaginação. Desde que um homem de verdade tropeçou nela e começou a puxar os fios de seda.

## *Lição 59*

*há quem use almofadas de sumaúma, mas a melhor maneira de induzir o sono é o trabalho árduo e honesto, e uma consciência tranquila*

Os sacos e casaco do Cole atravancam a entrada quando regressas de uma ida ao supermercado, ao final da manhã. Ele voltou de Atenas um dia mais cedo, sem avisar. Chegou outra carta, mas ele não teve tempo de ver o correio e tu enfiás o envelope no fundo do bolso, a ouvir mas sem ouvir o relato da viagem.

Metes-te na casa de banho, assim que podes. Sentas-te no tampo da sanita, rasgas a badana.

*Nalguns dias em que estou longe de ti, sofro, o meu desejo é tão forte. Às vezes recais sobre mim como um manto quente. Dou por mim a sorrir para o vazio. Sonho que fugimos, partimos juntos.*

Uma vertigem feroz enquanto lêes, como uma mão dentro do teu estômago. As palavras tão próximas que quase lhes podias tocar. Encostas a carta à barriga, sentindo o papel macio e frio tocar a pele. Levantas-te, demoraste demasiado tempo, dás um beijo distraído no cocuruto da cabeça do Cole enquanto ele tira as coisas do saco e mergulhas num tempo em que o amor brilhava, por um instante que depois passa. Sentas-te à mesa da



cozinha com o jornal do dia por ler à tua frente, as tuas mãos a suportarem a testa.

Talvez o Gabriel seja como Ruskin que, segundo consta, idolatrava de tal modo as mulheres, que foi incapaz de consumir o casamento quando descobriu, horrorizado, que a sua mulher tinha pêlos púbicos. Talvez tenha um casamento feliz em Espanha, com sete filhos; talvez a Martha tenha inventado tudo aquilo para te despistar. Talvez tenha um caso amoroso, é *gay*, tem medo, não suporta que alguém veja quem ele realmente é. Talvez seja um daqueles homens que escapou às malhas da sociedade — conheces vários, irmãos e tios e amigos, homens perdidos que nunca encontraram um apoio seguro na vida, que se sentem esmagados pelo desafio de viver neste mundo e desistem e tornam-se solitários ou bêbados. E fazem da vida dos pais, e das amantes, um inferno.

E, de repente, uma epifania.

E se ele nunca esteve com uma mulher.

E se ele não sabe como. Virgem, talvez, e tudo faz sentido. A timidez. A retracção quando lhe tocas. As pontas das orelhas coradas num beijo de despedida. Será assim tão implausível? Tens um ex-colega que é virgem aos trinta e dois anos e sempre desconfiaste do Rupert, o teu primo. E ele, tal como o Gabriel, é alto, viril, um homem másculo, e ele, tal como o Gabriel, nunca parece ter os pés assentes na terra.

Verias o Gabriel com piores olhos, se fosse esse o caso?

Não. É estranhamente enternecedor. E excitante.

Uma ideia, bela de tão simples que é. Iniciar o Gabriel, ensinar-lhe exactamente o que queres. Criar um homem de prazer, um puro homem de prazer, o amante com que todas as mulheres sonham. Tu terás o controlo da situação, pela primeiríssima vez, serás capaz de ditar exactamente o que queres. E não haverá expectativas sobre como tu te deverás comportar.

Nessa noite, o Cole enfia-se na vossa cama e curva o corpo num ponto de interrogação à volta das tuas costas.

Uma ideia bela, de tão simples que é. E impossível.

Porque tu não fazes esse tipo de coisas. Está-te na discrição das roupas, na integridade do rosto, na facilidade com que coras. Está-te no

horror que mostras quando ouves falar de casos extraconjugais, na tua resposta-padrão: mas eu nunca seria capaz de fazer isso a outra mulher.

Ou ao Cole. Achas que não.

## Lição 60

*algumas pessoas têm pavor de correntes de ar e preferem ser lentamente envenenadas a sentir uma lufada de ar fresco. trata-se de um acto terrivelmente insensato e que se encontra na origem de muitas doenças*

Trazem-te uma prenda a casa. Uma caixa lindamente embrulhada.

Um vibrador.

Ficas sem ar. Não traz qualquer bilhete. É obsceno, fascinante, ridículo, nunca tinhas visto um de perto. Não lhe tocas durante muito tempo e depois vira-lo, afundas-te na cama, liga-lo. Podes *controlá-lo*, fazê-lo ir exactamente aonde queres, durante o tempo que quiseses, ou não quiseses.

É suficientemente pequeno para caber dentro da tua carteira e os teus dedos tocam-lhe com frequência, imaginando exóticas viagens e os funcionários da alfândega a vasculharem as tuas malas, tu a teres de explicar, a gaguejar. Nunca te revistaram, sempre pareceste demasiado inocente e respeitável para dar azo a essas coisas.

A encomenda não traz qualquer bilhete, mas a morada foi escrita à máquina. As pontas dos teus dedos deslizam sobre as letras, pesadamente impressas.

Anónimo, claro. Há quanto tempo é que ele terá voltado? Terá chegado a ir, sequer? Será mais um jogo? Ligas, deixas mensagens no atendedor de chamadas, ele não responderá aos teus telefonemas.

Outra carta.

*Quero ser a mão ao fundo das tuas costas a empurrar-te para a frente.*

Trémula, molhada, deixas-te cair contra a parede.  
Apanhada no laço.

## *Lição 61*

*é mais fácil errar do que praticar o bem*

Mais uma carta, até que são quatro. Todas dactilografadas, todas curtas, e as suas palavras estão cauterizadas em ti como ácido.

*Anseio por segurar-te nos meus braços, pousar os meus lábios no vale do teu pescoço e deslizar pelo teu corpo. Não gosto de estar longe de ti, não ouvir a tua voz, não te ter perto.*

O telefone toca, cinco minutos depois de teres aberto a última.

Oláááá. Ele arrasta a palavra, é sempre tão brincalhão nos cumprimentos, como se fosse uma surpresa tão boa escutar a tua voz.

Olá, desaparecido, respondes.

Voltei, diz ele num alegre cantarolar.

Quando?

Neste preciso instante. Quando é que podemos encontrar-nos? Estás livre?

Estou, estou, desliga, dá-me uma hora, não, duas.

Estás a começar a sentir-te infiel enquanto te arranjas aos tropeções e distraída, o chuveiro está demasiado forte e quente e tu forças o teu corpo a

serenar com o lento e caloroso escorregar do vinho tinto e depois fecha os olhos e ouves música, o CD do Jeff Buckley que o Cole não suporta, *ela amarrou-te à cadeira da cozinha, ela partiu o teu trono e cortou-te o cabelo e dos teus lábios arrancou um aleluia*, e tu sorris ao sentir-te molhada de expectativa.

Sais de cabeça erguida porta fora, viva, desejosa, ciente. A possibilidade escancara-se diante de ti, vasta como um lago e tu queres lançar-te, mergulhar bem fundo.

Sem roupa interior.

## *Lição 62*

*um mergulho frio:*

*nada é tão revigorante e delicioso para uma moça robusta*

Ele já está sentado e tu sentes um tremor bem fundo dentro de ti quando o avistas, a ternura é tanta que te dói vê-lo sentado no café, do outro lado da rua. Ele levanta os olhos e desponta-lhe um sorriso que te enche o coração.

Atravessas a rua a correr, em direcção àquele café gorduroso com as suas torradas com feijão e molho de tomate, chá reaquecido que nunca vem suficientemente quente, onde tudo começou há oito meses com um banho de água. As cartas estão dentro da tua carteira e és arrojada, agora, segura, e tão profundamente cansada de tanta incerteza e tensão, dos jogos, das insinuações que não se concretizam, da espera. Tens de o dizer de uma vez por todas, tens duas manchas encarnadas nas faces e perguntas-lhe à queima-roupa: por que é que andamos nisto, podíamos ir para um hotel ou até para tua casa, ou, não sei, e páras, sorris, tão confiante da resposta dele.

A cara dele.

Desculpa, pergunta.

A estupefacção dele.

Hum, ouves-te rir, desafinada, demasiado, está bem, desculpa, e a tua cara arde de embaraço. Mas as cartas, comesças a dizer e depois detens-te e irritas-te: não importa. Pedes licença, tens de ir, tens de sair. Pegas na carteira, está presa à perna da cadeira e tu saís para a rua a cambalear, esbarrando em ombros e quase embatendo em postes e espera... espera...

ouves atrás de ti, mas não te viras e pelo menos vês a boca da estação de Metro onde podes desaparecer, afundar-te.

O que é que fizeste, o que é que tu fizeste?

Escondes a cabeça entre as mãos no Metro trepidante a caminho de casa, os punhos cerrados contra as têmporas, tentando arrancar tudo de dentro de ti.

Tola, *tola*.

E pensavas tu que o conhecias.



## *Lição 63*

*nunca se deixe ficar de roupas ou botas molhadas no corpo*

Vês luz por baixo da porta da entrada. Compões o rosto. O Cole cozinhou o jantar, é o caos, a água em que os legumes estavam a cozer ao vapor secou e a casa está pejada do cheiro acre de uma panela com o fundo negro. Mas ele esforçou-se.

Um sorriso tenso.

Não me andaste a escrever cartas, andaste, sai-te tremulamente.

Cartas, não. A que propósito? Que cartas?

Nada, nada. Recebi umas cartas. Um bocado esquisitas. Devem ser do miúdo que vive ao fundo da rua.

O que é que se passa? Anda alguém a chatear-te? Achas que é preciso chamar a polícia?

Não, meu Deus, esquece. É só uma brincadeira inofensiva. O que é o jantar?

Abriste uma caixa de Pandora cheia de perguntas a voarem pela cabeça do Cole, está-lhe estampado no rosto. Pedes licença, não consegues comer, estás enjoada. Fizeste asneira com o Gabriel, ele fugiu da tua vida.

Tola, *tola*.

Estás a esconder-me alguma coisa? A voz do Cole por detrás da porta trancada da casa de banho.

Não, não, esquece.

Deixa-me ver as cartas. Quem é esse tal miúdo? A voz dele denota preocupação, não vai desistir.

Emprestei-lhe dinheiro para o autocarro e ele tem andado atrás de mim desde então. Não é nada, a sério, eu resolvo o assunto. Consegues forçar uma gargalhada. Está tudo bem, ouviste? Os teus dedos torcem os teus cabelos até doer.

Está bem. Uma pausa. Queres um chá?

Esmoreces, cerras os olhos com força, sorris com os lábios comprimidos.

Quero, quero, obrigada; a tua voz engasgada. E depois, no espaço entre a porta e o chão aparece uma fina tablete de chocolate *Lindt*. Mal consegues proferir um obrigada. Porque em momentos como este, a carga sentimental do teu casamento surge novamente, magnífica.

Sucumbes.

## Lição 64

### *varrer e limpar o pó*

Mas não dura muito.

Porque no dia seguinte não há telefonemas do Gabriel, nem no próximo. Do final do Inverno até ao início da Primavera não há qualquer contacto, apenas um atendedor de chamadas que recebe as tuas mensagens cuidadosamente ensaiadas e ele nunca retribui os teus telefonemas. O vento do tumulto fustiga todas as tuas noites, afugentando o sono até que de madrugada caís, finalmente, em sonhos estremecidos, em *technicolor*. Sonhos em que ele entra, a maior parte das vezes. Entranhou-se em todos os cantos da tua vida, é poeira de gesso, pó debaixo da cama, uma película branca numa porta de chuveiro, que teima em reaparecer, por mais freneticamente que a limpes. Incita-lo a surpreender-te, sabendo no teu coração que ele não o fará.

Bastava-te ouvir a voz dele, para poderes recuperar as tuas forças.

Nunca pensaste ter tamanha capacidade de aniquilação, nunca sonhaste poder ser reduzida a uma coisa assim. Os dias prolongam-se, e o silêncio da casa, e as tuas unhas são roídas até ao sabugo lascado e tu fazes sangue mordiscando os lábios por dentro. Revês a estupefacção dele vezes sem conta na tua mente e exclamas em voz alta, de horror. É como quando o teu chefe, na faculdade, há anos, te disse que a mulher acabara de ter um bebé e que pena, respondeste, vá-se lá saber porquê, que pena, e as tuas estranhas e estúpidas palavras assombram-te desde então.

Por que é que ele não telefona para te sossegar o espírito? Será que ele nunca fez tenções de te foder? Queria apenas uma amizade, será que

amigos heterossexuais do sexo masculino *alguma* vez na vida querem apenas isso? Será que ficou abalado de embarço? Será que sentiu que estava a apaixonar-se por ti e achou que nunca poderia dar certo? A tua autora isabelina também não te pode ajudar, limita-se a atear ainda mais perguntas, mais dúvidas:

*Tomai conhecimento do homem que amava uma mulher com tanta malícia e desonestidade, que não descansou até a desonrar; forçou-a a deitar-se com ele e, no fim, avaliai a sua maldade, odiou-a mais do que a amara antes.*

Será mais fácil desaparecer simplesmente?

As perguntas, as perguntas e o vento fustiga todas as tuas noites, chocalhando os vidros e suplicando para o deixares entrar. Viras-te e reviras-te na cama, como se vomitasses sono.

## *Lição 65*

*os venenos actuam de um modo que é prejudicial para a saúde*

Mas depois mais uma carta, mais bonita, mais urgente do que todas as outras.

*...Ajudas-me a viver. Infiltras-te na pele dos meus dias, é algo de magnífico, torturante e, ao mesmo tempo, transcendente.*

Esfregas e esfregas a ruga entre as tuas sobrancelhas. Por que é que ele não liga simplesmente, por que é tão opaco, será que se retrai sempre? A incerteza chamusca-te, não tens força para a suportar sozinha, afastar-te-ás da confusão do teu mundo, se for preciso, e ficarás só, enlouquecida, se tiver de ser.

Não tens com quem falar, alguém a quem pedir conselhos. Queres a opinião crua e dura da Theo, tens saudades do barulhinho que o cigarro fazia quando ela o tirava da boca e começava a falar, bom, eis o que tens de fazer, miúda. Quantas vezes é que ela usou essas palavras no passado? Disse-te, no início da tua relação com o Cole, que não tinha a certeza de ser ele a pessoa indicada para ti; disse lembra-te da canção da Madonna, não te contentes com a segunda escolha, querida. Mas depois mudou de cantiga quando viu, ao longo dos anos, a bondade com que ele te tratava; parou de duvidar quando lhe contaste que a capacidade de ternura dele te

deixava sempre sem palavras e ela ficou muito quieta enquanto falavas: não tinha resposta para isso. Perguntas-te onde estará ela agora e a fazer o quê, curiosa como um ex-amante, perturbada, a detestares-te a ti própria, perdida.

Rastejas de joelhos na cozinha, enchendo a boca de chocolate, tabletes enormes e depois bolachas, pacotes inteiros de doçura, e gelado e manteiga de amendoim directamente do frasco, engolindo-a e chupando-a dos dedos com ruídos, desejando a dor dor dor e esquecer por instantes o poder da magreza. Incapaz de pensar, ler, ir às compras, escrever, concentrar-te seja no que for, porque o Gabriel invade todos os teus actos e pensamentos. Toda a eficiência e controlo do teu ser profissional desapareceram, e tu dormes até tarde e depois deitas-te no sofá e fixas o nada, revistas de mexericos por ler no teu colo. Não consegues telefonar a nenhuma das tuas amigas, encontrá-las para um café ou almoço, não estás preparada para explicar nada, não consegues. Não queres que elas critiquem o teu cabelo lambido e borbulhas, não queres que te espicacem, tenham dó de ti ou se preocupem. Telefonas ao Gabriel e desligas ao fim de dois toques, telefonas à Theo e fazes o mesmo. Mal te consegues lembrar da mulher que foste um dia, a sensata assistente universitária pontualmente a pé, todas as manhãs, às seis e cinquenta e seis.

É amor, obsessão, paixão? Não sabes. Pensas numa palavra estranha e bela que leste um dia, limerance, um termo da psicologia para definir um amor obsessivo, um estado quase análogo ao de uma droga. Uma necessidade como um lobo a cercar o perímetro do teu mundo, para trás e para a frente, para trás e para a frente, sem nunca desistir. Estás completamente concentrada na tua presa, e os teus dedos, frequentemente, estão entre as tuas pernas, a acariciarem, a excitarem, a estremecerem enquanto o Cole dorme. Estás espantada com os novos apetites dentro de ti, esperneando para que os libertes.

Ao longo dos dias, encontras serenidade, nas páginas do teu livrinho. A voz forte e singular da autora nunca vacila, o texto tem um rigor tal, com as suas belíssimas margens a encarnado e preto. Será que ela alguma vez rastejou pelo chão por causa de um homem? Não consegues imaginar.

Talvez ela nunca tenha tido um amante, talvez tenha acontecido tudo na cabeça dela.

Perguntas-te, de repente, se ela seria solteira, a viver num convento, porventura; celibatária, e tão mais forte à conta disso.

Talvez o seu isolamento fosse um desejo seu, porque lhe permitia trabalhar.

Sentiria a autora desprezo pelo casamento? Queria abalá-lo? Talvez o livro seja ainda mais subversivo do que pensavas. Desconfias que ela o estava a escrever para todas as mulheres, menos para ela própria.

*Que a submissão seja, não das mulheres perante os homens, mas dos homens perante as mulheres.*

Como é que ela se libertara?

## *Lição 66*

*a felicidade e a virtude residem ambas na acção*

Maio. O tempo está a melhorar, há uma leveza no ar.

As estantes da biblioteca. A luz é intensa lá fora, mas pesada cá dentro. Há muito que aqui não vinhas. Cada estreito corredor ilumina-se ao puxar de um cordel ao fundo e os teus passos ecoam nas grelhas de ferro forjado com o fatídico som metálico de um carcereiro. Uma bibliotecária a arrumar livros nas prateleiras levanta os olhos de um andar abaixo e tu lembras-te, demasiado tarde, que não devias andar de saia neste lugar, é uma velha regra da biblioteca: os espaços amplos entre as grelhas permitem às pessoas olhar para cima e ver. Para provocares uma injeção de coragem erótica não vestiste cuecas mas, de repente, parece-te tão errado, estares aqui, neste estado; a tentar trabalhar mas a pensar se verás o Gabriel por acaso, tentando apagar uma obsessão com outra e num lugar tão imbuído de ambas.

Ele não está. Tu só queres conversar, sossegar o espírito. Quando te afastas, algumas das traves das grelhas oscilam ligeiramente sob os teus pés e o efeito é estonteante e desagradável e detestas esta necessidade grosseira dentro de ti que não condiz confortavelmente com a tua cara pública.

Sentas-te a uma secretária. Agarras-te à beirinha. Inspiras fundo. Tens de concentrar-te no teu livro, tens de fazer com que resulte: precisas de uma lombada para a tua vida.

E de repente ocorre-te, tão magnífico e obediente como um emaranhado de colares que demoraste tanto tempo a desembaraçar, e com o



simples passar de um conjunto de contas pelo laço de outro, o nó desfaz-se como que por magia.

Responderás à tua misteriosa autora seiscentista.

Escreverás um livro em segredo, exactamente como ela. Por que não? Toda a escrita é um acto de vingança, não é? Sim, *sim*. Lambes os lábios. Pegas no bloco de notas. E numa tarde perdida na paz profunda, tão profunda, de trabalho perseverante e absorvente, rediges três listas:

Os homens com quem foste para a cama, o que te ficou na memória.

Como te seduziram.

E com o quê.

## *Lição 67*

*as camas de penas são um luxo maior do que os colchões, mas consta que menos saudáveis*

Camas, claro:

Um *futon* manchado no chão. A cama de uma irmã que cheirava a erva. Um colchão aninhado num sótão. Uma cama de campismo ligeiramente húmida. A severa cama de hóspedes dos teus sogros, com lençóis tão escorregadios que caíste. Uma cama deliciosamente ampla de um hotel em Hong-Kong, mais larga do que comprida. Dois colchões individuais unidos e tu tiveste medo que se afastassem a qualquer momento e o abismo te engolissem.

E as não-camas:

A capota de um carro. O tapete felpudo que deixou abrasões na pele. Um campo de vacas curiosas. Uma piscina às três da manhã, a boiar na água sob um céu estrelado como uma tenda de circo. Lembras-te do silêncio enquanto fodias, lembras-te tão bem, apenas o gorgulhar suave da água, agarrados um ao outro sem falar, nem uma só palavra, concentrados na intensidade do toque e na carícia da água.

Um carro de aluguer. Areia. Uma mesa de cozinha em casa de uma tia solteirona.

Todos os clichés. É incrível a semelhança que havia entre a técnica dos homens e, no entanto, a diferença que cada um deixou na tua memória, ainda que não tenhas fixado o nome. Lembras-te das experiências desagradáveis com mais pormenores do que das agradáveis; lembras-te da razão por que não resultaram. E da tua desilusão. Por não ter sido melhor do que esperavas, no início, enquanto te desnudavas. Sempre a disfarçaste.

É uma pena, isso.

## *Lição 68*

### *Abril é o mês esperançoso da jardinagem*

Visitas a biblioteca uma e outra vez. Percorres o ousado esqueleto de ferro do belo edifício, o *teu* edifício, tanto quanto dele. O facto de ele não vir não implica que não venhas tu e descalças os sapatos e arqueias as plantas dos pés e as tuas meias tamborilam no ferro. Tiras de tubos fluorescentes lançam fragmentos de luz aqui e ali; por cima e por baixo de ti estão leitores sentados ou agachados, isolados nos seus pequenos círculos de luz. Secretárias antigas de madeira esperam ao fundo dos corredores como áreas de repouso numa auto-estrada e sentes o cheiro embriagante a papel e cabedal, cheiro a palavras, expectante. Começas, finalmente, a debruçar-te sobre o livro. A fazer perguntas:

Por que é que as mulheres são tão contidas no que toca ao seu prazer, por que é que se empenham tanto no prazer de todos os outros à custa do seu próprio?

Que acontece se tentarem viver de uma forma mais egoísta?

Mas, depois, um raio de luz, filologia, num ambicioso dia de Primavera.

O teu coração dá um salto mortal.

Ele está sentado no chão, de costas viradas para uma parede, a ler e a escrevinhar num bloco de notas que tem ao lado. Não vais ter com ele, limitas-te a olhar: a nuca, os cabelos caídos para os olhos, a mão enrolada

na caneta que faz um clique tão agradável como um *bâton*, o relógio dos anos quarenta com o seu mostrador grande e manchas da idade.

Algo faz com que ele levante os olhos. O seu olhar cruza-se com o teu.

O sorriso dele, como um chapéu-de-chuva virado do avesso.

O teu sorriso.

Estão ambos aprisionados nisto, consegues perceber que sim. Está-lhe estampado no rosto.

## *Lição 69*

*nunca se esqueça de fazer as suas orações*

Um novo café. Ele segura na tua mão por cima da mesa, cobrindo-a com a sua mão em concha como a carapaça de uma tartaruga, não quer soltar-te; como se estivesse relutante em abandonar o contacto, agora que foi restabelecido. Tens uma chávena de chá à tua frente, está fria, com uma película leitosa e manchada na superfície.

Gabriel, és virgem? Sem rodeios.

Sim.

Assim, sem mais nem menos. Não estavas à espera de uma confissão tão rápida. O sorriso dele tem a honestidade de um céu limpo; é como se ele nunca tivesse proferido essa afirmação na vida e é um alívio, que alívio, tê-lo feito. Ele diz sim, novamente, sim, e os dedos dele acariciam os teus distraidamente, acariciam os nós dos teus dedos, não se detêm. E depois ele diz que acha que precisa de ajuda, tenho andado a pensar nisto noite e dia e tu acenas com a cabeça, não dizes nada sobre as tuas próprias noites e dias.

Porquê, perguntas baixinho.

Ele recosta-se, ri-se. Bom, diz lentamente, é um esforço começar, tenta dizer alguma coisa, muda de ideias. E depois começa. Havia uma rapariga quando ele tinha quinze anos. Chamava-se Clare. Conheceram-se num musical. Uma produção conjunta entre o colégio de rapazes em que ele andava, na zona Norte de Londres, e o convento daquela área. Ele acabara de se mudar para lá, vindo de Espanha.

Que musical era?

Nem queiras saber. *Salad Days*.

Riem-se ambos.

Ela era americana. Os pais, espanhóis, mas ela era californiana. Diferente de todas as outras. Linda. Quente. Era como se, não sei, ela armazenasse o sol debaixo da pele ou uma coisa do género. Eu... perdi-me.

Acenas com a cabeça, sorris, é uma história que quase consegues adivinhar: que eles se apaixonaram, loucamente, docemente, arrebatadoramente. Que um professor os encontrou numa despensa, durante um ensaio. Que ainda não tinham feito nada por aí além, mas estavam despidos e tu vê-los aos dois: as mãos, as caras, tímidos, trémulos, maravilhados, concentrados, assustados. Foram arrastados cada um para seu canto. Os pais da Clare eram muito severos; ela foi afastada da produção; nunca chegou a ver o espectáculo. O Gabriel recebeu ordens para não telefonar, não tinha autorização para a ver, enviou-lhe uma carta a dizer que esperaria por ela e que não olharia para mais nenhuma rapariga, mas nunca soube se ela a recebeu. Ela mudou de escola. Ele não conseguiu localizá-la, perdeu-a.

A minha família acha que fiquei obcecado por ela, diz ele. Suponho que sim, não sei. Não havia dia em que eu não pensasse nela e no que perdera. É obsessão?

Acho que é, sim, sorris. Viras a palma da mão por baixo da dele, de modo a ficarem viradas uma para a outra, espalmadas.

Bom, a minha mãe diz que tenho uma personalidade dependente. Sorri, pesaroso. Seja como for, estava determinado a ser actor — talvez, de certa maneira, estivesse à procura de uma forma de a reencontrar, não sei; passei tanto tempo a fingir e a imaginar, passava-se tudo dentro da minha cabeça. Seja como for, um dia, quando tinha vinte anos, ia a descer Charing Cross Road e ali estava ela, à minha frente. Ele está nervoso, tosse ligeiramente enquanto fala, pigarreia, lembras-te de ouvir essa tosse nos momentos em que ele é apanhado de surpresa: quando tem de questionar a conta perante um empregado, talvez, ou responder aos insultos de um louco no Metro. Eu esperara durante tanto tempo, continua ele. Fomos para minha casa. A tua mão aperta-se em volta da dele. O Gabriel fica calado, humedece o lábio, fita-te nos olhos. Eu disse-lhe que ela teria de ir com calma, diz ele. Não sabia o que fazer. Nunca tinha estado com uma mulher.

Na minha cabeça, ainda tinha uma relação com ela. Esperara durante tanto tempo.

Seguras-lhe no rosto, susténs a respiração.

Ela riu-se. Simplesmente... riu-se.

A raiva ainda dentro dele, passados tantos anos.

Ela mudara tanto. Tinha uma certa dureza, era tão... cínica, experiente. Perdera toda a doçura. E pintara o cabelo e usava um *bâton* demasiado forte, e uma maquilhagem empastada e horrível na cara. Não precisava disso, de *nada* disso. Não sei o que me aconteceu. Agarrei-a pelos ombros e abanei-a, sacudi-a como se estivesse a tentar arrancar-lhe aquele riso todo. Não conseguia parar.

Apertas a mão dele entre as tuas como uma bela pedra macia que contraste na praia.

E depois, não sei, perdi o rumo, não me conseguia concentrar, era como se estivesse consumido por um qualquer vírus de insegurança. Toda a gente me conhecia; pelo amor de Deus, as miúdas tinham *posters* meus nas paredes; e enquanto fala, ele retira a mão e os seus dedos mexem num guardanapo de papel e começam a fazer furinhos. Não podia dizer que nunca tinha ido para a cama com ninguém. Estava paralisado. Disse para mim mesmo que quando fizesse vinte e dois anos já me teria deitado com uma mulher, e depois passou a vinte e cinco e depois a trinta e, meu Deus, com essa idade como é que eu podia contar a alguém? E estranhamente, ao longo dos anos tornou-se mais fácil dizer que não. Fingir. Era como viver por detrás de uma placa de vidro e ver toda a gente de dentro para fora, e não ser capaz de tocar. E ri baixinho. E depois conheci uma mulher, num café.

A tua respiração fica-te presa na garganta.

Gostei dela, muito mesmo. Ele fala tão devagar; mal consegues ouvi-lo para lá do martelar do teu coração. E ela era casada, o que significava, de uma maneira bizarra, que estava livre. Não haveria complicações, consequências tumultuosas. Pensei muito nisso. Era alguém em quem eu podia confiar. E ainda por cima era professora. Tem graça, isso.

A tua boca está seca, sem seiva.

E no entanto não posso pedir-lhe para me ajudar, é impossível. Nunca lhe poderia pedir isso. Ela pediu-me uma vez, mas fiquei paralisado, entrei



em pânico, não estava preparado. E depois... não tive coragem de a enfrentar. Desculpa.

Olhas para ele sentado à tua frente, completamente nu, com uma impotência tão grande estampada no rosto e a testa toda franzida e sentes-te comovida, tão comovida, com a coragem de tamanha honestidade. Pensas na diferença que existe entre ele e o Cole, o maxilar cerrado quando lhe perguntaste vezes sem conta sobre a Theo, a tensão nas mãos dele enquanto o cercavas de perguntas. O Gabriel está a dar um salto enorme com as suas palavras, tens a certeza de que mais ninguém as ouviu antes de ti. Havia sempre uma estranha espécie de ausência nele, uma peça do *puzzle* que não possuías e agora, de repente, ele está presente, de uma maneira tão comovedora e transparente, e uma ternura abate-se sobre ti como uma onda. Não o julgarás, não o condenarás. Pelo contrário, respeita-lo; por não sucumbir à pressão e ao pânico de perder a virgindade, por resistir, por se guardar. É tão antiquado e disciplinado, tão austero, nobre, invulgar. Já ninguém o faz.

Subitamente o Gabriel retrai-se e baixa a cabeça para as mãos como se não acreditasse no que acaba de confessar. Este é um momento que nunca esquecerá na sua vida: vai com calma, tens de ter cuidado. Não o magoes, não o assustes, não engrosses essa tal placa de vidro. Ele está mais próximo de ti do que nunca, está completamente vulnerável, despido, e tu sabes que também recordarás este momento para o resto da tua vida, como uma luz fluorescente demasiado forte num corredor comum que nunca se apaga, este momento do Gabriel sentado à tua frente, nu, quando todos os nós que estancaram dentro de ti durante tanto tempo se transformam num enorme

*sim.*

## *Lição 70*

*mais vale ser-se atado pelo pescoço a uma mó e atirado para o mais fundo poço do que tornar-se um viciado em ópio*

A pé, a caminho de casa dele. Sem se atreverem a falar; de mãos dadas, trémulos, molhada.

A casa dele é modesta e arrumada, como a de um monge, com uns quantos objectos bonitos das viagens dele aqui e ali, pequenas pilhas de livros de capa mole e uns quantos postais a preto e branco nas paredes. Ele não impõe a sua presença ao espaço.

A cama é surpreendentemente grande. Apagas as luzes. Por onde começar, tu és a professora e diante de ti está a tábua rasa: meu Deus, que responsabilidade. Concentras-te, não te podes apressar. Não queres que ele passe pela dor ou pela desilusão que tu tantas vezes sentiste. Quantas mulheres têm oportunidade de fazer isto a um homem, desflorá-lo? Tem de ser profundamente memorável para ele, algo para saborear o resto da vida.

Dizes-lhe que queres que ele te lamba, lentamente, a parte de dentro do pulso, e puxas a manga para cima como um drogado à espera da sua primeira pica. O Gabriel olha para ti. Debruça-se, hesitante. A ponta da língua dele desliza pela tua pele numa só linha quase imperceptível. Fechas os olhos, soltas uma pequena exclamação, a língua dele detém-se. Despes-lhe o casaco, desabotoas-lhe a camisa, encontra-lo, a vulnerabilidade dele. O peito é amplo como uma catedral e as tuas mãos tocam-lhe e tu sentes o seu coração galopante e colocas a tua mão direita sobre ele, lendo-lhe o

ritmo. Cheira a lavado, agradavelmente lavado, não consegues detectar o seu verdadeiro odor. O corpo é jovem, ainda por acabar, parece estranhamente intocado, talvez seja a hesitação dele, está todo fechado sobre si mesmo. Os teus lábios percorrem a suavidade da parte de dentro do braço dele, lentamente, ao de leve como um insecto, trepando a palidez. Levantas os olhos e sorris reconfortantemente e por algum motivo seguras na cabeça dele, como uma mãe faria a um filho, e ele começa a dizer qualquer coisa e chhh, sussurras, não fales e seguras-lhe no rosto com a pressão das tuas mãos e ele está tão concentrado, tão atento, chhh, sussurras, chhh, e beija-lo lentamente como se toda a ternura do mundo estivesse reunida nesse toque e, enquanto o fazes, as tuas mãos serpenteiam suavemente pelo erotismo das ancas dele.

Ajoelhas-te, desapertas-lhe o cinto.

O pénis dele inclina ligeiramente para um lado, é grande; surpreende-te sempre o tamanho que alguns atingem. Ele olha para baixo, para ti, tem a respiração acelerada.

Pegas nele, lambes, macio, macia como seda, a ponta.

Ele ri nervoso, não consegue descontraí-lo. Tenta afastar-te. Empurra-lo, num gesto brando mas com firmeza, para a cama, de costas. Despes as tuas roupas, depressa; molhada, tão molhada.

Sentas-te, muito devagar, em cima dele.

Desces lentamente, sente-lo até ao fundo. E depois páras, ficas muito quieta durante uns instantes, ele preenche-te e tu sorris para os olhos dele e muito devagar apertas os músculos e contrai-lo dentro de ti: sentes o Gabriel com a tua pele. Ele olha para ti, cheio de surpresa e entrega e choque, e tu lanças a cabeça para trás, não consegues continuar a fitá-lo, precisas de saborear este momento sozinha. Começas a mexer-te sobre ele, lentamente, ritmadamente, de olhos fechados, chhh, dizes-lhe, chhh, quando ele faz menção de dizer alguma coisa, enquanto falas com ele através da tua pele, inclinas-te para a frente, roças a ponta do dedo nos lábios dele, chhh.

E ele vem-se.

Está chocado; é tão rápido.

Sorris, permaneces sentada nele, a senti-lo dentro de ti, a senti-lo amolecer. Também isto é agradável. As tuas mãos sobem-lhe pela barriga e pelo peito, saboreando a pele dele surpreendentemente macia, intocada há tanto tempo por qualquer outra mulher e baixas a cabeça e beija-lo, de gratidão, na cova do pescoço. Não atingiste o orgasmo, não aprendeste nada de novo mas é um começo, um belo começo: porque é a primeira vez que assumiste o controlo total. As mulheres detêm o poder sobre os homens.

Sais de cima dele. Espreguiças-te languidamente, as tuas palmas viradas para o céu como se quisessem empurrá-lo para cima. Sentes-te como um gato numa cadeira predilecta onde nunca o deixam instalar-se, estremecendo de calor e luz do sol.

O Gabriel vira-se de barriga para baixo. Diriges-te para ele, deitas-te ao lado dele; as pontas dos teus dedos escorregam pela coluna dele.

Houve outra vez, diz ele, sem olhar para ti. A tua mão detém-se. Quando fiz vinte e um anos. Embebedei-me. Os meus pais tinham organizado uma festa enorme para mim. Estava lá uma rapariga, uma miúda qualquer, uma amiga da família, também estava bêbada, e fomos para um dos quartos do andar de cima da casa. Mas quando tentei penetrá-la, fiquei... ficou mole. Só conseguia ouvir o riso da Clare na minha cabeça. Não fui capaz de continuar.

Abres o braço como uma asa e beliscas-lhe o ombro. O Gabriel vira-se para ti, deita-se de lado com a mão a apoiar a cara.

Por isso... obrigado, diz ele, embaraçado, tímido. Segue-se uma pausa, e o ar maroto torna a aparecer. E agora?

Abanas a cabeça, tapas os olhos, ris-te: não, não não, temos de parar, está bem?

Alto lá, minha senhora, não pense que se vai já embora desta casa.

## *Lição 71*

*quem come em demasia devia lembrar-se de que está a roubar os  
carenciados*

Caminhar à beira-rio até ao Metro.

O Tamisa da cor de chá frio com leite.

Sentes-te intensamente viva, como se te tivessem arrancado anos ao corpo. Sentes-te inchada entre as pernas, empolada, suavizada, cheia. Sorrindo para o lusco-fusco impaciente e levando os dedos vagamente ao nariz para sentir o *cocktail* de cheiros, o carimbo de dois corpos.

Sentindo-te empolgada como uma adolescente que acabou o seu último exame e tem perante si a magnífica promessa das férias de Verão.

Mas nessa noite estás acordada, completamente acordada quando o Cole impele o seu corpo quente para dentro de ti. Tem a mão pousada na tua anca e os teus olhos estão abertos como os de uma coruja com vontade de levantar voo, é tudo tão violento e terrível e empolgante dentro de ti. Será que a Theo alguma vez se sentiu assim? Terá sentido culpa? Retomaria ela alegremente a sua vida, agora? Porque há bem pouco tempo sonhaste com uma transgressão, apenas uma, nadando contra a maré da desintegração e despejando-te, para poderes começar do zero a tua vida conjugal; sem nunca olhar para trás.

Os teus dentes mordiscam uma pele teimosa no teu lábio, mordiscam até sentires uma onda quente de sangue na boca.

## *Lição 72*

*é dever de todas ser gentil e ajudar os outros no que for possível*

E assim começa.

Uma tarde em dia de semana. Uma vez por semana. Sempre em casa do Gabriel.

És boa professora, sempre foste, e agora, depois de anos sendo a boa professora, não queres dar apenas, queres receber algo em troca. Há uma condição, deixa-la bem claro desde o início: esta situação não pode, de modo algum, interferir com a tua vida normal. Só assim resultará. Quando as aulas chegarem ao fim, desaparecerão ambos de regresso aos seus respectivos mundos, para que de futuro, se se cruzarem por acaso na rua, não reconheçam a presença do outro nem o que fizeram durante estas tardes em casa dele. Isto dá-te liberdade para explorares exactamente o que queres. Não haverá fotografias, nem cartas, nada de concreto, nada a apresentar como prova. A memória é a única coisa que ambos poderão reter. As regras ocorrem-te rapidamente e com clareza, e tornam-te mais fácil justificar o que estás a fazer.

Uma vez por semana. Um único encontro. No resto das tuas horas despertas, deleitas-te com o festim da memória do que fizeram.

O pulsar da memória.

Ele abre a porta de fato, sempre, como se tivesse acabado de chegar do trabalho. O ar dentro de casa dele cheira ao centro de Londres, demasiado trânsito parado, ficas com um sabor metálico na boca. Passam pessoas engravatadas e bem vestidas pela janela do rés-do-chão, a falarem ao telemóvel, a matraquear os seus saltos altos e sapatos apressados. Faz com que as aulas pareçam mais voluntariosas, infantis, indulgentes, como uma tarde de sol roubada ao trabalho, passada, em segredo, no cinema. Mas pior, muito pior.

Portanto, semana a semana. Lentamente, não te apressas. Sentes que tens todo o tempo do mundo para se saborearem um ao outro, tendo-se precipitado com aquela primeira e milagrosa foda: foi apenas um começo. Há tanto a aprender, agora. Para ambos, porque enquanto o ensinas estarás a ensinar-te a ti mesma, embora ele não precise de saber isso.

Estipulas regras toscas.

Um, tirar a roupa. Aprendes a pele dele, centímetro a centímetro. Ele, a tua.

Dois, o toque, o lamber. Exactamente onde queres. No lóbulo da orelha, a ponta da língua dele no teu lábio superior. A pele abaixo da vagina, a orla macia, o teu clítoris. Dizes-lhe exactamente onde o queres, guia-lo, ordenas-lhe que abrande ou não pare ou não se mexa ou mantenha a rota. E assim, finalmente, enquanto ele escuta atentamente e faz precisamente o que tu queres, tens o teu primeiro orgasmo e abre-se todo um novo mundo: os teus olhos cerram-se perante a onda quente e molhada e tu fechas-te como uma tesoura na cama e arqueias as costas, tentando contrair os últimos estertores ou prolongá-los, não sabes ao certo, e as implosões continuam a disparar do teu ventre e depois abrandam e param, e tu não te consegues mexer, estás esgotada, só consegues ficar deitada na cama e rir, de espanto. O Gabriel olha para ti. Meu Deus, diz ele, meu Deus, repete. Sentas-te. Passas as mãos pelo cabelo. Tens de concentrar-te: o prazer não pode ser um exclusivo teu, é a vez do Gabriel. Como ele te dá tanto, queres brindá-lo com uma torrente de prazer: tens um objectivo, pela primeiríssima vez na vida, ver um homem completamente saciado.

Pelas tuas mãos, lábios, língua. Se puderes.

Portanto, lamber, onde *ele* quer: acima de tudo, a frente achatada da ponta da pila e depois a parte de baixo, ele mal consegue aguentar a tua boca e no entanto nunca é suficiente, e enquanto o fazes, apertas a base com força. Descobrem tudo, juntos, estão ambos a aprender tanto e tu levantas os olhos, para os olhos dele: simultaneamente espantados e deleitados. Depois a orla do olho do cu. Os tomates, a parte dura por baixo e é a vez de ele dizer para não parares.

Três, o beijo público clandestino, completamente vestidos. O beijo do quarto, despidos, os lugares onde o dar.

Quatro, uma vela. O cabo de uma escova. O gargalo de uma garrafa de champanhe, e quão excitantemente cuidadosos têm ambos de ser. Por que é que objectos inanimados te excitam muito mais do que um pénis?

Cinco, o vibrador. Espicaçar o teu clítoris e com força dentro de ti. Por baixo da cabeça do caralho dele e no cu dele e tu deleitas-te com o franzir da cara dele quando se vem.

Seis, revistas porno. É ele que tem de as comprar, cabe-lhe a ele. Queres as páginas das cartas, mais nada; não te interessa o que ele faz com o resto. Delicias-te a proferir todas as palavras que nunca passaram confortavelmente pela tua língua: *cona, foder, cu*. És a dona-de-casa com cara de anjo e uma súbita grosseria no discurso e é como se o teu exterior e o teu interior já não batessem certo. Fode-me, dizes-lhe, vamos, fode a minha cona e ficas espantada e excitada com as palavras que te saem da boca.

Sete, pulsos atados aos postes da cama. Incapacitada, vendada, amarrada.

Oito, o chuveiro, com força contra os azulejos.

Nove, sono. Enroscada nas costas dele, o teu corpo é o cobertor dele, a tua palma o coração dele porque, às vezes, dizes-lhe, é apenas isso que uma mulher quer.

Dez, a foda. A primeira vez não contou, não havia nada a aprender, tinha simplesmente de ser feito. Precisas de tempo, agora, para fazer como deve ser; estás determinada, finalmente, a fazer com que resulte. Ele é demasiado espasmódico, abrasivo, mecânico, sabias que ia ser assim, não há música no que ele faz e vem-se demasiado depressa, claro. Sempre quiseste rapidez com o Cole; mas isto é diferente, tens de descobrir a



magnificência que sabes que existe. Tinhas esperança de obter algo diferente com o Gabriel, mas a foda, para ti, ainda não lançou faísca. Fazes um esforço heróico para não lhe mostrar a tua desilusão, para não lhe virares as costas de frustração, amuada.

Inspiras fundo.

Dizes-lhe, cuidadosamente, que precisam ambos de treinar. Dizes-lhe que ele precisa de abrandar um pouco, olhar para ti, não se trancar dentro do seu mundinho privado. Dizes-lhe que, na verdade, não estás a ter prazer nenhum com aquilo. Ele vira bruscamente a cabeça, está tão irritado, sente que já avançou tanto, é difícil dizer-lhe que ainda não o suficiente. Ele sai de cima de ti. Deixa uma mancha pegajosa. Agarra-lo, ternamente, num gesto de desculpa, mas ele dirige-se intempestivamente para a casa de banho e diz-te que já chega.

Não o contactas durante uma semana.

Ligas na manhã da sessão seguinte e ele atende, demasiado depressa.

Posso ver-te esta tarde?

Podes: rabugento, abrupto.

Ainda bem, dizes, fico muito contente, dizes, carinhosa, sabendo que seria essa a resposta dele. E desejando-o tanto.

Aos poucos, aos poucos, abrandas o Gabriel, deixando-o entrar um bocadinho de cada vez, afastando-o se ele tenta precipitar-se. Ensinando-lhe que o segredo da magnificência está na espera, na contenção; e foram ambos peritos nisso, desde que as vossas mãos se roçaram num café ao passar um número de telefone. Recorres a isso agora: impondo as regras de não contacto durante a semana, não despindo as tuas roupas assim que entras pela porta de casa dele, sentando-te a tomar uma chávena de chá e depois, lentamente, distraidamente levantando a saia, sem cuecas, claro, e tocando-te ao de leve enquanto falas. Abrindo as pernas, flectindo as costas, vendo a distração dele, a sua incapacidade de continuar sentado: aproximando a cabeça do teu beijo quando te vens.

Fazes com que o Gabriel te toque como se fosse um homem cego a ler os segredos da tua pele. Obriga-lo a variar o ritmo, repreende-lo suavemente se ele cai na monotonia, ensinas-lhe os segredos da ternura, do

relaxamento, da surpresa, ensinas-lhe tudo o que queres. Aperfeiçoa-lo até a parte de dentro das tuas coxas latejar e a tua pélvis doer de estar esticada sobre ele, até as tuas coxas continuarem a tremer horas depois de teres saído de casa e até ao dia seguinte.

O Gabriel quer as aulas com mais frequência do que tu, irrita-se com o prazer de que foi privado, tem medo de que o tempo se esgote. É como se quisesse fazer amor incessantemente para cimentar o que estás a fazer na vida dele, para tornar o vosso tempo juntos sólido e constante e um hábito que nenhum de vocês consiga quebrar. Ele diz que está feliz, tão feliz. Nunca pensaste que ele pudesse ter tanta voracidade dentro de si.

Abraça-lo, ris, aperta-lo com força. Não lhe dizes que sentes o mesmo.

Não te deixarás apressar. Recusas-te a aumentar a frequência, a acelerar o teu ritmo: queres que perdure. Não prolongarás as aulas pelo serão afora, apesar da insistência dele. Quando cai a noite, têm de parar. As aulas só podem decorrer enquanto há luz, é como se vivesses com medo de adormecer ao lado do Gabriel e despertar pela manhã com um beijo e ficares presa, para sempre, na vida dele.

É como se nunca tivesses sentido prazer antes disto. É como se o que tomaste por amor, no passado, fosse um recorte feito de cartão. Porque nunca detiveste o controlo antes disto; nunca, antes, tiveste exactamente o que querias.

## *Lição 73*

*sugestão para quando for às compras: compre sempre o melhor artigo de cada categoria*

Queres o dedo do Gabriel no teu cu enquanto ele te fode, dizes-lhe isso, sempre quiseste experimentar. Há tantas coisas que sempre te suscitaram curiosidade e agora tens um parceiro disposto, que nunca te embaraçará, porque nunca estará ligado à tua vida normal. Com o dedo dele no teu cu tens o primeiro orgasmo com um homem dentro de ti e sorris de orelha a orelha, não consegues parar: eras capaz de começar a gostar demasiado disto.

E depois o lamber, tardes inteiras de esplendor. Nunca resultou particularmente para ti: o Cole, em especial, acha sempre que sabe o que é melhor para ti. Agora dizes ao Gabriel exactamente onde o queres, à volta do clitoris acima de tudo e tu abres os dedos de cada lado, estica-los para puxar a pele para trás. Ergue-se arrojado, de um vermelho selvagem. Levantas a pelvis e comprimes a boca dele contra ti e não o deixas afastar-se enquanto contorces o punho no lençol. E depois ele inspira-te suavemente e a língua mergulha dentro de ti, vai cada vez mais fundo e tu não sabias que era possível ficares tão molhada. Ele fixa-te enquanto te vens, fixa o que fez e tu viras a cara e dizes-lhe para não olhar, vai-te embora; não queres que ele te veja tão aberta. Mas ele continua a olhar, todo satisfeito, os dedos esticados sobre um sorriso, como se numa prece.

Mas eu adoro ver-te assim, diz ele. Adoro.

O Gabriel não tem medo da tua sexualidade. O teu prazer dá-lhe prazer, excita-o e em troca ele nada pede fisicamente: ninguém o ensinou a

fazer isso, a esperar algo em troca. Ele é o teu primeiro amante completamente generoso, não pede broches, é puramente altruísta, sexo feminino.

Os teus orgasmos são cada vez mais intensos, tropeçam uns nos outros até quase teres de o afastar assim que ele toca na tua pele com a língua, e enfiás os dedos entre as pernas, numa tentativa de conter o orgasmo, abrandá-lo, e enterras a cara na almofada, abafando sons que nunca proferiste antes e te despontam na base da coluna.

Sentes-te tão viva. Sacudida, desperta, depois de anos de apatia até que quase te vens só com o beijo dele à entrada, ou o som da voz dele ao telefone.

Às vezes perguntas-te se ele gostará assim tanto de lamber, porque um colega se descaiu um dia e disse que, quando fazia minetes, o sabor de uma mulher lhe provocava sempre o vômito, que nunca gostara do cheiro de uma mulher, embora o cheiro seja diferente de mulher para mulher. Mas tu estás viciada agora e muitas tardes ele passa-as entre as tuas pernas até as tuas coxas tremerem e tu lhe implorares para parar, porque é demasiado magnífico, quase roça a dor, mal consegues suportá-lo. E no entanto ele continua, como se estivesse a tentar apagar a recordação carimbada da maneira de foder de qualquer outro homem e tu afogas-te no prazer, estás saciada, a transbordar, perdida.

Beijas, ao de leve, o vale da base do pescoço dele, beijas, ao de leve, a clareira pálida atrás da orelha, inspira-lo profundamente, ajoelhas-te, incha-lo. Queres dar tanto em troca, deixá-lo atordoado com a sensação, como tu.

Profundamente mudado.

E todas as semanas, no Metro trepidante de regresso a casa, perguntas-te onde poderá isto ir parar, quanto mais poderás pedir dele. Porque tudo o resto é esquecido nesse prazer explosivo na base da tua coluna, toda a tua outra vida é apagada. Nenhum de vocês fala sobre maridos ou famílias, ou o que virá a seguir, porque não suportam pensar em nada que possa pôr fim a tudo isto.

## *Lição 74*

*quando for adulta, deite-se antes das dez e levante-se às cinco ou seis*

Ligas à tua mãe. É o aniversário dela; enviaste-lhe umas bonitas botas de montar espanholas, feitas à mão, que foram demasiado caras mas sentes-te tão generosa e de espírito grandioso, nesta nova vida.

Olá, estás com uma voz óptima, diz ela.

É, e sinto-me óptima. Estou a descansar imenso, e a fazer exercício.

Queres contar-lhe sobre o Gabriel, numa torrente, mas se alguém descobre perderás um pouco do teu controlo: nunca saberás quando isso poderá virar-se brutalmente contra ti.

Continua a fazer o que tens andado a fazer, diz ela ao despedir-se. Está a resultar, querida.

Sorris. Tiras uma fotografia antiga da prateleira. A tua mãe no deserto Gobi, numa escavação, um balde numa mão e uma pá na outra, e os olhos semicerrados contra o sol e madeixas de cabelo caídas para a cara. Costumavas detestar a sua vida libertina e extravagante quando eras adolescente: a maneira como ela se passeava pela casa nua, te empurrava para a rua para conheceres o mundo, te levava a jantares intermináveis para te apresentar mais um dos seus homens.

Reconheces agora que a tua mãe estava a fazer exactamente o que queria e, na casa dos cinquenta, continua a fazê-lo. Agora é alegremente celibatária. Vive uma vida vívida, que por vezes passa por ver filmes antigos a preto e branco até às três da manhã e dormir até ao meio-dia e tomar apenas chá ao pequeno-almoço e nada mais. Meter-se num avião assim que lhe chega a notícia de que descobriram mais uns fósseis, desaparecer

durante um mês. Relutante em sair com homens. Afastando-se timidamente das eventuais consequências de um encontro amoroso, de um qualquer tipo de partilha da sua vida.

São tão chatos, todos eles, diz ela. A única coisa que querem fazer é falar sobre eles próprios. Ou dar-te o fora. Prefiro mil vezes sair com uma amiga do que com um homem.

A maior parte das amigas dela são divorciadas, não querem outro homem, parecem mais felizes sozinhas. Já criaram os filhos, desempenharam o papel da boa esposa. Mas tu perguntas-te se a tua mãe estará a ser completamente sincera contigo. Quem é que decide realmente ficar sozinho? Tanta energia, na tua fase adulta, tem sido gasta a tentar fugir desse estado.

Perguntas-te o que diria a tua mãe de ti, agora, com a tua vida secreta. Se aprovaria; se ficaria preocupada com o Cole ou se diria que é o melhor para vocês os dois. Ele tem andado tão enterrado em trabalho que não parece ter reparado na plenitude langorosa dos teus gestos enquanto lhe fazes o jantar. Não reparou nos teus dedos a saborearem os teus lábios inchados e vermelhos enquanto ele vê televisão, conversa, fala.

És a boa esposa, a boa atriz: é surpreendentemente fácil, o disfarce. Estavas a representar desde o início e mal te apercebias. Mas queres envelhecer ao lado do Cole, ainda queres isso. Ficarias perfeitamente bem se nunca mais fizesses sexo com o teu marido, a não ser para conceber um filho; e já tinhas ouvido isso da boca de amigas casadas. O Cole representa algo que vai além do sexo: ele está bem inserido nos teus planos de vida.

Mas que acontece ao desejo? Será que este sentimento fugitivo acaba por morrer? Ou agora que foi libertado será que vai perseguir-te até à velhice, acidentado e descontente, à espera de passar uma rasteira à tua vida?

Foste cuidadosa, o Cole nunca há-de descobrir. O Gabriel não dirá nada, porque te confiou um segredo que praticamente garante o seu silêncio. Quão mutuamente benéfica é esta situação, quão perfeita: encontraste um amante disposto a fazer exactamente o que queres.

Que nunca abrirá a boca.

Que te despertou.

## Lição 75

### *o mercado das falsificações*

Uma prenda dentro de uma caixa igual à que trazia o teu vibrador. Vem lindamente embrulhada. Algemas. Sem bilhete. Sorris, não precisas de perguntar a ninguém, agora.

Dão azo a uma nova lição, presas à cabeceira da cama. Os espasmos intensos e quentes do teu orgasmo; que choque tão delicioso. A tua voz torna-se mais grave quando o Gabriel está dentro de ti, desce uma oitava e tu escutas, espantada, a mulher em que estás a tornar-te.

Levar no cu, uma coisa que sempre te suscitou curiosidade. A dor, a magnificência, a *transgressão*. Não o queres com frequência, tem de manter o seu quê de diferente, precisas que se mantenha invulgar, único.

O Gabriel quer muitas vezes, mas respeita a tua vontade quando dizes que não, afasta-se.

Há tanto de belo no seu cuidado, no seu empenho; pensas, levemente divertida, que ele aprende com o zelo de um condutor que pela primeira vez se mete ao volante. É tão diligente e grato. Ensinas-lhe a tocar com segurança, confiança; ensinas-lhe a disfarçar o medo, mas consegues perceber que o amor, para ele, será um vício quando o sentir, apoderar-se-á dele, engoli-lo-á por completo. O teu coração sofre já por ele, pelo que o espera.

Ele continua a ter *glamour* aos teus olhos; o *glamour* da sua honestidade. Adoras o ar orgulhoso dele quando te vens, adoras observar-lhe os olhos, deleitados de espanto, perante ti e perante ele próprio. Não consegues dizer-lhe que muitas destas coisas são novas para ti também, que de certo modo começaste estas aulas tão virgem quanto ele. Que tudo o que queres aconteceu durante muito tempo somente na tua cabeça; que nunca o disseste em voz alta.

A tua mulher isabelina fê-lo, sente-se na sua voz confiante. Ouve-la sussurrar, deleitada, através do teu sangue: vai mais fundo, mais longe, não voltes atrás.

*Muitas mulheres são admiradas, não tanto pelas suas virtudes, mas pelos seus vícios e imperfeições.*



## *Lição 76*

*poucas são as mulheres que passam pela vida sem serem chamadas para cuidar de um familiar ou amigo*

A tua mãe telefona. A Theo ligou-lhe.

A sério? A que propósito?

Não sei. Queria só conversar. Lembrou-se que eu fazia anos.

Não falo com ela há uns tempos.

Ela disse-me.

Tivemos um pequeno desajuste.

Ela também mencionou isso. Porquê?

Oh, nada de especial. Achei que ela andava demasiado em cima de mim. Estava a começar a sufocar-me um bocado.

Talvez não seja mau de todo. As pessoas vêm e vão. Sempre achei que ela exigia muita atenção. Era esgotante, tu sabes que era.

As reservas da tua mãe em relação à Theo costumavam ser sempre a deixa para mais uma discussão, mas agora vês que ela estava certa. A tua melhor amiga era muito divertida, mas o reverso da medalha eram os telefonemas constantes, os ciúmes por causa de um novo amante ou amigo e, o mais sufocante de tudo, as insistentes intromissões na tua própria vida. A tua mãe rotulara a Theo de avassaladora desde os treze anos: pedira para te porem numa turma diferente da dela, no início do período seguinte, e ficaste tão furiosa com a sua decisão, que não lhe falaste durante um mês.

Disse que ela e o Tomas estão a tentar ter um bebé, diz ela agora, quando a conversa começa a esmorecer.

Ah sim?

Queria que tu soubesses.

Ah.

Portanto, a Theo antecipa-se. Antecipa-se sempre, desde começar a ter o período aos onze anos, a perder a virgindade aos dezoito, a casar-se: e agora isto. Por que é que ela decidiu manter-te informada, quer que saibas que encerrou determinado capítulo?

Não contaste à tua mãe sobre ela e o Cole; com pavor de descobrir, pela voz dela, que já sabia, talvez, querendo que tu descobrisses por ti. Agora, não te parece que valha a pena contar-lhe. Estás a superar. A raiva começa a abrandar dentro de ti, finalmente; como um incêndio que se reduz a cinzas, está quase extinto.

## *Lição 77*

### *regras para escolher*

Quando o Outono começa a usurpar a luz, por vezes há apenas o sono com o Gabriel, nada mais, várias horas de sono; pele contra pele e o calor dele. E enquanto estás deitada, pensas no próximo passo, talvez: grupos de homens, sexo anónimo, mulheres.

Interrogas-te, onde é que isto vai parar?

Não consegues imaginar como vais pôr fim a essas tardes, mas um dia terás de o fazer. Temes que estejam já a escorregar para outra coisa qualquer, sentes um laço a ser tecido entre vocês dois. No primeiro dia de Novembro, o Gabriel lava os teus cabelos no banho e tu os dele, e depois abraça-lo com tanta ternura, tanta serenidade, e interrogas-te sobre tudo o que aconteceu nos últimos meses, um Verão tão diferente do anterior. Fizeste amor como nunca antes, nunca te sentiste capaz de uma entrega tão total, ou de uma tal resposta. Durante o sexo com o Gabriel, tornaste-te mais jovem, deixaste-te ir por completo, revelaste outra pessoa, pela primeira vez na vida, o teu verdadeiro eu. Uma mulher que te espanta e assusta. Uma mulher exigente, egoísta, arisca, com as rédeas na mão. Ele fez-te sentir realizada enquanto amante, ele deu-te confiança.

Portanto, foi nisto que deu, e nenhum de vocês falará sobre o que vem a seguir. No Metro trepidante a caminho de casa pensas nos sons que irromperam de ti e que nunca proferiste antes, e no arquear das tuas costas, e no teu punho agarrado ao lençol. Mas depois estás em casa, pontualmente às seis, nunca te atrasas. E todas as noites sentes o Cole encostado a ti — o braço, ou a nádega, ou a extensão do seu tronco —, todas as noites ali está

o seu peso exausto, confiante. Ainda valorizas o teu marido, tanto: não queres que tudo o que ele representa desapareça da tua vida. Ficas acordada na cama a tentar arranjar uma maneira para que as tuas necessidades e desejos coexistam pacificamente; não vês, ainda, como poderão um dia.

Sim, começaste, com a dádiva de liberdade do Cole, a encontrar uma maneira de preencher os teus dias. Vives com a luz e com a culpa disso.

É um vaivém de deleite, e dúvida.

## *Lição 78*

*quando uma moça tem um rosto rosado e saudável,  
sabemos que os seus pulmões funcionam bem*

Quanto mais sexo tens, mais queres.

Talvez, agora, um homem que sempre insistiu em fazê-lo à sua maneira, que nunca te agradou o suficiente. Sentas-te à tua secretária, com as unhas dos polegares entaladas entre os dentes e sorris perante o desafio.

Uma tarde de sábado. Dizes ao Cole que estás encalhada no livro. Ristes, talvez acabes por deitar tudo fora e divertir-te um pouco; talvez escrevas sobre o que realmente interessava à tua dona-de-casa isabelina: sexo.

*Tu?*

Sacodes água da escova de lavar a louça. Sim, eu. Talvez escreva sobre o que as mulheres realmente querem, meu caro.

Uuuuuu, diz ele, levantando as mãos a fingir-se aterrorizado.

Meia hora mais tarde, lânguida de preguiça. Um sol alimonado pelas janelas altas, partículas de pó a dançarem na luz. Os suplementos dos jornais de fim-de-semana estão espalhados pela cama e o Cole entra no quarto e beija-te na boca, à sua maneira especial, e diz, então, o que é que *tu* realmente queres, e denota um novo empenho: é como se finalmente ele estivesse a reagir à nova energia que crepita à tua volta e tu não te retrais do

beijo dele. Sussurras-lhe que queres que ele te rape; nunca disseste uma coisa dessas antes.

Ele sustém a respiração, atordoado.

A voz dele mal se ouve, uma palavra apenas: sim. Olha para ti como se sempre tivesse desconfiado de que existe uma mulher assim dentro de ti. Vai à casa de banho buscar a tua lâmina, muda de ideias e traz a dele: é mais afiada, diz ele, mais eficaz, a excitação na sua voz e esse estranho e novo empenho, e tu deitas-te na cama com as coxas afastadas e lá fora o céu flutuante, o ar prenhe do Verão iminente, e tu não sabes com o que contar. Esperas pelo Cole com uma mão entre as pernas, a outra levantada acima da cabeça. Os teus mamilos estão erectos, raramente ficaram duros por causa dele nos últimos anos, como se não quisessem dar-se ao trabalho de se pôr naquele estado. Agora deseja-lo, depressa: já estás a arquear o fundo das costas, em ondas suaves.

O que é que tu tens, pergunta ele.

Não dizes nada, a tua mão agarra-o pela nuca e puxa-o para baixo para um beijo. E depois ele começa, e quando ele passa a lâmina pelos teus pêlos púbicos, uma mudança derrama-se dentro de ti como tinta deitada em água, comesças a sentir-te novamente jovem, uma adolescente, a sentir com toda a intensidade desses tempos. Algo está em combustão dentro de ti, é como a mão de um envernizador a pincelar um quadro, como se todas as texturas de chumbo que esmoreceram a tua vida durante tanto tempo recebessem uma injeção de luz. Abres a boca e sorves o ar, enroscas os dedos do Cole nos teus e aperta-los com força. No fim, olham ambos com fascínio e horror para a fenda pré-púbere. O Cole tira as calças à pressa como se não quisesse perder aquele instante, como se também ele soubesse o quão raro é. Vem-se depressa — demasiado depressa, pensa ele — mas para ti é perfeito e viras-lhe as costas em direcção às janelas, àquela bela luz alimonada, e sorris de orelha a orelha.

Porque acabas de ter o teu primeiro orgasmo com o teu marido.

Mais tarde nessa noite. Um restaurante italiano ao virar da esquina, o teu preferido. Não vais lá com o Cole há séculos; costumavam ir no início da relação. O que é que tu tens, pergunta ele novamente, embalado por

uma garrafa de vinho tinto que espalha calor dentro de vocês os dois. Sorris, a tua mão paira junto da tua garganta.

Encontrei uma secção especial na biblioteca, dizes, está cheia de livros eróticos, e deténs-te, coras, não consegues continuar.

O Cole recosta-se na cadeira. Cruza os braços como o director de uma escola que acaba de ouvir um conto fantástico de remorso.

Não consigo largá-los, dizes.

Bom, um brinde à Biblioteca de Londres, então, e ergue o copo.

### *III*

Como já foi dito:  
O amor e a tosse  
não podem ser disfarçados.  
Nem mesmo uma pequena tosse.  
Nem mesmo um pequeno amor.

ANNE SEXTON



## *Lição 79*

*não se deve deixar qualquer sujidade nas ranhuras e reentrâncias internas*

Não contas ao Gabriel, deixa-lo descobrir por si só. Não levas cuecas, claro. Sentes uma magnífica vertigem quando ele se ajoelha diante de ti, quando as mãos dele puxam a tua saia para cima.

Ele retrai-se.

O que é isto?

Foi o Cole.

O Gabriel contrai-se, o corpo todo, o rosto.

Ainda vais para a cama com ele, diz.

Vou. É meu marido.

Sentes uma picada de irritação por teres de o dizer.

Ele levanta-se e vai à casa de banho. Bate com a porta.

Gab? Gabriel?

Ele fala por detrás da porta fechada. Pensava que vocês os dois já não fodiam. Pensava... e suspira.

O quê? Gabriel?

Não sei. Não sei o que é que eu pensava.

Eu sou casada, ou já te esqueceste?

O Gabriel sai da casa de banho, corado, senta-te na cama e as mãos dele seguram na parte de cima dos teus braços. Diz que tu és infeliz com o teu marido, que és infeliz com ele há tanto tempo, pergunta-te por que é que te voltas para um homem que não amas. Eu nunca disse isso,

empertigas-te, abanas a cabeça: é uma pergunta demasiado pesada, ele não tem esse direito. Ele diz vamos para Espanha, vamos passar algum tempo juntos, em vez de apenas umas horas.

A minha família tem uma casa à beira-mar.

Levantas-te. Sabes nesse instante que o Gabriel está à tua mercê, podes fazer o que quiseres, ele é completamente teu e quando te apercebes disso, algo se perde, consegues senti-lo a escorregar das tuas mãos como um peixe por entre as malhas da rede.

Não quero que isto acabe, diz ele. Tu também não, diz ele. Não podemos. Fazemos parte da vida um do outro, agora. Tu *sabes* que sim. Não mintas a ti mesma. Sinto que os últimos dois meses foram os mais felizes da minha vida; sinto que só agora estou realmente a viver.

Dás um passo atrás. O Gabriel apaixonou-se por ti e tu quase o desprezas por isso; diante de ti, o caos, um homem desenfreado de incerteza e desejo. Quebrou as regras, insistindo na exclusividade e exigindo noites. Não tens a certeza, de repente, do que foi que te ligou a ele. Paixão, talvez. O anseio por um homem que te permitisse expores-te. O desafio, o prazer da caça. Vingança. O desejo de aprender, de abrir a tua vida.

E depois ele ficou agarrado.

E tu não sabes, neste momento, o que fazer a seguir.

Postas-te diante do Gabriel com a mão sobre a boca, como se chocada por uma notícia terrível, como se estivesse prestes a vomitar. Sentes que estás a aprender tudo sobre o amor enquanto o observas, do lado de lá. Ele imagina-te a abandonares o teu mundinho confortável de Londres por um homem na casa dos trinta, sem emprego, que ainda anda de autocarro, que nunca assentou os pés na terra. O poeta, o sonhador, e tu já caíste nessa, uma vez. Mas és demasiado velha, agora. Só queres foder. Como a autora do teu livrinho.

*Onde encontrarás um homem tão generoso e cortês para com a sua mulher, que esteja disposto a deixar-se substituir por outro homem.*

Não diz nada sobre deixar o marido. A ideia não era essa.

O Gabriel ainda está na cama, a base do punho encostada à testa. Avalias o caso com a cabeça, não com o coração. Queres que ele tenha uma vida para além de ti, que tenha outras mulheres, que abra o seu mundo. A ideia excitara-te frivolumente, em tempos: sonhavas que ele ia à procura de outras mulheres e que descobria os segredos delas também, e voltava para junto de ti com tudo o que recolhera pelo caminho.

Como um caracol espicaçado com um galho, retrais-te.

Vais para casa ter com o teu marido, pergunta ele.

Vou.

Vai à merda.

Esse «vai à merda» tem tanta força, que te deixa alerta, é uma faceta dele que te apanha de surpresa: disfarçou-a bem.

E merda para ele também, acrescenta como quem cospe.

Algo se solidifica dentro de ti; instinto de defesa, instinto de protecção. O Cole não é para aqui chamado, dizes. Queres o teu marido, de repente, muito. A sua calma, serenidade, a confiança que te inspira. De repente temes por ele, pelo que o Gabriel poderá fazer. Porque agora viste a veemência de alguém capaz de sacudir uma rapariga para lhe arrancar o riso, sacudi-la com tanta força que ela nunca mais volta.

Vestes-te. Sais. Em silêncio.

## *Lição 80*

*os viciados em ópio ficam magros e de olhos esgazeados e pele macilenta,  
e parecem estar sempre à procura de algo*

As lições têm de acabar. Consegues imaginar o Gabriel, de repente, a tomar a tua vida de assalto.

E sentes um estranho e novo ímpeto em relação ao Cole; não estavas à espera disso, nunca pensaste que a relação moribunda pudesse ser despertada.

Estendes o braço para mandar parar um táxi e sentes a nudez vívida entre as pernas quando o fazes. O motorista pergunta para onde queres ir, é jovem, não muito atraente, é pai, porventura. Mas tem uma bela nuca. Dizes, desorientada, quase sem raciocinar, quero sexo, quero que me leve para a cama, preciso disso, por favor, e ele vira-se e olha para ti, encosta o carro. Repetes. Nunca mais o tornarás o ver, certificar-te-ás disso. Pintarás o cabelo depois disto, mudarás de visual, serás outra pessoa. Dizes, encontramos-nos daqui a duas horas no... no... e do outro lado da rua, um pouco mais acima, vês um hotel Hilton. No Hilton, dizes. A reserva ficará em nome de Green. E tu flutuas enquanto as convenções e suposições caem de todos os lados e as palavras saem-te da boca, tão facilmente, tão depressa, porque ensaiaste o que dizer, o que fazer, durante tanto tempo, à noite, na tua cabeça.

Traga um amigo, acrescentas, se quiser.

Ele olha para ti, como se soubesse exactamente de onde saíste. Viras a cabeça, as pontas dos teus dedos estupefactas, a tremerem, na tua boca. Ele

deixa-te sair. Pagas com uma nota de vinte. Não ficas com o troco. Ele não diz se irá.

Sabes exactamente o que fazer. Perguntas numa tabacaria onde fica o multibanco mais próximo. Levantas dinheiro, muito. Fazes a reserva do quarto em nome de Green, gostas do nome Green; dás a morada da Theo. Entregas o teu cartão de crédito, de repente percebes que tem o teu apelido, mas a mulher nem sequer confirma, tens um ar demasiado respeitável para essas coisas. Vais para o quarto, tomas banho, serves-te de um cálice de vinho tinto, e de outro, e esperas.

São três.

Dizes-lhes para fazerem o que quiserem.

O teu rosto ainda é jovem, ainda é doce, detectas a surpresa deles: não estavam à espera disto. É o que sempre quiseste, ainda em criança à beira da adolescência, sempre sonhaste com isto, nua, escancarada, e um grupo de homens ou rapazes a acariciarem-te, curiosos, cada vez mais ousados, cada vez mais excitados, a penetrarem-te. Fazes as coisas que sempre quiseste fazer, o que devoraste na secção das cartas das revistas porno que surripiavas ao teu tio quando tinhas quinze anos. Não és tímida com estes homens, porque não estás interessada em estabelecer uma relação, não te interessa conversa, nada que te exponha. Nunca mais os verás. Não tornarás a ir a casa do Gabriel, as aulas têm de terminar, não apanharás um táxi nos próximos tempos. Este será o final de um capítulo da tua vida. Está tudo resolvido e portanto tu és livre, neste quarto de hotel, de fazer tudo o que quiseres.

Eles são brutos, por terem sentido que era isso que querias ou não, não sabes. É o que queres. Eles não te respeitam. Não passas de um recipiente, uma série de orifícios a preencher. A tua cona, cu, boca, todos são usados, por vezes em simultâneo, todos são fodidos. És passiva, obediente, é exactamente o que queres. Apagar o Gabriel, começar do zero.

Dizes-lhes que chega, eles hesitam, tu afasta-los. *Vão-se embora*, por favor, saiam.

Não queres tomar banho. Apanhas o Metro para casa, de cabeça baixa, estás tonta, triunfante, as mãos sobre a boca e o nariz. A inspirar

profundamente aquela tarde que nunca mais voltarás a ter, que nunca esquecerás, sentes as coxas doridas. Estás ingurgitada, inchada e sentes um fiozinho de esperma escorrer quando mudas de posição no banco, consegues senti-lo, e a carne viva entre as tuas pernas, e no teu púbis, da barba dos homens, arde, o arranhar abrasivo, Deus sabe quanto tempo durará.

Estás em casa, pontualmente, às seis, nunca te atrasas.

Pegajosa e dorida, exultante e purificada, refrescada.

## *Lição 81*

*tome um banho morno, coloque os pés em água quente com mostarda,  
coma umas papas e vá para a cama bem abafada, para poder suar  
bastante*

Mas não o faz desaparecer.

Pensas no Gabriel ao longo daquela noite dolorosa, a tua mão entre as tuas pernas, suavizando a dor, comprimindo a carne para a apagar. A sensação que tinhas era que ele te estava a empurrar cada vez mais fundo para dentro da vida e, de repente, acabou tudo: porque ele disse que as regras já não deviam existir. Por que é que ele teve de destruir o mundo secreto que criaram um para o outro? Estilhaçou-o com amor, com dependência. Não há volta a dar agora, porque, meu Deus, onde é que aquilo iria parar?

Imaginas o Gabriel à espera do telefonema que não receberá. Esperaste tantas vezes, no passado; refê-mo do silêncio de um amante e conheces demasiado bem a pancada que o coração leva quando espera em vão. Estás a brincar tão irresponsavelmente com a vida dele, sem te preocupares com o rasto de destruição que deixas. Criaste o amante de sonho de qualquer mulher, que sabe algo sobre o que as mulheres realmente querem, e o que não querem. Mas o que é que as mulheres realmente querem?

Não tens a certeza, agora.

Serem estimadas? Dinheiro? Segurança?

Não querem, forçosamente, apaixonar-se.

O Cole está deitado de costas para ti e o arco do teu pé encaixa-se na curva da canela dele; fazes isso com frequência quando ele dorme.



## *Lição 82*

*nunca se sente numa corrente de ar forte*

O telefone toca no dia seguinte e no outro, a hora habitual do Gabriel, e ouves a voz dele no atendedor de chamadas mas não atendes. Depois do telefonema do terceiro dia, à mesma hora, bates com a porta de casa.

Queres os taxistas novamente. Eles passam os intervalos no casinhoto verde da agência em Notting Hill Gate. Foi o escocês que te disse, o da cara que parecia ter sido fustigada pelo vento até ficar em carne viva, disse que te queria todos os dias dentro do casinhoto, enquanto enfiava a pila na tua cona dorida e dormente; disse que punha a empregada fora. Queria os colegas todos lá também, disse, enquanto te virava ao contrário, queria deitar-te em cima da mesa, disse ele, enquanto te ia ao cu.

Sentas-te na paragem de autocarro à frente do casinhoto verde. Desconfortavelmente empoleirada na barra encarnada de plástico. Vais ficar à espera. Uma hora e meia. O primeiro taxista com quem falaste encosta o carro na berma e tu diriges-te para a janela do carro. Não dizes nada. Ele olha para ti, sorri, baixa o vidro.

Quero uma mulher também, dizes.

Ele sorve o ar, consegues perceber o deleite dele mas não o quer mostrar. Está bem, diz. Vou precisar de algum tempo. Marcamos para as seis horas.

Encaminhas-te para uma cabina telefónica. Dizes ao Cole que vais chegar tarde. A Martha está em crise, precisa de sair e tomar um copo, conversar sobre o assunto. Afastas-te da cabina, pensando em ser lambida

por uma mulher enquanto os homens observam; em urinarem para cima de ti, em te encherem.

Vestes apenas um roupão quando abres a porta do quarto. Não queres que vejam as tuas roupas, que te leiam os sinais, nem sequer queres dar-lhes uma voz para identificarem.

Dois homens desta vez, e uma mulher. Assim que a vês, está tudo errado. É jovem, desconfiada, uma amiga e não uma parceira, entrou no jogo pelo gozo. Enverga uma camisa branca suja no colarinho e isso irrita-te. Ela está a tirar-te as medidas, a analisar-te, conhece-te como os homens nunca hão-de conhecer. De repente a situação é vergonhosa. Deitas-te, constrangida, na cama. Os lençóis são demasiado escorregadios. Tens frio. Ouves o noticiário da televisão demasiado alto no quarto ao lado. Nada funciona, não tem erotismo absolutamente nenhum, dói. A mulher fica de lado, observa, brinca com um dos botões da camisa. Sentes o teu corpo a fechar-se, aos pouquinhos, como as luzes de um escritório que se apagam à noite. Afastas os homens e dizes-lhes que se vão embora.

Então, *anda lá*, diz o homem com quem começaste.

Ele está diferente desta vez, não gostas do tom de voz que usa.

*Saiam.*

Não consegues encará-los de frente; arrastas-te para a casa de banho, um gosto metálico na boca. Trancas-te lá dentro e sentas-te na sanita, a tremer, e de repente vomitas para a sanita, vomitas e vomitas, como se estivesse a tentar despejar as tuas entranhas cá para fora.

A porta do quarto fecha-se com um clique; eles foram-se embora. O quarto que deixaram para trás tem um ar ordinário, rasca, abandonado. Diriges-te para o armário, precisas das tuas roupas, calor, precisas da tua bonita saia de *tweed*. A tua mala desapareceu. Merda. Merda. Com a tua carteira lá dentro. Os teus cartões de crédito e a carta de condução. O teu nome. A tua morada.

Oh, meu Deus, isto é que não.

Foi a mulher, estava-lhe na cara desde o primeiro instante.

*Raciocina.*

Não podes dar parte à polícia. A recepção já tem os dados do teu cartão de crédito, menos mal, menos mal, mas as tuas chaves, as chaves: estão no bolso do teu casaco, graças a Deus. Mas o teu nome, a tua morada, e as lágrimas quentes começam rapidamente a correr. Vais à casa de banho, metes-te debaixo da água quente e dura do chuveiro e esfregas a pele, esfregas até ficar em carne viva e encostas-te aos azulejos e caem lágrimas e água. Deslizas para o chão e ficas agachada na palma da banheira durante muito tempo, a chorar, a chorar até parar com um soluço. Fechas a torneira. Ficas quieta, e molhada, a tremer. Não sabes como voltar para casa. Um táxi está fora de questão, achas que nunca mais vais conseguir entrar num táxi, sozinha ou com o Cole ou seja com quem for.

Têm o teu nome e morada. Têm o teu nome e morada.

Estás a chorar, novamente. Anos sem chorar, finalmente, sai tudo cá para fora.

## *Lição 83*

### *a importância de um bom prato de comida*

Ligas para o banco, do quarto de hotel. Fazes o *check-out*. Dizes ao jovem seco da recepção que deixaste a mala em casa, não sabes por que precisas de explicar uma coisa dessas, tens de parar, estás a falar demasiado: ele sabe que estás a mentir.

Tens uns trocos no bolso; ligas ao Cole de uma cabina telefónica ao fundo da rua, tens a certeza de que ele ficou a trabalhar até tarde. E ficou, claro. Dizes-lhe que te roubaram a mala e que não tens maneira de voltar para casa. Eu vou já para aí, diz ele. Diriges-te para um café ali perto e esperas, debruçada sobre uma chávena de chocolate quente, acalmando as tuas golfadas de lágrimas até o Cole entrar no café e tu te refugiares nos seus braços fortes e as lágrimas, mais uma vez, correm sem cessar. Ele abraça-te até te recompores e depois vai ao balcão e volta com um tabuleiro de sanduíches que não consegues comer.

Apanhamos um táxi para casa, diz ele, tenho dinheiro aqui.

Não, não, prefiro ir de Metro, é mais rápido. Só quero é voltar para casa.

Está bem, como queiras.

Desces a rua com o braço firme do Cole sobre o teu ombro. Por que é que ele é tão bom em situações como esta? O teu coração abre-se de par em par para a bondade dele, como uma janela escancarada por uma súbita lufada de ar.

Amo-te, dizes, agradecida.

Costumavas dizê-lo todos os dias, noutros tempos.

## *Lição 84*

### *a roupa branca antiga não tem preço*

Nos dias que se seguem tentas empurrar os homens para o fundo da tua mente, tens de o fazer, caso contrário serás assolada pela ansiedade. Tens de te organizar; agiste de uma maneira chocante e está na hora de acabar com o disparate, voltares à tua vida normal. Marcas uma massagem, uma limpeza facial, uma pedicure. Limpas a casa. Ligas a umas velhas amigas, encontros para tomar café, cinema, almoço. Arranjas espaço no escritório para o teu portátil e para os livros: nunca te tinhas dado ao trabalho de o fazer.

Deitas fora a tua embalagem da pílula.

Quando estás pronta, quando a ideia de sexo não te enche de pavor, pedes ao teu marido para enfiar a língua dentro de ti e enrolá-la à volta do teu clítoris; demoraste quatro anos a pedir-lhe para o fazer, a pedir-lhe para fazer especificamente aquilo de que gostarias.

Adoro esses livros que andas a ler, diz ele.

Afasta as tuas pernas e põe a língua entre elas e tu viras-te para as janelas e esticas os braços acima da cabeça e flutuas de costas: o Cole sabe, agora, que tem de concentrar-se no teu clítoris para te dar prazer, tem de o despertar. E num domingo chuvoso de Inverno passam o dia quase todo na cama como se não fossem casados ou não preferissem dormir. Os dedos dele percorrem a tua pele como um fiozinho de água e vocês enroscam-se, dormitam e beijam-se, acariciam-se no escuro crescente e, no

fim, ficas deitada, em silêncio, a escutar a sua respiração profunda e regular, e adormeces no sono dele.

O Cole tira a segunda-feira de folga, uma coisa que nunca fez por ti antes. Lembra-te Edimburgo, quando ele queria ficar na cama, contigo, mais do que tudo.

Começas a recordar-te dele depois de tanto tempo, o homem que amavas. A recordar uma época em que o amor era límpido e cristalino como um nevão natalício. Era tão simples. Amavam-se, confiavam um no outro, não eram como os outros casais. O teu marido era a personificação da calma. Não existia a dúvida como uma doença, nenhum veneno dentro de ti. Lembras-te da inocência de outros tempos.

Antes de um hotel em Marraquexe, em que o teu coração se afundou.

## *Lição 85*

*é lamentável que uma mulher, de condição física saudável, se deixe incapacitar por um temperamento arrebatado*

Outra carta. Já quase as tinhas esquecido. Mal as consegues ler agora, tresandam de emoção, o teu coração e o teu sexo fecharam-se para ele.

*Infiltraste-te nos meus dias, não consigo arrancar-te de mim.*

Voltas para o Cole, no quarto. Fechas a porta atrás de ti, sem saber porquê.

O telefone toca, nas manhãs dos dias de semana, à hora habitual. Nunca atendes.

Estou, no atendedor de chamadas, estou?

Enroscada no sofá, as tuas mãos entre as pernas, desejando que ele pare. Tentando esquecer tudo, mergulhar no papel de boa esposa, pelo Cole.

O telefone toca tarde, às dez da noite. O Cole diz-te para não atenderes. Sabes quem é; ele nunca se atreveu a invadir a tua vida desta maneira. Não queres que o teu marido ouça a voz dele no atendedor de chamadas. Arrancas o auscultador do descanso. Finges que é a Martha,



dizes ao Gabriel que estás cansada e para não ligar tão tarde, de manhã telefonas-lhe.

As tuas mãos tremem quando pousas o auscultador.

Dizes-lhe, na manhã seguinte, para nunca mais ligar fora de horas. Dizes-lhe que não podes tornar a vê-lo, ele já aprendeu o suficiente. As aulas terminaram. Não, espera, diz ele. Desligas. O teu atendedor de chamadas está ligado e mantém-se ligado para sempre, depois disso.

Por favor telefona-me, diz ele, na manhã seguinte, no atendedor. Precisamos de falar, de resolver isto tudo. Amo-te, diz ele, e detém-te enquanto escutas. Amo-te, repete.

Quantas vezes disseste *amo-te* quando tinhas vinte anos, a homens que não te respondiam? Lindo, disse um, lindo, como se estivesse a coleccionar a expressão num caderno de recortes, afixando-a num *placard* como uma borboleta entre tantas outras. Quantas vezes algo morreu dentro de ti assim que as palavras te saíram da boca? E agora estás do outro lado, a fazê-lo a outra pessoa.

Mas isto é diferente, dizes para ti mesma, é melhor assim, insistes. Ficas desorientada perante a vida que tens andado a levar, tão egoísta, mas é melhor assim, a longo prazo, este não dar nada em troca. Não pediste complicações, fardos, caos.

De repente sentes-te impiedosa e determinada. Sentes uma lasca de gelo no teu coração.

## *Lição 86*

*os viciados em ópio tornam-se tão escravos da droga que, no início, não conseguem fazer nada sem ela e, no fim, não sabem o que fazer com ela*

O Gabriel está à tua espera no degrau da entrada quando saís numa segunda-feira de manhã, está ao teu lado enquanto desces a rua. Diz-te que tens de deixar o Cole, ele vai-te obrigar; que és demasiado cobarde para agarrares a tua própria felicidade, tens de começar do zero.

Ele é imprevisível, agora, tem a barba por fazer, aspecto de quem não dormiu: confirma-te que tomaste a decisão certa. Portanto este é o reverso da medalha do actor soalheiro que está sempre a *representar* na vida real, a desempenhar o seu papel. Aceleras o passo. O Gabriel apanha-te, está praticamente a pisar-te os calcanhares. Dizes-lhe, sem olhar para ele, para não vir a tua casa, para não telefonar. Viras para a tabacaria, mas ele está mesmo atrás de ti, junto do teu ouvido. Dizes-lhe irritada para parar com isso enquanto pegas num jornal. Conheces a mulher indiana por detrás da caixa, ela brinca sempre contigo e com o Cole, quando é que se decidem a ter um filho, com uma suave inclinação de cabeça; tornou-se uma piada recorrente. Mas o Gabriel está ao teu lado, agora, e tu olhas para o sorriso confuso no rosto dela e passas por ele com um encontrão: como é que ele se atreve a invadir a tua vida desta maneira. Ele põe-se à tua frente, agarra-te com força pelos ombros, os dedos fincados na tua pele.

Ouve-me, diz ele, ouve.

Vai-te embora, dizes, desviando-te.

Não podes tornar a dormir com ele, nunca mais o podes ver. Por que é que ele não sabe disso? Afastas-te em passos firmes. Dás a volta ao quarteirão. Olhas para trás, ele desapareceu.

Regressas a casa.

Mas que desejo é este dentro de ti, esta loucura a dar-te pontapés com a força de um cavalo dentro de um estábulo? Sentas-te na beira do sofá, os teus dedos mexericam na orla da almofada, mordes o lábio. Não compreendes esta vontade de repetir tudo, agora mesmo, de sair a correr do sossego do quarto e encontrar mais e mais fudas anónimas. Esta urgência, que é brutal, terrível, masculina, bela, rude, que não consegues calar — tudo isso, desconcertantemente, regressa.

## *Lição 87*

*a jovem esposa está em casa! Não existirá, nestas palavras, uma feliz união das recordações mais ternas e das aspirações mais nobres?*

O Cole continua a querer o sexo à maneira dele, não é suficientemente obediente, mas por agora não te importas, só queres ser saciada, preenchida.

Ele obriga-te a tocares-te, empurra os teus dedos entre as tuas pernas e depois leva-tos à boca; prova o teu sabor, insiste ele, anda, enquanto cerras os lábios e abanas a cabeça de um lado para o outro, a tentar afastá-lo de ti. Mmm, cheiras a ti mesma, diz ele, roçando a tua cara. Quer que vás cada vez mais longe, que não te desvies do caminho em que te encontras e tu pedes-lhe para abrandar, para ser meigo, para parar, mas ele não ouve, nunca ouve o suficiente. Torna a enfiar a cabeça entre as tuas pernas quando só querias que ele parasse; para saborear, para recuperar, mas ele não pára, beija-te com força na boca com a cara suja de ti, tudo o que tu não queres.

Não é como o Gabriel, não escuta, não é delicado. Mas não repreendes a sua desobediência porque não importa assim tanto: grande parte do sexo está na tua cabeça e ele não precisa de saber disso, nunca. Quando está em ti, quando tem a cara entre as tuas pernas, tu estás a pensar noutra pessoa.

Que faria exactamente o que tu querias.

Que diria que te estavas a transformar numa mulher diferente.

Que não tem autorização para regressar.

## *Lição 88*

*como livrar-se de cheiros externos e maus humores internos*

O Cole não consegue resistir-te, quase todas as noites sussurra-te para te acordar e afasta-te as pernas. Gostas de sexo *sexy*, diz ele, depois de uma noite em que te mordeu a carne e te deixou a pele com nódoas negras ao fazer amor como se estivesse a tentar marcar-te com um ferro quente, em que te virou ao contrário e te fodeu de barriga para baixo com as pernas presas pelas dele. Sexo *sexy*, murmuras, com o teu braço pousado na cova do estômago dele, deitado de lado, os teus dedos a dedilharem os pêlos da barriga dele. O pénis voltou à sua moleza leitosa e vulnerável, caído, exausto e inerte.

Sexo *sexy*, e os teus dedos, de repente, detêm-se.

A Theo é que costumava dizer isso, dizes.

Um silêncio, por instantes, tenso como um arame.

Nunca dormi com ela, diz ele, já te disse.

Ela é a única pessoa que usa essa expressão.

Isso não quer dizer que eu tenha ido para a cama com ela, minha linda, e de repente o Cole ri-se e faz-te cócegas, tudo não passa de uma brincadeira, agora que o sexo voltou, agora que se acomodaram novamente ao estatuto de casal. Ela dizia dessas coisas a torto e a direito, sabes muito bem como ela é.

Então, estiveste com ela? A tua voz é aguda e ligeira.

Uma ou duas vezes, sim. Para tomar um copo, de vez em quando. E sabes que mais, minha linda? Acabamos sempre por falar de ti e de mais nada. Ela tem muitas saudades tuas.

Pois eu não tenho saudades dela. Nem um pouco.  
Ela está a tentar ter um filho.  
Teu, perguntas.  
Vamos esquecer este assunto, diz ele, *por favor*.

O sono nessa noite como teias de aranha, aos fiozinhos.

## *Lição 89*

### *desinfetantes e como utilizá-los*

Um sábado agreste de chuva, lançada contra as janelas como seixos furiosos.

O Cole empurra-te para a cama e vira-te ao contrário e lambe-te a parte de trás dos joelhos e faz-te guinchar e beija-te e depois vira-te outra vez e entra em ti com um estranho empenho e, enquanto ele se move dentro de ti, sentes um adejar de ternura; cresce, torna-se quase insuportável, é mais meigo do que nunca e Deus sabe de onde lhe vem essa meiguice, mas está a desenrolar algo dentro de ti e tu sussurras-lhe ao ouvido, num só fôlego, vamos fazer um bebé, porque isso, isso apagará tudo o resto. Começar do zero, meu Deus, por favor, começar do zero.

Agora?

Deitei fora a embalagem da pílula. Precisamos de começar.

Quantos anos nos restam de vida, diz ele a brincar.

Nenhum. Anda lá.

Para fazer a purga de um só golpe, para distrair. Para punir o Gabriel, para o atordoar para fora da tua vida. E para afugentar a Theo, talvez. Inspiras fundo, espantada, deleitada, perante o suave jorro e no fim tu e o Cole riem como recém-casados porque tomaram ambos uma decisão, a mais magnificente, certamente, de toda a vossa vida. Ergues as pernas acima da cabeça, muito altas no ar, e os dedos dos teus pés tocam na parede atrás de ti, fazendo o esperma escorregar para o fundo do teu corpo. Tu trazes a felicidade, diz o Cole quando deixas cair as pernas.

Hum, dizes, a tua cabeça noutro lugar.

É tão estranho, ri-se o Cole enquanto bebe um chá tardio, dei por mim a apaixonar-me novamente por ti quando nos estávamos a afastar um do outro. Murmuras, hum, e sorris, e tiras um borboto da camisola dele. Estás desconcertada: talvez agora tornes a desaparecer na vida tranquila, refrescada e submissa, sem precisares de outra aventura. Mas perguntas-te se aquelas tardes em dias de semana num apartamento citadino poderão jamais escorregar docilmente para a terra dos sonhos, se todo aquele episódio poderá ser obedientemente encerrado numa caixa rotulada de Estritamente Irrepetível; com o Gabriel, ou seja com quem for.

Queres um filho; é o único desejo, de momento, cristalino. Tens trinta e seis anos. Precisas de começar.



## *Lição 90*

*quando uma mulher aguarda um período de reclusão,  
deve estar mais atenta do que nunca ao estado geral do seu lar.  
os esgotos devem ser testados.*

Pousas a palma da mão na tua barriga. Não sentes nada. Não fazes ideia se resultou.

Talvez quando fores mãe o Gabriel se afaste de ti, menino católico como é, serás anulada, interdita. Acabaram-se os telefonemas mas agora, de vez em quando, tens uma sensação de formigueiro na nuca; sentes-te observada. Tens a certeza de que ele anda algures por perto. Já não te demoras à janela. Às vezes, quando saís, olhas bruscamente para trás, para ver se apanhas alguém.

Ele já esteve obcecado por uma mulher, ele próprio to contou. Amava-a demasiado.

Quererias realmente uma pessoa que ama demasiado? Como é que se pode medir o amor, ou inclusive distingui-lo, perguntas-te, da atracção, curiosidade, paixoneta? Sempre sonhaste em ser o centro firme da vida de um homem, mas agora não te parece bem. É como estar trancada num quarto sem janelas e sem ar.

E existe um taxista algures na cidade com o teu nome e morada. Ou uma mulher de camisa suja, que te conhece como mais ninguém, e o

quanto tu odeias essa situação. Que diabos te fez pensar que só porque tens fantasias com uma mulher haverias de as querer concretizar na vida real?

O Cole é a única constante. Será que cada relação define outra, traz forçosamente para a luz a anterior? É curioso como o tempo que passaste com o Gabriel reforçou os teus sentimentos pelo teu marido, soldou-te à serenidade dele e à confiança que te inspira.

## *Lição 91*

*o desejo de ter filhos, pelos quais a mãe está pronta  
a sacrificar inclusive uma parte da sua própria vida,  
é a mais nobre das paixões puramente humanas*

Trazes a felicidade, repete o Cole, a barriga dele contra as tuas costas, enquanto esfregas as panelas depois de um assado de domingo. Sorris, nada dizes. Lá fora no mundo existem bebês em toda a parte, cadeirinhas, barrigas grávidas, berços. Numa festa, um homem diz a brincar que vai a casa todos os dias à hora do almoço só para cheirar a cabecinha do seu filho recém-nascido, é a experiência humana não-erótica mais intensa de todas, diz-te ele, panquecas, baunilha e pele.

Sim, acenas com a cabeça, e afastas-te.

Lês um artigo da Germaine Greer, diz que com a maternidade as mulheres dispõem-se voluntariamente a suportar o declínio catastrófico da sua qualidade de vida. Lês num trecho do diário da Sylvia Plath, que ela se sentiria mais prisioneira no papel de mulher de carreira, tensa e cínica, do que enquanto esposa e mãe profundamente criativa que está sempre a crescer intelectualmente. Acreditaria ela de facto nisso? E tu, acreditas?

Não fazes ideia do que te espera.

Queres um filho como uma erradicação de tudo o que fizeste nos últimos meses. Sentes que estás a desejar um bebé para teres alguém a quem amar fervorosamente na tua vida, para a preencher. Ouviste histórias de terror, que com um bebé nos braços vais ter dificuldade até em arranjar tempo para ir à retrete, para tomar banho ou atender o telefone, que o parto pode rasgar-te da vagina até ao ânus, que fazer amor depois de parir é

como atirar uma salsicha para dentro do túnel da Mancha, que alguns homens detestam o sexo com mulheres que foram alargadas.

A única coisa que tu sabes é que, com um filho, a tua vida sofrerá uma reviravolta como um pacote transatlântico a mudar de rumo. O que é ideal.

## *Lição 92*

*o acto de reprodução é a mais nobre e altruísta  
das nossas funções físicas*

Cinco semanas depois de tu e o Cole terem feito amor numa manhã de sábado, com mais ternura do que nunca, vomitas na sanita ao lado dele enquanto lava os dentes, a náusea assola-te no espaço de segundos. E no dia seguinte, num café, a ler sem ler, ficas tão enjoada depois de beber um gole de água que tens de ir a correr para o passeio e vomitar para a sarjeta. Algo te suga a energia como nunca antes. O Cole diz-te para comprares um teste de gravidez mas tu queres esperar até ao fim-de-semana, em que ele está em casa e vocês os dois estão descontraídos: queres revestir esse acontecimento de uma certa sacralidade. Não pode ser feito à noite, tem de ser de manhã, quando as hormonas estão mais activas, diz a embalagem.

Bombardeias o tubo de plástico com a tua urina, mijas com força e intensidade. Duas tiras. Agitas o tubo, sem as deixar cair.

Portanto, confirmado.

Resultou, não era para ter resultado tão depressa. As mulheres da tua idade costumam esperar meses, ou desesperar durante anos, ou para sempre.

Sentes uma grande onda de calor quando levas a mão à barriga. Olá, meu pequenino, aninhado na barriguinha, firme no mundo, olá. Sais da casa de banho e o Cole acena com a cabeça e sorri, abraça-te com força, tanta força, magoa, e as lágrimas ardem nos olhos de ambos.

Portanto, ser anulada, purificada, começar do zero. Oxalá.

## Lição 93

*quando indispostas, necessitamos que nos curem*

Ligas à tua mãe para lhe dar a notícia do bebé. Ela não fica tão contente quanto seria de esperar, detectas um certo tom na sua voz; é um choque para ti. Perguntas-te o que terás feito, se é que fizeste alguma coisa, para a irritar. Talvez ela ache que o bebé te limitará, talvez ainda esteja à espera que tenhas uma vida maior. Talvez tema o seu próprio envelhecimento. Não suporte a ideia de a tratarem por avó. Não quer uma criança novamente na sua vida, a desarrumar-lhe o seu mundo confortável e a obrigá-la a mudar fraldas e preparar biberões. Às vezes tinhas a sensação, quando eras adolescente, de que ela estava demasiado ansiosa por te expulsar do ninho: incentivava-te a arranjares a tua própria casa e, quando o fizeste, mal conseguia disfarçar o enfado quando tu voltavas para lavar roupa ou usar a máquina de costura dela.

A relação é sempre assim, aos altos e baixos, grandes amigas num dia, sem se falarem no outro. Ela pergunta-te como te sentes. Diz que vomitou ao longo dos nove meses. Diz que ter um filho te fará assentar.

A sério?

Não perguntas o que ela quer dizer com isso, não queres instigá-la. Regra geral têm pavor uma da outra, da dor que são ambas capazes de infligir. Algo mudou quando o Cole ancorou a tua vida. A tua mãe sabe como te atacar no ponto certo e por vezes, maldosamente, vai directa à jugular, como se magoar-te fosse uma maneira de te abraçar. Ela costumava fazê-lo, de vez em quando, quando eras miúda. Como quando o teu relatório escolar anunciou *falta de iniciativa* e tiveste de perguntar, aos oito anos de

idade, o significado daquela estranha expressão, e ela fez questão de to recordar ao longo da tua infância, na tua adolescência, carreira no ensino e na tua opção de casamento.

Falta de iniciativa. Desligas o telefone e soltas uma gargalhada, perguntando-te o que diria ela agora. Ultimamente ris-te muito; a tua mãe ainda te consegue magoar mas já não tanto. Porque o bebé dentro de ti te inunda de alegria, está a equilibrar-te.

## *Lição 94*

*são muitas as actividades que se podem praticar dentro de casa,  
como fazer jogos, charadas e outros que tais*

Mas por vezes sentes-te escorregar, geralmente de manhã, por volta da hora a que o Gabriel costumava ligar. Uma assombração, como o membro amputado de um veterano de guerra. Em que precisas novamente da vividez daqueles tempos de aulas.

O desejo lateja novamente debaixo da tua pele.

Nada havia de resignado naquelas tardes em que ambos se devoravam de um só trago como uma ostra. Houve uma aula, para o fim, aquela em que te foste embora, em que ele segurou nos teus dedos dos pés e disse que não queria perder-te porque o sexo, para ele, *eras* tu, tu encarnava-lo. A franqueza derrubou-te como uma onda contra a areia dura e tu vacilaste e riste-te, disseste que era impossível, como é que uma relação entre vocês poderia algum dia resultar e, fosse como fosse, todas as mulheres tinham o mesmo que tu dentro delas, não eras a única, bastava ele arranjar maneira de soltar os segredos que elas encerravam. Escutar. Perguntar. Aprender. Havia todo um mundo lá fora e ele estava a desligar enquanto tu falavas e a acenar, sim, claro, e beijava-te, suavemente, sim, tremulamente, sim, como se, de repente, ele não tivesse o direito de te beijar.

E agora de manhã, por volta da hora a que o Gabriel ligaria, tu vacilas, perguntas-te se terás sido demasiado dura. Durante a penúltima aula, quando te despediste, seguraste na cabeça dele entre as tuas mãos e soubeste que já estavas, naquela altura, a começar a afastar-te; embora ainda te fosse insuportável a ideia de que acontecesse já.



## *Lição 95*

*a inaptidão moral de uma mãe é absolutamente deplorável*

Com sete semanas de idade, o bebé faz-te vomitar no passeio à porta dos correios e depois à frente da tabacaria e não tens tempo sequer para chegar à sarjeta; como um cão com os seus postes, também tu marcas o teu território. Mas é uma náusea regozijante, se é que pode existir tal coisa, porque te indica que o bebé está forte dentro de ti.

Já te está a mudar. Desejas carne fresca e bolos de arroz e vegetais crus, fruta e leite. Afasta-te dos vinhos tintos e dos queijos moles, da tua manteiga de amendoim e pâtés. Estraga-te o gosto pelo chocolate, a medida mais acertada. Faz-te correr para o congelador, para as cuvetes de cubos de gelo que devoras num frenesim de furioso estalar de dentes.

E agora somos três, diz o Cole baixinho, maravilhado, uma noite no escuro cerrado. Sim, respondes, sim, a pensar na estranha motivação para este filho, este frenético pontapé de saída para a vida, dado num acesso de pânico. A pensar na Theo. Perguntas-te se ela terá engravidado com tanta facilidade como tu; se foi inundada pelas hormonas felizes, também. É estranho, de certa maneira, estar a embarcar nesta viagem sem ela por perto.

## *Lição 96*

*a luz e o ar deviam estar ao dispor de todos*

Alguém desliga o telefone no atendedor de chamadas e o que fica gravado é apenas um clique e, num momento de exasperação, finalmente atendes. Silêncio, do outro lado, e o auscultador é pousado.

Não queres jogos, já não tens tempo para eles, tens algo mais na tua vida.

Depois chega outra carta. Entregue em mão, não tem carimbo dos correios. Nem sequer sabes se te apetece abri-la; seguras no envelope pelo canto, como um investigador da polícia pega numa prova forense, pensas em deitá-lo fora simplesmente.

*Sou eu. Não consigo suportar esta situação durante mais tempo, desculpa. Quem me dera que tivéssemos tido oportunidade de conversar.*

E pronto. Amassas a carta e deita-la no caixote do lixo. Tornas a pegar no teu livro sobre gravidez.

## *Lição 97*

*os surtos de febre causados pela imundície provocam mais mortes do que a guerra ou a fome*

Estendes-te no sofá da sala, oportunamente só.

O Cole está a dormir no quarto.

Já não quer intimidades, tem medo de magoar o bebé agora que já se nota, repele-o a ideia de fazer amor com uma mulher grávida. Aquela foto da Demi Moore na capa da *Vanity Fair* era repulsiva, disse ele.

Portanto, na sala de estar, sozinha, e os teus dedos pairam entre as tuas pernas, circulam e espicaçam e mergulham e os tremores adejam no teu estômago e depois os teus dedos movem-se mais depressa e mais fundo e os tremores intensificam-se, disparam pela tua barriga e pelo peito e mal consegues respirar; agarras o tapete e vens-te como nunca, porque a gravidez te deixa ultra sensível, está a afinar-te delicadamente como um piano de cauda.

Estavas à espera de uma vida marcada por tornozelos inchados, batas e gases. Mas à medida que a criança vai fermentando na sua cuba, tu pulsas de vida e de desejo, é um halo de energia à tua volta que te apanha de surpresa.

O Cole mexe-se. Vem para a cama, diz ele, vem dormir.

## *Lição 98*

*fazer remendos é uma das tarefas mais difíceis para dedos inexperientes*

Precisamente dois anos depois da tarde em Marraquexe.

Aniversário da Theo, primeiro de Junho, marcado para sempre, agora, pelo instante da descoberta. Precisas de distração; convidas três antigas colegas da City University para jantar. O Cole saiu com um amigo do liceu, foram ver o último filme do James Bond.

Enquanto labutas na cozinha, a cortar, verter e mexer, a conversa passa por roupas, cortes de cabelo, colegas, apartamentos e depois instala-se no mesmo de sempre com estas amigas: homens. A Megan diz que ainda não foi para a cama com o companheiro, o Dom, andam nisto há oito anos; tornaram-se irmão e irmã. Ela tem trinta e nove anos, quer um filho. Não sabe ao certo o que se passa com ele; deixou de querer sexo, repele-a sempre.

Será que ele é *gay*?

Não.

Deixa-o, dizem todas vocês. Antes que tenhas quarenta e oito anos e seja demasiado tarde para engravidares.

Sabem muito bem que é difícil, responde ela.

Depois vira-se para ti, vá-se lá saber porquê: já alguma vez foste com um prostituto?

Não, resfolgas, rindo.

Já alguma vez pensaste nisso?

Não.

Eu ando a pensar nessa hipótese, mas não faço a mínima ideia de como é que essas coisas funcionam.

Olhas para a Cath, estranhamente calada. É a tua amiga de trabalho mais próxima. Tem um dos casamentos mais felizes que conheces e dois bonitos rapazes adolescentes. Tem casos a torto e a direito, há anos; e sexo não lhe falta com o marido, o Mike, que vive na santa ignorância. A traição faz-me desejá-lo mais, disse-te ela uma vez, não consigo parar. Não quero. Nunca.

Sempre te perguntaste o que aconteceria se o Mike descobrisse. Interrogas-te agora em relação ao Cole: é uma reacção que não consegues prever. Estremeces involuntariamente enquanto mexes a massa, ao pensar no que aconteceria se ele se deparasse com a tua vida secreta.

## *Lição 99*

*cuide bem das suas plantas, regue-as cuidadosamente,  
retire todas as folhas mortas*

Tentas novamente a tua mãe. Queres tê-la perto de ti, anseias pelo conhecimento dela, agora que estás grávida, porque ela já passou por isto. Mas está numa escavação no Sudeste da Rússia, durante o Verão inteiro. Está a investigar um predador marinho que aterrorizou os mares há cento e cinquenta milhões de anos e tinha dentes do tamanho de machetes. Já foram encontrados seis e ainda são tão afiados que várias pessoas da equipa se cortaram. Ela está a analisar a zona em volta do aparelho digestivo do animal em busca de provas do que ele comia e desenterrou fósseis tipo lula e antigas escamas de peixe, e está a adorar o trabalho. E o calor. Diz-te que há uma onda de calor, de momento, e o céu é de um azul estridente.

Parece o paraíso, respondes.

E é, diz ela. O seu tom, desta vez, é mais ligeiro, como se tivesse tido tempo para ponderar o acontecimento iminente. Mas depois lança o comentário, o isco, que talvez deixes de ser tão egoísta quando fores mãe e tu sentes o aperto familiar na garganta e apetece-te bater com o telefone mas não o fazes; precisas de pelo menos uma coisa suavizada na tua vida.

Não sabes o que ela vê em ti de egoísta. Talvez o facto de nunca lheres agradecido por ela te ter criado durante tanto tempo, sozinha? Há muito que desenvolveste uma defesa contra as suas farpas: o telefone é desligado a meio da conversa, ou ignoras os comentários ou viras-lhe as costas. Parece tão cansativo ficar e lutar.

Que se passa, pergunta o Cole nessa noite, estás preocupada com alguma coisa.

Não sei, sinto-me à deriva, desculpa.

Por que é que não vais ver a tua mãe. Tira umas férias. Resolve as coisas com ela.

Imaginas-te a encher os pulmões de sol; a purgar o Gabriel e os taxistas com a luz dolorosa, a dormir até tarde, a estabelecer um laço afectivo com a tua mãe, a resolver a tua vida. O bálsamo e o sossego de um retiro maternal.

Sim, dizes ao Cole, sim, por que não.

Ligas-lhe novamente na manhã seguinte.

Não sei se será o lugar mais indicado para uma mulher grávida, diz ela. As condições são bastante agrestes. Há demasiada poeira e calor, e a maior parte das estradas são de terra batida.

Preciso de sair de Londres. Por favor.

Está bem, ri-se ela, está bem. Compreendo perfeitamente.

## *Lição 100*

### *arejar é um processo essencial*

Uma planície que outrora foi um mar interior. Está coberta de sal, agora, e as ossadas de velhas embarcações espream do seu leito como carcaças de alimárias pré-históricas. Os pescadores tentaram perseguir as águas que sangravam por entre os seus dedos, tentaram alcançá-las com enormes pontões de cimento, esticados como dedos pela vastidão. Mas a água foi escoando lentamente, quando o rio que a alimentava secou por causa dos milhares de quilómetros de sistemas de irrigação, canais e barragens, e um dia não havia mais mar. As estruturas tortas de três mastros dos pescadores há muito falecidos gritam agora as suas acusações contra o que resta da velha orla marítima. E as únicas pessoas que ainda vêm à povoação poeirenta à beira da planície são paleontólogos, sedentos de ossos.

O avião monomotor escorrega periclitante numa pista de terra batida e em seguida detem-se com o autodomínio de uma bailarina, num terminal que mais parece uma estação de camionetas. O telhado de zinco arde sob uma vastidão azul de céu sem deus. Um velhote trata dos vasos de flores junto da porta; mantém vivas as incongruentes cores com o zelo do dono de um *pub* durante um Verão inglês. Observa a única mala do passageiro solitário que desce do avião, as roupas urbanas, o rosto. Tu limitas-te a fazer-lhe um aceno de cabeça.

O cheiro da mangueira em cimento molhado leva-te de volta à infância e tu levantas o queixo para o céu. *Este* é o teu tipo de ar, seco como a pele de papel da tua avó e sentes o teu corpo retesar-se ao contacto com ele. A tua mãe entra no parque de estacionamento ao volante de um todo-o-



terreno dos patrocinadores da escavação. Não a vias há tanto tempo. É um choque, o envelhecimento. O velhote lança-te um sorriso desdentado à laia de despedida; o mundo está nos eixos, agora, estás situada.

Enquanto a tua mãe te conduz até à sua casita de zinco pré-fabricada, percebes que a tua estadia será demasiado longa aos olhos dela. Perguntas-te quanto tempo durará, se terás tempo sequer para descontrair.

Há roupas dela em todas as divisões, expulsando qualquer outra pessoa. Vês malas semidesfeitas e pilhas de roupa suja por dividir. Ela não consegue encontrar uma toalha limpa entre os rolos de plástico de embalar e sacos de gesso de Paris e cinzéis e pincéis, e pede desculpa por não ter dado um jeito à casa. Vive sozinha há demasiado tempo.

Mas não importa. Queres que isto dê certo.

Na primeira noite, tagarelam enquanto os chocolates belgas fresquinhos que trouxeste explodem como nuvens macias nas vossas bocas. Hoje à noite está tudo bem, durante uns dias estará tudo bem e, se tiveres sorte, talvez até dure uma semana. O plano é dormir cobiçosamente, de noite, e de dia relaxar e recuperar uma vida mais simples. Começa bem: as pessoas de tez dourada que te vêem nas poucas e esparsas lojas sorriem perante a tua barriga. Bom, que bela imagem, dizem os seus sorrisos, como se a vida se resumisse a isso. Visitas a escavação de botifarras e chapéu, e o chefe da equipa insiste em dar-te a sua cadeira de armar. Mas daí a nada estás a percorrer as ruas poeirentas, agitada, lesada e com calor, a esfregar a velha ruga entre as sobrancelhas. A casa da tua mãe parece colher o calor e retê-lo: a pasta de dentes está quente, e o desodorizante também, quando o rolas nas axilas. Sempre ansiaste pelo calor mas agora, pela primeira vez na vida, ele deita-te abaixo. O bebé está a mudar-te tanto.

Mas não o suficiente.

Porque o Gabriel persegue-te inclusivamente aqui, até quando nadas na piscina da povoação. Nadas todos os dias, dando um impulso vigoroso na extremidade e esticando os braços e as pernas ao máximo, sentindo a curva dos músculos enquanto tentas nadar para fugir dele. Mas todas as manhãs acordas bruscamente para um dia em carne viva, com um pânico inexplicável a consumir-te as entranhas. Os teus ossos levantam-se cansados da cama de hóspedes da tua mãe, como se tivessem lutado contra a sua moleza a noite inteira, retesando-se, oferecendo resistência. E ao fim de

seis dias, a tua mãe faz-te saber que aprecia demasiado a sua solidão. É sempre o mesmo padrão, a súbita tensão na voz dela e depois a explosão de ambas, e tu recorres à mulher que raramente se revela. Desta vez, por causa do nome para a criança.

Nunca poderias dar-lhe o nome do teu pai, diz a tua mãe. Não vais querer lembrar uma pessoa tão inútil como ele.

Ainda tem tanto azedume armazenado contra ele, depois de tantos anos, e só podes pensar que é porque, um dia, estiveram loucamente apaixonados. O teu pai é frequentemente motivo das vossas discussões, estás completamente farta deste beco sem saída em que vocês as duas acabam sempre, dura há vinte e cinco anos. A tua mãe tem ciúmes do teu amor por ele, ainda, sente que a tua devoção era cega e tola, e consequentemente passou uma vida inteira a tentar convencer-te dos defeitos dele. Estava sempre bêbado, era um inútil, um pobre coitado, nunca fez nada na vida, não te amava porque nunca me deu dinheiro suficiente para te criar, dificultou-me tanto a vida, as palavras são sempre as mesmas, desde que tinhas dez anos, e a única coisa que fazem é virar-te contra ela.

Por que é que bate sempre na mesma tecla, perguntas agora, estou tão *farta* disso. Depois, muito baixinho: Se não tem cuidado, acaba completamente sozinha.

És igualzinha a ele, ataca ela. Um caso perdido, perdido, vocês os dois. É sempre o papá o papá o papá, e ela imita o tom da tua voz infantil de adoração. Nunca dizes que gostas de mim, nunca me agradeces, nunca achaste que eu fui a melhor mãe do mundo. Não fazes ideia do que é viver no mundo real.

As palavras da tua mãe nada significam para ti, agora, são as mesmas expressões repetidas vezes sem conta e perderam, há anos, a capacidade de ferir. É claro que disseste que gostavas dela, no passado, mas ela nunca parece convencida.

Não te escutará agora, quando lhe pedes para parar. Não fazes ideia por que é que pensaste que estar grávida representaria uma enorme reviravolta balsâmica em todos os aspectos da tua vida. Receias que esta relação com a tua mãe se manterá até uma de vocês morrer, esta sensação de que estás em guerra contra ela, não são aliadas. Tens de afastar-te da maldade que ouves na voz dela, o ataque do dedo espetado no ar, a fúria daquela

cara. Sais porta fora, passas pelas pilhas de despojos da escavação, pelos mastros dispersos de navios-fantasma, os rostos curiosos dos habitantes da terra; caminhas sem saber para onde vais.

Páras à frente do único telefone público da povoação.

Alteras a data do voo.

Partes sem te despedir. Não é a primeira vez que o fazes.

## *Lição 101*

*nunca é demasiado tarde para praticar o autocontrolo*

Descontrais o maxilar quando o avião descola. Olhas fixamente pela janela para o que parece um deserto de areia a perder de vista, mas são nuvens, infindáveis nuvens. Tens um buraco negro na tua vida, quatro dias em que podias desaparecer, algures, fazer o que quisesses. Quatro dias secretos. Se fosses mais irresponsável e corajosa, ligavas ao Gabriel, enroscavas-te nele e não saías do seu apartamento.

Chegas a Londres e vais directa para casa, sem saber o que fazer com a tua liberdade e sem ter a ousadia de a aproveitar. Tens areia debaixo das unhas e nos vincos das roupas e nos cabelos; não foste expurgada, claro.

## *Lição 102*

*passados os primeiros três meses, a futura mãe entra numa das fases mais deliciosas da sua vida*

Mas nos dias que se seguem, sentes toda a exultação da gravidez regressar, resoluta. A alegria das pessoas quando comesas a dar a notícia envolve-te, é tão bom partilhar a maravilha de um bebé com um círculo tão mais amplo do que apenas tu e o Cole. Velhas mãos cacarejam e atolam-te em conselhos: aproveita a gravidez para reveres todos os teus amigos, porque terás pouco tempo para o fazer depois, usa fraldas descartáveis porque a vida é demasiado curta, deixa-te dormir à vontade, canta baixinho durante o trabalho de parto *a minha vagina é um fosso escorregadio*, vais ter a sensação de que estás a cagar com muita força, não tem nada de elegante e riem, riem, porque parece tudo tão novo, estranho e único. E no entanto esta é a história de inúmeras mulheres, desde o início dos tempos, a mais universal de todas.

Não há amor igual, diz uma amiga com três filhos, é como uma droga; darias a vida pelos teus filhos.

Não consegues imaginar-te a dar a vida por outra pessoa, a sentir um amor assim tão profundo e altruísta.

Pela primeira vez na vida contemplas-te, nua, num espelho de corpo inteiro e não é só para registar os defeitos do teu corpo; pela primeira vez na vida adoras o teu aspecto. Está tudo a crescer e a mudar. O bebé está a escurecer os teus mamilos, a torná-los sedosos, a alargá-los. A alastrar os

teus pêlos púbicos e estranhamente a deixá-los grisalhos. Está a suavizar e a inchar os teus genitais, a amadurecê-los. Salpica a tua pele de pigmento, tens manchas de sol na cara e nas mãos e uma tira escura a descer-te ousada do estômago ao púbis.

Pela noite dentro, tu e o Cole brincam sobre o tipo de música de que o bebé gostará e como será o seu sotaque e que nome terá. Ficam-se por Grão, depois Feijão, depois Manga, seguindo os gráficos de crescimento dos livros. Ouviste histórias de homens que vomitam em sintonia com as companheiras, que engordam e sentem náuseas e ficam exaustos. Nada disso acontece ao Cole, embora às vezes ele empurre a barriga para fora com a mão nas costas e peça compaixão, amor e descanso.

E leva com uma almofada na cabeça.

Ris muito com ele novamente, sentes-te protegida no casulo do teu mundinho fechado. É o bebé, o sonho partilhado, andam ambos empolgados. Sentes-te afortunada por tê-lo tão perto. Haverá solidão maior do que ter um filho sozinha no hospital?

Do que amar alguém demasiado?

## *Lição 103*

*o mel virgem é o mais puro e doce de todos*

Uma mensagem no teu atendedor de mensagens depois de uma consulta médica de rotina. Um silêncio, sabes que é ele. Diz apenas o teu nome. Precisamente quando começava a suavizar-se na tua memória, quando começavas a recuperar a tua vida.

O telefone toca novamente e tu atendes com um gesto brusco.

Olá, diz ele.

O ar fica-te preso na garganta.

Como é que estás, pergunta.

Estou bem. Estou ótima.

Queria só saber de ti, diz ele, saber como estás e ri-se. O que é que tu queres de mim, perguntas, o que é que tu queres, e o Gabriel diz-te que te estavas a transformar, parecias a Bela Adormecida a acordar para a vida, estavas a florir, no teu auge, e era magnífico observar esse processo e segue-se um silêncio e depois tu fazes um ruído como quem o manda calar, aborrecida, e ele, está bem, eu desligo: fica bem, sim, e ouve-se um clique.

Caminhas irrequieta pela casa, esfregando as mãos na barriga, esfregando e esfregando, ao de leve, como se estivesses a tentar apagar qualquer coisa.

## *Lição 104*

*gritos, birras e qualquer tipo de obstinação não são dignos de uma mulher*

Vomitas cerca de doze vezes por dia, especialmente quando estás cansada, e perguntas-te se será normal isso acontecer tantas vezes: nalgumas mulheres é normal, sim, diz-te o médico.

O Cole afasta-te os cabelos da testa enquanto te debruças sobre a sanita e tira o balde de debaixo da cama e limpa-te a boca e leva os lábios à tua barriga, dizendo ao bebé para não deixar a mamã enjoada e no fim as tuas mãos seguram a cabeça dele durante muito tempo, e tu beija-lo, ao de leve, no cocuruto da cabeça, de agradecimento, porque nunca o apreciaste tanto como agora.

Perguntas-te como será a cara do bebé, se será um eco deturpado de vocês os dois. Se os seus dois dedinhos do meio do pé serão unidos, garrotados como os teus. Gostavas que fosse canhoto como tu, tivesse o sorriso da tua mãe, os olhos do Cole, a serenidade dele.

Mas não páras de vomitar, como se estivesse a tentar expelir a culpa.



## *Lição 105*

*as jovens esposas contam-se entre os membros mais importantes da comunidade, de cuja saúde e inteligência dependem o bem-estar do marido, filhos e criados*

O bebé faz-te virar as costas à tua estação de rádio preferida, não suportas as batidas de dança, e puxa-te para Bach. Abrandando-te, tentando serenar-te, como quem navega em direcção à tranquilidade. Que vai ser de ti agora que estás no caminho da maternidade? Desaparecerás, ainda mais, da arena da acção para te tornares uma espectadora da vida, viverás mediante felicidade reflectida? É o modo de vida dos velhos, não é, e o das mães. Sempre sentiste um desdém miudinho por elas, essas mulheres esbatidas, fracas, descoradas, fundidas, sempre pensaste que tinham desistido. Agora, sentes um desdém pelo que eras: a mulher de carreira, determinada em encaixar as suas vivências primeiro, que tanto desprezava as jovens mães.

À noite, ali estão vocês os três, tu com a tua barriga encostada às costas do Cole e o bebé entre vocês os dois e a vossa respiração. O Cole preocupa-se com o bem-estar do bebé quando a tua barriga se enche de riso, o que é frequente, e quando transportas sacos escada acima e levantas o cesto da roupa suja do chão.

Bom, então talvez devesse ajudar-me mais, brincas, atirando-lhe com as cuecas sujas.

E ele ajuda, até certo ponto. Encarrega-se com mais frequência das compras de supermercado e da cozinha, surpreende-te com pratos que nem sabias que ele era capaz de preparar.

Também fui solteiro durante muito tempo, sabias: depois de um espantoso prato chinês que ele nunca tinha feito antes.

Bates as palmas de regozijo. A partir de agora, quem cozinha nesta casa és *tu*, meu caro, ris-te.

Alto lá, alto lá, diz ele com uma gargalhada, isto é só até o bebé nascer.

O vosso amor está a consolidar-se, como um osso partido.

Mas, depois, as madrugadas na sala, sozinha.

Um apartamento citadino, modesto e arrumado, como o de um monge. Nua de barriga para cima, no tapete do Gabriel. A tua cabeça a bater na parede. Os teus dedos enfiados nos cabelos dele enquanto o empurras ainda mais para ti e comesças a mexer-te debaixo dele, as tuas ancas distendem-se e tu impeles o corpo, suavemente, o movimento desponta algures nas profundezas de ti, puxas a cabeça dele cada vez mais fundo dentro de ti, é a língua dele que fodes, e queres que ele te engula, que não pare nunca.

A gravidez alterou o tom das tuas fantasias. Não é, agora, uma mulher que mal reconheces na tua cabeça, não é uma qualquer experiência fantástica que nunca quererias trazer para a vida real: és tu, agora, é o que fizeste.

## *Lição 106*

*a mãe deve garantir os serviços de uma enfermeira competente e de um médico experiente o mais cedo possível*

O hospital aonde vais à tua primeira consulta pré-natal fica nos arredores de Londres, é soturnamente vitoriano com janelas gordurosas e altas. Nos corredores esvoaçam pombos por entre faixas de luz suja e há sangue no chão da casa de banho. O Cole resmungou que haverá apenas uma parteira para fazer o parto e mais ninguém. Este país a rebentar pelas costuras, continua, estamos no século XXI mas parece que encalhámos nos tempos de Thomas Hardy. Ele quer o melhor; sentes o amparo e a protecção do seu direito de posse abater-se sobre ti e és invadida por uma onda de culpa, outra vez, e não consegues responder, limitas-te a apertar-lhe o braço de gratidão.

Mas depois, durante a primeira ecografia, o riso regressa porque o bebé não pára de guinar desenfreadamente para fora do ecrã, está a brincar convosco, aos pulos e a dançar e ali está ele, com as suas mãozinhas como vagens e o seu estranho rosto aguerrido a olhar, parece, em cheio para vocês os dois.

Lágrimas perante esta confirmação visual: não, não estás a inventar isto tudo.

Mas quando é que vais sentir o pequenino astronauta esvoaçar dentro da tua barriga? Estás de dezoito semanas e impaciente com a serenidade dele, que ainda te arrasta para aquele profundo cansaço, em que acordas

exausta e não consegues pôr os pés em terra firme o dia todo. Perguntas-te se algum dia *passará*, se tornarás a sentir-te normal. Talvez valha a pena, para nunca mais sentires a solidão e o pânico daqueles Natais de solteira, em que o teu coração parecia raiado de fendas. Um filho é, certamente, uma apólice de seguro contra isso.

Ligas à tua mãe. Optaste por pedir desculpa. Estás tão farta da tensão entre vocês as duas, do peso dela na tua vida; queres resolver o problema. Tens de engolir o orgulho e pedir desculpa. Mesmo que não saibas porquê.

Ela fica tão aliviada por teres telefonado. Há uma tristeza imensa na voz dela, como se tivesse estado triste todo esse tempo em que não falaram, e sentes o desejo dela, igual ao teu, de fazer as pazes. Nenhuma das duas menciona a tua partida do local da escavação, não querem reabrir velhas feridas.

Estou ansiosa por ter o bebé, dizes-lhe. Quero que seja meu companheiro. Tenho a sensação de que nunca mais me sentirei só na vida.

Ah, mas podes sentir-te mais só do que nunca enquanto mãe, responde ela. Não sei se te devia dizer isto, mas nada se compara à dor que uma mãe sofre por amar um filho. Uma pausa. Especialmente quando a criança a rejeita. Uma pausa. Depois de tudo o que se faz por ela.

Portanto, ela não consegue resistir a uma recaída, está sempre a ter recaídas, nunca há-de desistir das farpas. Então é a dor de um filho que é rejeitado pelos pais, apetece-te dizer mas não o fazes. Dizes à tua mãe que gostas dela, repetes o pedido de desculpas e ligarás em breve. Tentando manter o máximo da tua vida sob controlo, como a bonita caligrafia da Sylvia Plath, tão certinha e contida, por mais caótico que o seu mundo estivesse.

## *Lição 107*

*um bom sistema de esgotos é uma das necessidades básicas  
de uma casa saudável*

Às vinte semanas, sentes a aceleração.

É assim que a tua mãe lhe chama e tu adoras a expressão: a criança espreguiça-se e roda dentro de ti e tu sente-la pela primeira vez, a sua bela dança. Pequenos tremores sísmicos disparam pela tua barriga e tu alisas as mãos sobre as ondas do teu bebé a bocejar, a apalpar e a dar marradas.

Muitas vezes, ao fim do dia, sentes um súbito pontapé contra a tua mão — o atrevido! — e se estiver por perto, o Cole vem a correr, mas o bebé muda de posição e não repete a gracinha; já tem uma vontade própria e depois torna a esgaravatar alegremente como um gatinho com uma bola de lã e *agora*, dizes ao Cole, *depressa*, e a mão dele pousa como uma concha na tua pele e instiga serenidade na criança, que se acalma, como se escutasse o toque do pai. Ele já adora esta criança de uma tal maneira.

Beijas o teu marido, ternamente, nos lábios macios. Sentes-te sensual e feminina e queres a proximidade de um homem, mas o Cole não cede a fazer amor; tem medo de bater na criança, que o bebé esteja deitado demasiado perto do lugar aonde ele quer chegar. Não consegues convencê-lo de que não é verdade, que o bebé não é um estorvo como pensavas. Tantas pessoas te consideram agora apenas uma coisa: a portadora de uma nova vida. Não esperam que sejas uma criatura sexual, és mãe.

O Cole sussurra-te, enquanto dormes, que vais dar uma bela mamã e tu sorris a sonhar.

Depois acordas estremunhada, abruptamente.

## *Lição 108*

*não é correcto socorrer quem mendiga, porque poderá incentivar a mentira, a preguiça e o engano*

Tarde de sábado. Estão esparramados no sofá, a ler, jornais e revistas espalhados à vossa frente. O telefone. Não tens tempo de arrancar o auscultador do descanso, estás demasiado longe.

O teu nome, inquiridoramente, no atendedor de chamadas. O teu nome apenas, duas vezes.

A voz diz tudo.

Tens os olhos fechados, enquanto pensas nessa desarmante capacidade de amar abertamente, de declarar a necessidade na *nuance* de um som e quão rara é essa qualidade num homem; pensas o quão humilhante é, esse tipo de amor completamente franco que nos murcha, nos torna vulneráveis e moles. E faz com que a outra pessoa se afaste. Depois pensas no Cole. Abres os olhos bruscamente.

Perante o Gabriel a investir contra a tua vida de casada.

## Lição 109

### *o segredo de um lar saudável*

O Cole limita-se a olhar para ti.

Não é nada, dizes numa maré crescente de indignação, é só uma paixãoeta parva.

É aquele tipo da biblioteca, o actor, não é? Aquele que está apaixonado por ti?

Não, *não*. Por que é que dizes sempre isso? Ele é um amigo, como todas as outras pessoas da biblioteca, faz parte do grupo. Aliás, não falo com ele há algum tempo, porque ele estava a ficar um bocado esquisito, está bem?

E depois ouves-te a ti própria a perguntar então e a Theo, afinal nunca explicaste o que se passou, nunca disseste ao certo o que aconteceu nesses encontros a dois para tomar copos. E por que *carga de água* é que vocês ainda se encontram? Falas numa voz que nunca te ouviste usar com o Cole, só com a tua mãe: é como se quisesses atacar o teu marido em cheio na jugular, pôr tudo cá para fora, finalmente. Então e ela, hã? Podemos ir ao fundo da questão — e há uma maldade que não consegues travar, trai toda a beleza da tua barriga redonda. Toda a frustração e dor e raiva desde Marraquexe está finalmente, finalmente a sair em torrente. Dizes ao Cole que ele é um falhado na vida, é um chato, um idiota que raspa tinta de quadros, mais nada, não existe mundo para lá do emprego e da casa e praticamente não tem amigos e tu odeia-lo, *odeia-lo*, não sabes de onde te saem as palavras, ouve-las a saírem-te da boca e não consegues estancá-las, então e a Theo, vamos, então e ela, e pões-te a andar de um lado para o outro na



sala como uma hiena enjaulada e depois o Cole está atrás de ti, levanta-te e aperta-te por baixo da barriga, com tanta força que magoa, pega em ti como se fosse atirar-te para o chão e apagar-te a ti e ao bebé.

Cala-te cala-te *cala-te*, grita.

Percebes nesse instante por que é que alguns maridos se atiram de carro do alto de um penhasco e asfixiam crianças dentro de automóveis.

O bebé, o bebé, não consegues dizer mais nada, empurrando os braços dele, tentando soltar-te dele à patada, o bebé, o bebé.

O Cole solta-te. Apoia os braços contra uma parede como se estivesse a tentar escorá-la. Deixa cair a cabeça. Não consegues ver-lhe a cara. Sentas-te no sofá. Fechas os olhos.

Um silêncio tenso paira na sala.

Perguntas ao Cole se ele alguma vez cheirou a *cabecinha* de um bebé, não sabes por que é que lhe perguntas isso ou o que fazer a seguir mas, de repente, estás cheia de uma profunda tristeza, estás cheia como um copo até cima. Ele não olha para ti, diz-te não sejas ridícula, por que raio é que ele haveria de cheirar a cabeça de um bebé.

Não sei, não sei, dizes baixinho.

És uma pessoa horrível, diz ele.

Tu sabes que é verdade.

O Cole sai da sala. Não te mexes. A desejar, tanto, que pudesses sugar tudo o que dissesse, a desejar que pudesses aspirá-lo para dentro da tua boca como um balão de pastilha elástica que rebentou. Mas as palavras estão coladas em toda a tua cara e no teu casamento, e tu não sabes se algum dia poderão ser retiradas.

## *Lição 110*

*nunca é de mais alertar para o perigo de se dar o remédio errado*

O Cole sai porta fora. Fecha-a com estrondo. O ruído magoa. Ele nunca bateu com a porta antes. Uma hora depois regressa, ignorando-te na sala de estar, indo directamente para o quarto e tu não olhas para ele, mas estremecees perante as pancadas curtas e secas das gavetas e armários. Estremecees, mas não tiras os olhos do televisor. Ele não fala. Nunca fez jogos destes, nunca deixou de falar.

A porta da rua bate com estrondo. Tu vais ao quarto. Avalias o que ele levou. Tudo o que é essencial: despertador, agenda, botões de punho do avô, carregador do telemóvel.

O teu coração ressoante, o teu coração ressoante.

Sentas-te na cama, no silêncio pesado. Sentas-te durante muito tempo e depois algures nessa noite tão, tão longa, corres para a janela de casa, para o alto da tua torre e olhas para o passeio distante e pensas em todas as coisas sólidas e seguras que desapareceram da tua vida. Sorves o ar nocturno. Olhas a rua lá em baixo. Não há pessoas em lado algum, nem carros, nem vida, tudo está em silêncio.

Sentas-te novamente na cama. Consegues ouvir o silêncio zumbir enquanto o resto do mundo está aninhado debaixo dos lençóis, confortavelmente, a dormir.

A solidão é quase insuportável.

Portanto, a tua vida deu nisto. Este instante sentada na beira da cama, grávida e profundamente só. Tens a sensação de que a culpa é tua. O que fizeste com o Gabriel parece-te, pela primeira vez, uma traição. Tens

andado a justificar-te durante tanto tempo, que não foste tu quem deu a primeira martelada no casamento.

Mas aqui, agora, sem o Cole, parece-te terrivelmente frio, tolo e destrutivo. Sentes um nó na garganta, as lágrimas vêm-te aos olhos, apertas os lábios com força.

Ligas para o telemóvel do Cole: está desligado.

### *Lição 111*

*todas as meninas devem fazer a cama e arrumar o quarto para bem da sua saúde*

No dia seguinte, nenhum telefonema. Ligas para o *atelier* do Cole para saber dele, finges que é uma questão de trabalho. Ele saiu. Deixas o teu número de telemóvel. Ninguém te retribui a chamada.

O bebé contorce-se e espreguiça-se dentro de ti, feliz como uma foca, sem noção de nada. Imaginas-te a tê-lo sozinha, agora, a pegar nele ao colo na cama alta de hospital, rodeada de amontoados de famílias felizes e palradoras em todas as outras camas, de flores e ursinhos de pelúcia e conversas. E depois ali estás tu, com um sorriso forçado, na solidão reluzente.

Ele nunca ficou sem telefonar.

## *Lição 112*

*as flores falam ao coração bondoso numa língua milagrosa*

Ao quarto dia chega uma carta do *atelier* do Cole. Ele está em Roma, a fazer um trabalho que andara a adiar. Falara nele há cerca de dois meses, um quadro menor da *Descida da Cruz*, propriedade dos jesuítas. O dinheiro é pouco e o trabalho não é grande coisa. O Cole mostrara-te umas fotografias e lembras-te de ficar espantada com a estranha torção do tronco enquanto mãos caridosas baixavam o corpo. Havia qualquer coisa que não estava certa, o artista captou mal o físico, como se estivesse a pintar de cor e não a partir da vida.

A carta diz-te que o Cole está, de momento, incontactável e não indica quando voltará. Foi o assistente que a enviou. Não tem qualquer marca do teu marido. Não consegues imaginá-lo a ditá-la a outra pessoa, algo tão cruel e impessoal e cru. Tens a boca seca e os teus dedos parecem demasiado leves e desligados de ti enquanto seguras na carta. Ele nunca fez uma coisa destas.

Nada sabes agora sobre o que vem a seguir.

Ligas aos pais dele e deixas uma mensagem no atendedor, dizendo para ele te telefonar, odiando ter de lhes pedir ajuda. Vagueias pela casa e percebes o quão leve é a marca que o Cole deixa. Estás sempre a chagá-lo para arrumar o caos que faz: ordenar as revistas, organizar as cartas e contas. Dele, restam apenas pequenos montinhos de trocos e uma pilha de recibos e agora, de repente, não é suficiente, parece-te chato e obstinado tê-lo refreado tanto. Lavas o seu cheiro fugidio das almofadas e lençóis e

imediatamente te arrependes do impulso, uma vez mais, de o apagar com um esfregão.

Queres o Cole de volta. Muito.

A tua mãe telefona. É só para saber de ti, diz ela, e perante esta ternura invulgar as lágrimas escorrem e escorrem, grandes golfadas de lágrimas, a tua boca está raiada de água.

Vou ter contigo, diz ela, é só o tempo de arranjar um voo.

Durante duas semanas a tua mãe fica ao teu lado, a garantir que haja sempre flores frescas e a fazer panelas de sopa caseira e a encher o frigorífico de taças, como o dela. A fazer-te chávenas de chá sem esperar que as peças e exactamente como gostas, com leite, muito fraco; o Cole nunca, desde que o conheces, há tantos anos, aperfeiçoou essa arte.

Durante duas semanas enroscas-te com ela na cama do quarto de hóspedes; não o fazes desde os dez anos de idade. A tua mãe não sabe até que ponto as coisas deram para o torto, apenas que o Cole saiu de casa intempestivamente e não se adivinha quando regressará. O objectivo dela é pôr-te bem. Sabes, agora, que ela dá o seu melhor quando tu estás vulnerável, exausta, quando tudo desmorona. A relação foi simplificada, reduzida à necessidade fundamental de um filho ter a presença da mãe, e assim, a maldade entre vocês desapareceu, a fúria evaporou-se. Não sabes quanto tempo estas tréguas vão durar, mas queres aconchegar-te na sua tranquilidade enquanto podes.

Ela tem de partir ao fim de quinze dias, foi o tempo máximo de férias que conseguiu que lhe dessem na escavação. Não quer ir-se embora, mas tu dizes que ela tem de o fazer. Devias tentar voltar ao trabalho, diz ela, enquanto espera que o táxi a venha buscar. Ver se a tua vida entra novamente nos eixos.

Retraís-te.

Não, voltar ao ensino, não, ri-se ela. Mas tens de arranjar outra coisa para amar na tua vida além de um filho, de um homem, porque eles vão acabar sempre por partir-te o coração.

Sim, mas o quê?

Ela não te sabe responder. O taxista buzina.

Comecei a escrever uma coisa, dizes-lhe, ainda não avancei muito. Uma versão moderna daquele livro antigo do avô.

Uma perspectiva nua e crua do casamento — o que uma esposa pode pensar mas nunca diria.

O Cole sabe disso, pergunta ela.

Não, ao certo não. Sabe que estou a escrever um livro, mas não faz ideia do que trata. Não quero magoá-lo. Acho... acho que ele ficaria de rastos. Não sei o que ele faria.

Escreve-o anonimamente então, diz ela, quando o taxista torna a buzinar. Assim, ninguém se magoa.

## *Lição 113*

*as notas bancárias são dinheiro de papel*

Nem sinais de vida do Cole.

Nem telefonemas do Gabriel, depois daquele que fez o teu mundo explodir.

Mas há uma nova força de vida dentro de ti, a rivalizar com os homens. A tua barriga é pública, agora, esticam-se mãos em direcção a ela, com frequência, e por entre o caos todo estás a apaixonar-te por um corpo que não o teu. É lindo e terrível o que o bebé te está a fazer, há uma enorme violência na beleza, é fascinante, erótico, obsceno.

Como é que a pele pode esticar tanto? Será que depois encolhe e volta ao lugar, ou vai ficar pregueada e flácida como uma bolsa marsupial?

Não tiraste a tua aliança; não queres lidar com essa complicação, é demasiado final, demasiado abrupto, encerra, na tua cabeça, a possibilidade de tudo se resolver. Pelo menos o dinheiro continua a entrar na tua conta, mas a tua mãe tem razão, tens de arranjar qualquer coisa para fazer, que adores, para preencher a tua vida.

Investe no teu livro, se puderes. Parece-te a tua última oportunidade, antes de a maternidade descer sobre ti e toda a tua vida recuar face aos avanços de outra. E o dinheiro acabe, porventura. Porque de todas as coisas que te aconteceram, a independência financeira é o que de mais importante abdicaste. Parece-te desconfortável, agora, dever tanto a alguém; é capaz de sugar toda a confiança para fora da tua vida.



Mas o Gabriel.

Sussurra sem cessar por entre esta recente sensação de ter um objectivo. Estás grávida de sete meses e sabes que é errado desejá-lo, atirá-lo novamente para a tua vida. Queres telefonar-lhe. O tempo cansou a intensidade daquelas tardes em casa dele, mas não o suficiente. Porque a vividez dele está de volta, com frequência agora, como ondas numa costa ele teima em regressar.

## *Lição 114*

### *o valor do ar puro*

Um fim-de-semana fora, na região dos Cotswolds, uma indulgência feminina num hotel com *spa*. A Martha leva o carro, acelera pelas estradas estreitas, quer chegar antes de a luz se esvair por completo. O céu está vermelho-sangue e dourado em grandes faixas luminosas; em Londres nunca fica assim. Ou talvez não te lembres de olhar.

Como vai o pessoal, perguntas.

Bem, bem. O Julian está prestes a entregar, muito antes do prazo, claro. O Tim teve de desistir durante uns tempos e voltar para as obras; o dinheiro que recebeu adiantado já se foi. A Natalie, coitada, vai na sétima revisão, está naquela fase horrorosa em que se convenceu de que nunca há-de acabar.

E o Gabriel, perguntas, tentando suavizar a subida de tom da tua voz.

Nunca mais deu notícias, diz ela, mas há-de voltar. É mestre em desaparecer e depois reaparecer de repente, tu sabes como ele é. Acho que está em Espanha, não sei bem porquê.

Pousas os pés descalços no *tablier*, os joelhos a suportarem a barriga, e pensas nos momentos da tua vida em que foste mais livre, invariavelmente só, em que foste mais vívida e viva e desperta. Poderás algum dia recuperar essa vida? A Martha bate no volante com a mão e diz claro que podes, só que levas o bebé contigo; há tantas mulheres que o fazem.

A tua mãe, por exemplo, diz ela, a calcorrear o mundo com o bebé amarrado ao peito.

Sim, acho que tens razão.

Mas tu não és a tua mãe. Sentes uma âncora agora. Não lhe podes explicar isso a ela, uma mulher tão resolutamente sem filhos, que declara que não consegue tomar conta da sua própria vida quanto mais da de outra pessoa. Daqui a dois meses nunca voltarás a controlar a tua vida com a firmeza com que o costumavas fazer, terás de render-te à vontade de outra pessoa. Uma criança arrastar-te-á para a vida, terás de participar enquanto mãe.

O céu está a fechar-se, a cor já quase desapareceu. Dizes à Martha que não tens tido energia nem autoconfiança para avançar com o teu livro e temes nunca vir a tê-la, agora, porque deixaste para demasiado tarde.

Hás-de arranjar uma maneira, ri-se a Martha, se quiseses mesmo fazê-lo. Escreve como se estivesse a morrer, ouvi dizer que é uma excelente maneira de uma pessoa se motivar.

Olhas pela janela do carro. O pôr-do-sol espreita por entre o escuro como um rasgão numa cortina. O Cole ainda não ligou. Telefonaste aos pais dele, disseste para o atendedor de chamadas que é urgente, três vezes. Pediste-lhes para lhe dizerem que o amas. Ninguém te ligou. Não estavas à espera que o fizessem. Já tens idade suficiente, agora, e experiência, para não esperar que os teus desejos se concretizem. A menos que os forces.

## *Lição 115*

*em tempo de chuva, pode acontecer que apenas nos possamos exercitar  
dentro de casa*

Estás lenta como uma vaca, agora, enorme e bamboleante. O teu peito inchou de uma copa D para uma G e não há sutiãs sensuais, nem sequer pretos, nesse tamanho. Estás a tornar-te menos tu, mais genericamente numa mulher grávida. É aguda e súbita, a perda de auto-estima. Ficarás diminuída enquanto mãe? Tornar-te-ás invisível?

Mas por entre toda a incerteza há um ímpeto de criatividade. Voltas à biblioteca. Sentas-te à frente do portátil, rabiscas apontamentos. O bebé não gosta que trabalhes, contorce-se e dá pontapés quando te sentas como se dissesse ei, volta a concentrar-te em *mim*. Mas não consegues, ainda não. Ponderas a questão do anonimato: tem tão má reputação, é o estilo dos raptos, assassinos, chantagistas e mulheres que querem revelar algo das suas vidas secretas; expor-se, nuas. A tua decisão de não pôr o teu nome no livro dá-te uma liberdade empolgante e audaz: nunca poderias escrever o que queres com o teu nome ligado às palavras, as consequências pessoais seriam demasiado graves. Tens tanto jeito para reprimir a verdade na tua vida do dia-a-dia; sobre como realmente te sentes, sobre o que realmente queres. A tua autora isabelina, tens a certeza disso, sentiu o mesmo tipo de embaraço. Caso contrário teria posto o nome no livro.

Ele telefona.

Está no atendedor de chamadas, não consegues levantar o auscultador, com medo do que ele possa dizer, precisas de ordenar as ideias.

Ele volta daí a uma semana.

Não há amor na voz dele, profissional, abrupta.

A noite azeda em teu redor.

Portanto, nenhum pedido de desculpas, nenhuma explicação, nenhum desejo de que tu, e o filho dele, estejam bem.

Tens uma semana, apenas isso. Uma semana para te recompores, para poderes voltar à tua vida de esposa, porque não é disso que ele está à espera? Como tu. Uma semana para te mimares, para seres completamente egoísta, obstinada, indulgente: é a última oportunidade que terás durante muito tempo. Quantas vezes no teu passado é que amantes, que tinham ignorado as tuas chamadas, te telefonaram de repente, do nada, e te arrastaram para uma rapidinha. E tu dizias sempre, sempre, que sim.

Queres viver como esses homens, uma vez na vida.

*Assim que falo de poder e autoridade, creio ouvir um homem interromper-me e tentar silenciar a minha boca com o castigo imposto às mulheres: O teu desejo estará sujeito ao do teu marido, e ele predominará sobre ti.*

## *Lição 116*

*como tratar maleitas assim que elas despontam*

A noite seguinte, um sábado. Desatenta à frente de um documentário sobre o Príncipe Eduardo e a Wallis Simpson. Uma tablete de chocolate meio comida ao teu lado; está estaladiça, devia estar mais mole. O teu estado de espírito, negro como as noites no campo. Desligas o televisor.

A pirataria da indiferença do Cole.

Pegas no teu livro; estás a ler Martha Gellhorn — *Nunca me senti tão só como quando estive casada* — e fecha-lo bruscamente, diriges-te para o telefone e os teus dedos tropeçam nos números ainda demasiado presentes na tua cabeça, e quase de imediato ele atende. Quando ouves o tão familiar estou dele, sentes como se as tuas entranhas te estivessem a ser arrancadas.

Sou eu, dizes.

Olá, diz ele, como estás, e a ligeireza da sua voz diz-te tudo o que precisas de saber. O tom dele não tem cicatrizes. Ele está curado, andou para a frente; o teu coração afunda-se.

Preciso de te ver, dizes, querendo derrubá-lo juntamente contigo.

Ele ri-se. Gostava muito, mas vou para Espanha amanhã bem cedo.

Ah.

O argumento está a compor-se. Vou a uma tourada na segunda-feira à noite, para terminar a pesquisa.

Ótimo, ainda bem: nem tens noção do que dizes, desejando-o apenas junto de ti, ao telefone, não querendo que ele parta, não querendo esta noite sozinha.

Então e onde é, a tourada?

Chiclana, uma terriola perto de Sevilha. Foi lá que o meu pai começou carreira.

Ah. Que bom.

Noutra altura, talvez?

Sim. Claro.

A tua voz recua.

Portanto, ele sente, agora, que não tem de se esforçar.

E tu deseja-lo mais do que nunca.

## *Lição 117*

*como é que as pessoas apressam a morte?*

A cerca de uma hora de Sevilha.

A última semana de gravidez em que te permitem andar de avião.

Não sabes ao certo por que aqui estás, mas é uma sensação magnífica, esta de fazer uma coisa tão disparatada e impetuosa, irresponsável e impensada, para acabar com toda a censura em relação a ti. Sabes que é errado encurralá-lo novamente, mas esse pensamento não é o suficiente para te refrear.

Que vale de necessidade tens dentro de ti? Querer fazer isto neste preciso momento, com o teu marido quase de regresso a casa e o bebé, em breve, na tua vida.

Sabes a resposta, mas não tens a certeza se consegues pô-la em prática: estás a permitir-te uma explosão de puro egoísmo, antes de te renderes às necessidades de todos os outros.

A arena é ridiculamente pequena, poeirenta, improvisada, no meio do estridor ofuscante de uma feira popular. Não é nada do que esperavas. É o estrondo e a barulheira de um espectáculo de rua, de um lado, e uma montanha-russa a trepidar a sua carga de rostos guinchões, do outro. A unha do teu polegar inscreve uma prega no bilhete. Está quente, o ar seco. São sete e meia da tarde, mas o sol ainda queima. O bebé contorce-se; tomara que esteja bem. O ambiente na arena tem o ar de sujidade e manha de uma luta de galos. À tua volta, em duros bancos de madeira, estão



amontoados de homens de meia-idade com os amigos em noite de diversão. Olhas para eles, à procura do Gabriel em todas as formas improváveis. Estás corada, prenhe, obviamente estrangeira, não sabes o que vem a seguir. Não devias estar aqui.

Querendo-o, apenas isso. Vale a pena tudo, tendo um desejo tão grande a cantar-te no sangue.

Uma banda de metais no banco ao teu lado ataca uma fanfarra. Sentaste inclinada para a frente como uma criança, tão curiosa sobre tudo isto; o Gabriel contou-te tantas coisas. Um touro entra a trote na arena, relutante. Sempre imaginaste a besta de torneio como sendo enorme, preta e reluzente, impelindo a cabeça contra o inimigo como uma locomotiva, mas este é pequeno, castanho, esguio, perdido. Olhas em volta para os socacos de assentos.

Na arena, quatro jovens correm de um lado para o outro, atraindo e espicaçando atrás de quatro biombos de madeira. Ninguém parece ter as rédeas na mão, nem os homens, nem o touro, é uma farsa, uma pantomima, não estavas à espera disso.

Os teus olhos detêm-se numa forma que só pode ser ele, aquele ângulo definido dos ombros. Ele está do outro lado da arena. Atrasado, com um punhado de homens que parecem familiares. O teu coração bate com força, o sangue sobe-te à cabeça, sentes o seu latejar.

Uma última lição, uma última jogada, é tudo o que queres, antes de o Cole regressar.

Um homem mais velho entra na arena. Segura dois paus compridos decorados com coloridas fitas de papel, são comicamente festivos. Empunha-os bem alto com as duas mãos e, em bicos dos pés, espeta-os destramente entre as omoplatas do touro, como se fosse um maestro a terminar uma ária com um floreado. O animal fica colérico. O seu sangue é espesso, vermelho, reluz no calor como tinta derramada, brilha contra o seu suor. O Gabriel vai ao rubro como todos os outros. Tens calor. Imagina-lo a suar, queres passar a tua língua por ele. Sentes pequenos relâmpagos na barriga, como um céu anfitrião de uma distante trovoadas. O ambiente perde o seu ar de farsa. O bebé dá uma lenta cambalhota dentro de ti, devagar como uma baleia. Pousas a mão na barriga para o serenar: o Gabriel ainda não sabe disto. Sai espuma da boca do touro, está a ficar

cansado, ouves a sua respiração ofegante, vês o sangue, o seu desconcerto. O matador entra na arena. É baixo, ridiculamente baixo. Vestido de austero cinzento, como um cangalheiro teatral. O pénis foi colado à coxa, as calças são tão justas, caso contrário qualquer bocado de tecido mais largo poderia ficar preso num dos cornos, disse-te o Gabriel uma vez e tu estremeceste, por dentro, enquanto ele falava.

Queres levantar-te e dirigir-te para ele, entrar nesse grupinho apertado, mas são demasiados os joelhos que terias de trepar. Manténs os olhos nele enquanto ele absorve a tourada. Já viste essa concentração nele, antes: no apartamento de Londres, enquanto arregaçavas a manga da blusa para entregares o teu braço à boca dele, enquanto lhe desapertavas o cinto.

O matador atrai o animal, obrigando-o a aproximar-se de si, quase a roçar-lhe. Estão a comungar um com o outro, ele fala com o touro e tu inclinas-te para a frente para ouvir, sabe Deus o quê, não compreenderás as palavras. A banda na bancada ao teu lado ataca um comentário intermitente como um pianista preguiçoso num filme mudo. O touro roda, mais devagar, e consegues ver agora claramente a sua idade. O Gabriel disse-te que os animais nunca têm mais de quatro anos, mas este parece mais velho, mais cansado do que isso; talvez tenham feito uma certa batota para esta tourada regional. O touro pressente a derrota, está exausto. O matador esconde uma pequena espada aguçada atrás das costas e rodopia, belíssimo, e o animal endireita-se e torna a investir e o Gabriel aclama juntamente com os outros. Parece uma coisa tão unilateral; sentes-te agoniada. Esfregas a barriga e pensas na vida a fermentar dentro de ti e imagina-la em pânico, impotente, com tudo a seu desfavor. Não estás a apreciar o espectáculo. O Gabriel descrevera-te todo um mundo diferente, quando te falava das corridas: um mundo de disciplina e ousadia e beleza, mas o que vês diante de ti parece apenas desesperadamente triste e ficas estupefacta. É uma cobardia. Um tédio. Há tantos momentos parados, a observar, à espera, a avaliar o inimigo, a ofegar.

O matador olha pela mira da espada e enterra-a no pescoço largo do touro e depois arqueia o corpo, com o arrojo da pincelada de um calígrafo. O touro está colérico, debate-se, o seu enorme coração explode. Dobra-se pelas patas. Cai para o lado. Ergue a cabeça agonizante.

Já viste o suficiente.

O flanco do animal ainda sobe e desce, rebola os olhos, tem uma expressão de profundo espanto: quem são estes bárbaros? Um punhal espetado atrás do cocuruto, rasgando a espinha dorsal e finalmente, finalmente a cabeça exausta pende. A matança foi difícil, havia que deter um espírito tão grande e lutador.

Olhas para o Gabriel. Levantas-te, alta, espetas a cabeça por cima dos homenzinhos trigueiros, não te sentas. Ele não te vê, a princípio, não te vê, está a falar e a rir e tem o braço pousado sobre o ombro de outro homem, um tio ou um primo, porventura, não te vê. Até que vê.

Pára de falar.

Cora, intensamente.

Um aceno silencioso e discreto de reconhecimento. Insuportável de tanta intimidade, como se tu e ele fossem as únicas pessoas ali presentes. Diz-te tudo o que precisas de saber: não terás de te esforçar, ele dirá que sim.

Ele prolonga o instante demasiado tempo, as pessoas com quem está olham para ele, a tentar ver o que focam os seus olhos.

Lenta, lentamente, sentas-te.

Trémula. Molhada.

## *Lição 118*

*nunca compre algo que não possa pagar*

Há mais cinco touradas. Não aguentas ver nem mais uma. Querias outra coisa completamente diferente, a tourada da tua imaginação: a sensação empolgante de competição entre homem e besta, a bela astúcia da dança do matador, a força invencível do touro.

Por que é que te sentes tão desiludida?

Estavas à espera que te fossem revelados os segredos dos homens e do seu machismo, talvez, os segredos do Gabriel? Os matadores optaram pela via mais fácil e tu não estavas à espera disso.

Qual é a fraqueza chocante em praticamente todos os homens que conheces? As lamúrias infantis quando estão doentes. A necessidade de que sejam as mulheres a pedir indicações na estrada, por eles. Ajuda para comprar roupa. Telefonar a marcar hora no barbeiro para eles cortarem o cabelo, porque não se dão ao trabalho de o fazer por si. A incapacidade de pegar no telefone se querem pôr fim a uma relação. Serão as fraquezas, que vês repetidamente, um sintoma dos homens desta idade, ou existiram sempre, e as mulheres, secretamente, sempre souberam delas?

*Mais fortes do que o vinho e do que reis são as mulheres.*

Sabes uma coisa, enquanto o Gabriel te fixa do outro lado da arena: ele ainda não esqueceu e andou para a frente. Bastou parar e corar para tu

saberes. Mas ele não sabe que estás grávida, não pode ter visto a tua barriga atrás dos homens da multidão.

De repente, parece tão absurdo e irresponsável agir de impulso para o ter de volta; ainda que só por uma vez. Os homens estão constantemente a atrair ex-amantes — por que é que, agora, nessa mesma situação, te sentes subitamente tão incomodada? Não podes virar as costas à tua natureza, ela seguiu-te até aqui, a pisar-te os calcanhares, a chamar-te para voltares para casa.

Devias ir-te embora imediatamente.

Ele está a olhar para ti.

## *Lição 119*

*todas as pessoas, muito naturalmente, gostam que as considerem dignas de respeito*

Avanças ao longo da bancada, fazes sinal de que estarás lá fora, na entrada. Ele sai quase tão depressa quanto tu. O teu coração transborda: a ânsia dele.

Ele cora, ao ver a tua barriga, pára. Dás um passo em frente sem dizer nada, pegas nas mãos dele, depois moves-te, hesitantemente, para lhe tocar na face. Ele afasta-se como uma criança faz, quando a mãe leva a mão com cuspo para a limpar; ele não te toca. Olha novamente para a tua barriga.

Bem, não estava à espera disso.

Não é teu, não podia ser, ris-te embaraçada.

Eu sei, diz ele, demasiado depressa.

Pega-te no braço, não olha para ti, está a puxar-te para fora da arena como se tivesse vergonha disto tudo e tu tremes por dentro, perante a resposta dele, vacilas de repente, ansiosa, apreendida. Nervosismo de primeiro encontro.

O Gabriel também parece distraído, mudado. Os cabelos não tão pretos-tinta como tu te lembravas, cansados. Vê-lo agora como um homem que entrou subitamente naquela fase indefinida em que ainda não é de meia-idade mas também já não é jovem. Uma fase de incerteza, em que as mães param de perguntar quando é que os filhos arranjam uma rapariga simpática e assentam, e começam a fazer outras perguntas: o que é que se passa com ele? E enquanto caminhas ao lado dele por entre as ruas poeirentas e buliçosas de *fiesta*, sentes outra presença entre vocês. Uma

nova mulher, talvez, ou apenas ele a andar com a vida para a frente, não sabes, mas algo se extinguiu.

Ele vira-se, ri, de repente beija-te, em jeito de que se lixe, depois de toda a tua indiferença, mesmo com o bebé enorme entre vocês. Como se por uma vez apenas, nesta noite louca, ele quisesse recordar como foi. Retribuis o beijo. Chocada, a sorvê-lo profundamente, incapaz de decifrá-lo já.

Vejo que andaste ocupada, diz ele, e tu sorris, tímida, e olhas para baixo, esfregando a tua barriga.

Pois.

Murmuras uma desculpa por teres desaparecido, murmuras que tinhas de resolver algumas coisas na tua vida e ele diz, sim, sim, é o que dizem todas, ouves a voz brincalhona dele e ficas tão aliviada por ter o velho Gabriel de volta, puxas por ele, anda, seu maluco, vamos sair daqui, e ele ri-se e puxa-te também, dizendo vamos no sentido errado, *mi amor*, por aqui, tenho um quarto reservado num hotel, e começam ambos a descontrair-se naquele antigo e familiar companheirismo, suave como gelado a escorregar pela tua garganta. Depois o silêncio enquanto percorrem as ruas com a cumplicidade meiga de velhos amantes, sem saber o que vem a seguir.

Então o que é que achaste da corrida, pergunta ele.

Não foi como eu esperava, queria ver toda aquela severidade e beleza de que me falaste, mas pareceu-me tudo, não sei, cobarde. Triste. Não gostei nada.

De onde te vem essa crueldade, de que cicatriz profunda dentro de ti? A crueldade que te faz dizer ao teu marido que é um fracassado, à tua mãe que podes amá-la mas não gostas dela, ao teu amante que a sua paixão parece prepotente e fraca? Aqueles que te são mais próximos são os únicos que a vêem, mais ninguém acredita que existe.

Tu *nunca* estás satisfeita, pois não, diz o Gabriel, e as mãos dele, a brincar, agarram-te pelo pescoço; com um pouco de força a mais, apenas um pouco.

## *Lição 120*

### *a modéstia é sagrada e positiva*

O que fazes aqui, pergunta ele, enquanto roda a chave do quarto de hotel.

Eu...

Calas-te, não consegues prosseguir, as pontas dos teus dedos comprimem a tua boca; já não sabes por que é que vieste para Sevilha, por que é que não saíste da arena, da vida dele. Isto está errado, está errado.

Estás grávida, diz ele. Eu não devia estar a fazer isto.

Eu sei.

Mas quero, diz ele, aproximando-se.

Acho que não devia estar aqui, protestas, afastas-te.

Mas *estás* aqui, diz ele.

Ele beija-te assim que a porta se fecha, encosta-te a uma parede. Despe-te, diz ele baixinho, respirando junto do teu ouvido — sempre adoraste quando ele fazia isso. Hesitas, baixas os olhos para a tua barriga, despes a roupa lentamente, a tua barriga paira como uma lua, marcando-te como tabu e há um estremecer, o bebé, mas não consegues dizer não, não consegues resistir ao pedido. O Gabriel afasta-se com as mãos enlaçadas atrás das costas, observa o teu corpo, sorri. Depois deixa-se cair de joelhos e faz deslizar as palmas das mãos pelos teus peitos e pelo teu ventre, agora esticado como um tambor, roça-se entre as tuas pernas e de repente enfia dois dedos em ti, sem avisar, como um pau no musgo inchado de chuva.



Não estavas à espera disso, da violência disso, não foste tu que lha ensinaste. Algo mudou, ele adquiriu confiança, é surpreendente; os teus joelhos cedem. Estendes a mão para te apoiares, estás quase a vir-te, ele fugiu-te e não sabes porquê mas faz-te querer que ele continue, e continue, e continue, para ver aonde vai parar, não queres que ele pare.

E vocês são três neste quarto de hotel. A tentar não pensar nisso.

Enroscas-te de lado na cama, esperas que ele se dispa. Agora observas tu o corpo dele, sempre te deu prazer saboreá-lo. As ancas perfeitas, a cicatriz pálida onde lhe tiraram o apêndice, o pequeno crucifixo de prata ao pescoço, os pulsos de pianista, o meio coração de pêlos do peito, a pila comprida e torta. O Gabriel cobre-te o corpo com o dele e beija-te no pescoço, e tu sentes a rigidez dele a roçar no teu rego e depois viras-te lentamente, cara a cara, e vês pela primeira vez a concentração dele, vês no rosto dele que este tipo de experiência é inteiramente nova e estranha; emocionalmente, e fisicamente, é algo de incerto, um desempenho impossível de ensaiar.

Artigo um: a dona-de-casa suburbana.

Artigo dois: a mulher gravidíssima.

Artigo três: só Deus sabe o que vem a seguir.

És linda assim, tão linda, murmura ele com as mãos na tua barriga e nas tuas mamas e tu devias estar a odiar tudo isto, devias estar a olhar para dentro, a nutrir, em vez de enfurecida de desejo, mas nesse momento cobiçoso estás pronta a entregar-lhe toda a tua vida. Consegues sentir profundamente, através dos beijos e carícias do Gabriel, que a sua maneira de fazer amor se tornou mais firme, agora ele sabe o que faz, as aulas deram resultado. O seu toque é competitivo e criativo, como se estivesse a tentar apagar a recordação de qualquer outro homem com quem estiveste, carimbar a tua pele com a permanência do seu próprio toque. Sentes o ardor da inveja: em que outra mulher tocou ele, que lhe deu esta confiança, este domínio? E no entanto a ideia de outras mulheres excitava-te, em tempos. Quando o tinhas bem preso.

Viras-te novamente e o Gabriel entra em ti por trás, estás grávida de trinta e quatro semanas, não devias estar a fazer isto, mas antes de teres

tempo de lhe resistir, vens-te, quase antes de ele começar, vens-te uma e outra vez, os orgasmos tropeçam uns nos outros, apoderam-se de ti. Apertas os dedos dele e ele aperta os teus e os teus nós estão brancos como ossos e a onda de choque perdura e perdura.

Quero vir-me dentro de ti, sussurra ele.

Parece uma violação, não parece correcto. Não é correcto. Não lhe dizes isso.

Por favor, pede.

Nem sequer o sentes.

## *Lição 121*

*os pés devem manter-se quentes e secos*

À uma da manhã, ou por volta dessa hora, ele está no sofá do hotel e tu sentada numa cadeira à sua frente com os pés descalços cruzados em cima do peito dele e as plantas dos teus pés conseguem sentir-lhe o coração, o seu ritmo, e ele baixa a cabeça e olha para cima, os olhos raiados de sangue, e é então que começa a sinceridade total.

Acho que não consigo continuar com isto, diz ele. Acho que não devíamos tornar a ver-nos. É uma espécie de doença que me remói as entranhas, diz ele, porque é tão bom; mas agora estás grávida e isso é sagrado para mim; eu sei, eu sei, diz ele, apesar do que fiz. Mas tenho de andar com a minha vida para a frente. Mudaste-me por completo, foste crucial para mim e nunca o hei-de esquecer. Mas agora tenho de cuidar da *minha* vida. O trabalho está finalmente a avançar, já tenho um produtor interessado, o guião começa a ir bem, e depois tu interrompes e suturas todo o seu discurso; só precisavas de vê-lo, é só, uma última vez, e a tua voz é demasiado rápida e ligeira, é desejo de falar primeiro e enquanto falas consegues ler-lhe o coração acelerado através das plantas dos teus pés. É uma tortura, é uma tortura, tudo isto; ele não devia afastar-se nesta altura. A tua voz repete-se, treme e esmorece: uma última vez, é só isso, dizes-lhe, vais voltar para a tua vida de Londres depois disto, nunca mais se verão um ao outro, a partir deste ponto qualquer esquema entre vocês chega ao fim, acabou-se, acabou-se, ponto final.

A grande serenidade, a anestesia do choque quando tudo abrandava, até o teu coração. O choque perante a rejeição dele e de tu lhe dizeres que não há retorno possível.

Ficam ambos calados. O teu pé mantém-se comprimido contra o coração dele. É como se vocês os dois estivessem à espera que algo grandioso fosse dito, mas nenhum tem a vontade, ou a coragem, de lhe dar voz.

Estão ambos quietos, tão silenciosos. Ouve o trânsito lá fora, o gemido de uma sirene. E depois, muito baixinho, ele ri-se: bom, nesse caso, acho que a seguir vou experimentar uma miúda chinesa.

É atordoante; esse momento. Sorris perante as palavras dele, é um reflexo involuntário, como quando ouves dizer que alguém morreu. Portanto, uma miúda chinesa a seguir, como um chocolate diferente da mesma caixa de bombons? Fechas os olhos: não digas isso, por favor, pensas, por favor não sejas como todos os outros homens. Não te ensinei a seres melhor do que isto? As suas palavras mudam completamente o que sabes dele.

Tiras o pé de cima do peito dele. Porque, nesse instante, abriu-se toda uma outra possibilidade.

Que ele tenha planeado isto desde o início.

Como se libertar da sua virgindade.

O objectivo: encontrar, num café, a dona-de-casa suburbana e sossegada. Uma mulher que não fosse suficientemente bonita ou arrogante ou segura para lhe dificultar a vida, de quem ele não tivesse medo, que, depois, pudesse ser facilmente apagada. Que nunca contaria a ninguém. E que nunca faria troça. Mas tudo se tornou mais intenso e ele não contava com isso; a sua dona-de-casa discreta devia ser descartável, era esse o plano à partida.

Para ele poder avançar para o que realmente queria.

O Gabriel começa a beijar-te e tu detém-no, afasta-lo do teu pescoço, dizes-lhe que é demasiado íntimo, não lhe dizes que vai doer demasiado. Portanto, alguém sentada sozinha num café que não fosse demasiado bonita, porque os homens se sentem mais à vontade com a imperfeição e a fraqueza, é menos ameaçador, claro. Ele não consegue ver-te os olhos, o ardor das lágrimas que sabes que não estancarão se as deixares correr, não queres dar-lhe esse prazer.

Quando entras para o elevador, ouve-lo chamar-te, espera, volta, estava só a brincar contigo, mas tu não te viras, o elevador fecha-se, ele bate na porta, bate para que pare.

Mas tu já te foste embora.

A cair pelo edifício abaixo, abaixo, abaixo, a tua cabeça encostada à carpete da parede, os teus olhos fechados com a anestesia do choque; tudo abrandar, até o teu coração.

## *Lição 122*

*as meninas deviam, por norma, recusar-se a emprestar*

A tristeza, brilhante como marfim, enquanto percorres as ruas esfarrapadas, fedorentas, na manhã seguinte à *fiesta*.

Ele será um belo amante. Foste uma boa professora, sempre o foste. E aprendeste tanto quanto ensinaste, e sempre te restará isso. Se ousares regressar a essa fase.

Terás ciúmes, devastadores, de qualquer relação que ele venha a ter. Será melhor nunca vires a saber.

Nunca deixarás de o desejar.

No teu quarto de hotel deitas-te de barriga para cima na cama estreita e afundada. Não te devias deitar assim neste estado tão avançado de gravidez, comprime uma artéria, a parteira avisou-te, mas na madrugada desta manhã não te importas, não desta vez, precisas de um pouco de prazer só teu. Espreguiças-te e o bebé contorce-se e dança dentro de ti, as mãos e pernas entrelaçam-se em ti como massa de pão.

Esta viagem não devia ter magoado tanto.

Enroscas-te de lado. Sentes Deus envolver-te com os braços e dizer-te navega, navega, avança.

Apanhas o primeiro voo para Londres.

## *Lição 123*

*o coração torna-se mais forte e maior com o esforço acrescido que lhe é imposto*

Em casa.

Abres a porta para uma estranha euforia. Atiras as roupas para o chão e esfregas-te, limpas-te, e tornas o espaço inteiramente teu. Entrando a passos largos, finalmente, na solidão. Sentes que parte do teu corpo te foi arrancada, como se te tivessem rasgado um pedaço de carne. Mas sentes-te poderosa, também, porque és livre, depois de tanto tempo; o grande fardo da incerteza, da culpa, desapareceu.

Mas depois vem a raiva.

Por todas as vezes no passado em que disseste amo-te e te sentiste despida. Por todas as vezes que eles nunca te ligaram. Por todas as paixões que se evaporaram, sombriamente, em casos de uma noite desenfreada. Por todas as vezes que eles te afogaram. Sugaram a tua energia. A tua autoconfiança. Te deixaram pendurada. Te abandonaram. Quiseram uma miúda chinesa a seguir.

A fúria cospe e faísca enquanto limpas os armários da cozinha e aspiras todos os recantos. A Martha aparece em tua casa: é o instinto materno ao rubro, ri-se ela, afastando-se.

Olha que não, é outra coisa.



## *Lição 124*

*há que preparar as roupas do bebé e tratar de outras questões domésticas*

Estás atarefada à frente do computador porque agora tem de ser. O bebé dá-te um murro com o punho e tu soltas um grito sentada à secretária. Parece que vai romper-te a pele, está tão esticada. Antes, parecia tão aconchegado lá dentro, como se nada o afectasse. Agora, à tua mesa, olhas para baixo e vês um alto protuberante à esquerda do teu umbigo, uma cabecinha; suavemente, empurra-la para trás.

O Cole volta daí a um dia. A voz profissional informou-te da chegada.

Tens de trabalhar. Tens de arranjar outra coisa na tua vida. Estás sentada à tua secretária porque não sabes o que está para lá da data do nascimento do bebé ou quando voltarás a estar sentada à tua mesa. És disciplinada, enérgica, não estás dispersa e cansada e a adiar como costumavas fazer. As palavras precipitam-se e atropelam-se para sair. O trabalho substitui a dor, empurra-a para fora de ti. Estás calma e forte quando trabalhas, sentes-te acesa. Estar à tua secretária é um antídoto, um bálsamo, porque significa ter uma voz, significa dizer e fazer exactamente o que queres.

Há tantas coisas, também, a preparar para o nascimento. Apreendeste o conceito de enxoval do bebé pela primeira vez na vida e pelos vistos precisas de um. Compras os artigos grandes, agora, a cadeirinha, a alcofa, a banheira, e lavas roupas de bebé com detergente que nem sabias que existia. E estás sempre a colocar a mão por baixo da tua barriga, amparando o teu filho para que serene.

Espanta-te a clareza e determinação com que estás a entrar nesta última fase da gravidez. E o arrebatamento da perda que a acompanha é

solene, erótico e selvagem, como nunca sentiste antes. A perda do Gabriel, de tudo o que ele representava.

Sentes que estás a ser rebocada para outro reino; sentes, finalmente, que és dona da tua própria vida.

A tua mãe telefona, pergunta-te como estás, tem telefonado muito, ultimamente. Quer saber quando é que o Cole regressa. Dizes-lhe dentro de um dia; não lhe dizes que não fazes ideia do que te espera. Perguntas-lhe se ela quer vir para tua casa durante uns tempos, para estar presente quando o bebé nascer. Não, diz ela. Ah, respondes, porquê? Porque esta fase é especial para ti e para o Cole, diz-te ela: o nascimento do primeiro filho é um acontecimento mágico e milagroso em qualquer relação, e uma sogra não se deve intrometer.

Eu sei, porque nunca o tive. Mas vi isso acontecer à minha volta com frequência.

Oh mãe. Tenho muita pena.

O teu coração abre fendas. Porque, agora, com a maternidade às portas da tua vida, comesças, finalmente, a compreender uma fracção da vida da tua própria mãe.

## *Lição 125*

### *desperdiçar é pecado*

O Cole volta esta noite. Anseias por telefonar à Theo, não sabes bem porquê, logo hoje. Desligas ao segundo toque, queres falar mas não falas: a amizade dela era tão exigente e com um bebé vais ter de ser mais rigorosa com o teu tempo. E há demasiados meses de silêncio para explicar, demasiadas perguntas para fazer. Sabes que se lhe abrires a porta uma nesgazinha, ela entrará de rompante, esmagadora. Não poderás voltar aos encontros para tomar café decididos num ápice, não obedecerás quando ela te ordena *atende, atende* no atendedor de chamadas, não terás tempo para longas conversas pela noite dentro; é tudo tão cansativo, ficas exausta só de pensar nela. E ela está a tentar engravidar e não queres competir por causa da maternidade: já percebeste é que mais um campo de rivalidade para as mulheres. Não gostarias de ouvir a Theo comparar qual dos bebés dorme melhor, tem mais cabelo, sorri mais.

Não a queres, aliás, presente na vida do teu filho, seja de que maneira for.

Música, a tua música, muito alto. Embrulhas-te no teu roupão de seda chinesa que é demasiado vistoso e frágil para se usar, mas hoje não te importas. Serves-te de um cálice de vinho tinto. É o teu primeiro desde há tanto tempo e cai-te tão bem, tão suave.

A solidão reluzente.

A chave na porta, como nos velhos tempos, quando o Cole voltava do trabalho. A pancada seca dos sacos pousados no corredor. Ele não entra. É como se cada um de vocês quisesse ouvir o outro, primeiro, para avaliar o tom.

Ele fica muito quieto na entrada; o teu coração aos saltos.

Foste para a cama com ele; é só o que ele pergunta.

Não.

A mentira sai-te facilmente; olhas para ele em cheio nos olhos, a boa actriz, a boa esposa, preparaste-te para isto. A relação não sobreviverá à brutalidade da sinceridade total, sabes disso.

Ele dirige-se para ti, a cabeça caída para o lado. Sua tola, diz ele, sua tola, tola.

O alívio.

Sorris, como um chapéu-de-chuva virado do avesso.

É mais forte do que tu. E não consegues falar, por causa da bondade na voz dele; despedaça-te o coração.

## *Lição 126*

*o pó deve ser removido e não apenas deslocado para outro lugar*

Nessa noite, o Cole abraça-te com tanta força, encosta-te à parede como se estivesse a agarrar-se a uma tábua de salvação num vasto oceano desconhecido. O corpo dele é-te profundamente familiar, há toda a uma carga de experiência por detrás desse abraço. Pensas nesse amor que corre tão profundo e forte como um rio subterrâneo. O que existe entre ti e o Cole é tão complexo, mutável, vivo; o amor ondula e flui, jorrou do nada, um lugar estéril, e por vezes, em momentos sombrios, parece retirar-se para esse espaço vazio.

Mas depois volta. Maior. Mais rápido.

Viras-te de frente para o teu marido, beija-lo suavemente, inquiridamente, na boca e ele sorri e faz um aceno de cabeça distraído no sono. O bebé está acordado por baixo da tua pele. Colocas a palma larga do Cole na tua barriga e ele sossega, como se o bebé estivesse a escutar a pele dele, recordando o seu toque.

Nessa noite, a imagem do Gabriel esvai-se, como um peixe que se soltou do anzol.

O Cole acorda cedo, ao raiar do dia. Já estás desperta, de barriga para cima.

O que é que aconteceu realmente com a Theo, perguntas no ar limpo da manhã. Talvez, agora, ele fale, com esta nova limpeza entre vocês. Ele fala. É muito simples e estúpido, diz ele. Não sei por que é que não te

contei antes. Vira-se para ti. Ela percebeu que nós andávamos com problemas, por isso ligou-me e ofereceu-se para me contar os truques e segredos para preservar uma esposa.

Estou a ver, sorris, arqueias as sobrancelhas. E quais são?

Ele brinca com o colar de prata ao teu pescoço, sempre gostou de o fazer. Oh, tu sabes, ri-se, aquela velha história das flores uma vez por semana, e ouvir o que queres, e dar-te espaço.

Pois.

E sexo oral, solta uma gargalhada, ela pôs muito ênfase nisso. Disse que tu não tinhas jeito nenhum para dizer o que querias. Detém-se, fala com mais cuidado. Tornámo-nos amigos. Tomávamos um copo de vez em quando, depois do trabalho. Gosto dela. E foi só isso.

Sorri, fita-te em cheio nos olhos. Um silêncio intenso. A tua boca está seca. Apoias a cara nas mãos, ris-te. Portanto, o teu marido não te conseguia dizer que andou a ter aulas, com a tua melhor amiga, sobre a arte de preservar uma esposa. E tu escolheste acreditar nele. Finalmente. Finalmente é claro: primeiro vem a escolha, depois segue-se a crença, docilmente guiada como um cão de caça com trela.

Então e o que é que a Theo realmente quer, perguntas. Nunca percebi isso.

Bom, ela está doida para ter um filho, já sabes disso. Anda a tentar há dezoito meses. Fertilização *in vitro*, tudo, mas nada deu resultado até agora.

O teu coração torna-se solidário com ela; tens de ligar-lhe.

Mas não o fazes.

## *Lição 127*

*a crueldade castiga-se a si própria, como é devido*

Dois dias depois, uma carta. Em papel grosso, creme, tão convidativo para a mão. Os teus dedos deslizam destros como um lagarto sobre as pancadas surdas das letras.

*Sou eu, novamente. Pela última vez. Por favor não pares de ler. Por favor escuta-me e eu prometo que nunca mais tornarei a escrever. Nunca mais te procurarei, se for essa a tua vontade. Portanto, vais ter um bebé. És tão, tão afortunada. O Cole também. Que bonita família vocês vão fazer. O meu coração dói sempre que penso em vocês os três e na vossa felicidade. Julgo que um filho completa as nossas vidas. Demorei muito tempo a perceber isso, que uma vida sem filhos é uma vida à deriva.*

A tua mão esfrega o teu ventre e descansa numa suave protuberância, o rabinho do teu bebé, a parteira explicou-te que era isso.

*Portanto, fui eu quem te escreveu as cartas. Não me pareceu uma loucura tão grande, na altura. Foi uma maneira de chegar a ti, a única maneira, e tu eras tão difícil de alcançar. Foi uma maneira de te surpreender; pela positiva, esperava eu. Imaginava-te a lê-las e a pensar que pudessem ser de uma série*

*de pessoas: o tipo com quem dormiste quando tinhas vinte e quatro anos e que nunca mais viste, mas sempre te perguntaste como estaria, ou o tipo com quem nunca dormiste, mas com quem sempre o quiseste fazer. O homem que seria perfeito para ti, mas em relação ao qual nunca fizeste nada. Queria enfeitiçar-te de alguma maneira, adoro fazer coisas dessas. Tu sabes.*

*Há outro motivo para eu ter escrito as cartas e é esta a parte mais difícil de contar. Talvez não to devesse dizer, sempre fiz questão de não o fazer, mas sinto que precisas de saber. Eu queria que o Cole as descobrisse. Queria que ele duvidasse de ti, porque ele nunca duvida de ti. És tão boa pessoa. Ele disse-me, mais de uma vez, que nunca te deixará. Devias saber isto. Aceitei-o, agora. Estou assombrada pela devoção que ele tem por ti e pelo amor que vocês partilhavam.*

Como se o punho de um gigante te estivesse a apertar o coração, como se estivesse a retorcê-lo, como se estivesse a espremer o sangue todo.

*Só queria que soubesses que lamento, lamento tantas coisas. Foste uma amiga tão boa para mim e eu não sei por que é que acho que tenho o direito de ser mais cruel precisamente com quem me trata melhor, e com quem mais amo. Não sou boa pessoa, em muitos sentidos. Por vezes, faço coisas horrivelmente egoístas. É mais forte do que eu. Haverá quem não as faça? Tu, talvez, e olha o que eu te fiz. Não consigo imaginar que alguma vez compreendas o que aconteceu. Só tinha de te dizer isto, e estas cartas malucas pareciam a única maneira de chegar até ti. O Cole diz-me que ainda o interrogas, que não consegues esquecer. Ele nunca te contará. Não me parece saudável que não saibas. Lamento, e adoro-te. É só o que te queria dizer.*



Vens à tona e sorves o ar em grandes golfadas, rompes para o ar e para a luz.

Depois de teres estado submersa durante tanto tempo, em profundidades tão esmagadoras.

Deitas-te na cama, de lado, durante muito tempo, durante um dia inteiro, até a luz esmorecer e estancar. Qual é o objectivo ao enviar-te isto agora? Estará a Theo a capitular? Quererá que tu capitules? Sentirá, finalmente, que perdeu a batalha? Estará a retirar-se de uma maneira graciosa ou a começar uma campanha mais insidiosa?

*...o amor que vocês partilhavam... O Cole diz-me que ainda o interrogas...*

Ela é boa, muito boa, sempre ganhou todas as suas batalhas.

O bebé dentro de ti muda de posição, como se protestasse contra o fervilhar do teu sangue. Conheces todas as histórias de vingança: as cabeças de camarão cosidas em bairras de cortinados e o retalhar dos fatos do marido e o ligar para linhas cobradas a preços exorbitantes por minuto e deixar o telefone fora do descanso. Ah não, tu quererias uma vingança bem mais grandiosa do que qualquer uma dessas, algo que os assombrasse para sempre, que os marcasse para o resto das suas vidas.

Mas, uma vez mais, talvez perseverando signifique que saíste mais vencedora.

Ela quer que confrontes o Cole, pressentes isso. Descobrir qual é a posição dele, trazer tudo a lume. Nunca lhe darás nada que ela queira. Ela

nunca desconfiou que fosses capaz de surpreender, foi isso que a carta dela te disse.

## *Lição 128*

### *orgulhe-se de não ter dívidas*

O Cole volta para casa por volta das dez e ainda estás enroscada na cama. Ignora-lo quando ele entra no quarto, não viras a cabeça, não consegues falar, o teu coração está cheio até cima.

Ele despe a camisa do trabalho e atira-ta, a brincar. Aterra-te na cabeça.

Olá, diz ele.

Não dizes nada. Tiras a camisa dele de cima de ti.

Ele não saberá o que tu sabes sobre ele; agora não é o momento certo.

Talvez nunca venha a ser o momento certo.

## *Lição 129*

*temos um instinto maternal forte dentro de nós*

A parteira diz-te que a cabeça do bebé está virada para baixo e pronta para sair. Lês na *Vogue* que um menino faz a mãe parecer mais masculina por causa de todas as novas hormonas que invadem o corpo dela e, no entanto, lês que uma menina rouba a beleza da mãe. Poderá ser verdade? Preso por ter cão e preso por não ter. Estás cansada. O hospital receitou-te um suplemento de ferro para reforçar a tua energia e as tuas fezes estão duras e pretas como tinta. Sentes-te velha, o bebé está a sugar-te, tens câibras insistentes nas pernas durante a noite, candidíase com ataques furiosos de comichão e demasiados gases. Queixas-te muito. O Cole ri-se e manda-te relaxar ou o bebé nascerá arisco como um boneco de latão.

Não consigo, dizes-lhe, não fazes ideia do que isto é.

Ele é tão constante, tão confiante nestas últimas semanas e outrora terias pensado que isso queria dizer que ele não era inquieto nem corrompido como tu, e sim descomplicado, aberto, limpo. Outrora.

Será possível ficares ainda maior do que isto?

O bebé empurra e espeta-te os punhos e tu consegues sentir, intensamente agora, o desejo de sair. Estás a tentar escrever o máximo que podes, no pouco tempo que te resta, só teu. Os teus dedos voam sobre o teclado quando o Cole não está em casa. O bebé ainda se contorce quando trabalhas, urgindo-te: chiu, sussurras, já falta pouco. O saco com as tuas coisas está pronto. O bebé já está em posição, de cabeça para baixo, com a

coluna obedientemente para a esquerda, preparando-se para sair. Consegues pressenti-lo, em breve, e fazes o ninho como uma loba a retirar-se para as montanhas.

Dormes dezasseis horas por dia agora, é mais forte do que tu, não consegues vencer a necessidade do teu corpo. A casa está imaculada, todas as roupas novas foram lavadas. Sentes a chegada iminente de uma mudança avassaladora, como o granizo de uma tempestade espalhado pelo vento. Tens de livrar-te do caos, viver mais frugalmente, agora, e mais honestamente, mais em sintonia com o que queres; não terás tempo para mais nada. E por entre tudo isso arde algo profundamente físico, um desejo velho, selvagem e uivante, algo enterrado durante muitos anos, agora libertado. Sentes-te como um animal, puramente animal. Rendes-te a essa sensação.

## *Lição 130*

*nos três meses posteriores ao parto, o casal deverá fazer vidas em separado*

É o dia que a ecografia apontou como a data mais provável para o parto.

Mas o bebé não quer sair, não está pronto. Arranjou uma posição confortável lá dentro, com o calcanhar apoiado na tua costela, e recusa-se a mexer. Sentes o teu corpo a dizer espera, descansa, ganha mais forças.

À noite, uma ondulação na tua barriga, abaixo do umbigo, como uma onda de trovões no deserto, que acaba por não se materializar.

Durante uma semana, nada.

Apenas as ocasionais contracções de Braxton Hicks, as matreiras, fingidas. São como um rolo a deslizar em massa irregular, esmagando-te e esmorecendo. O Cole está impaciente, agora, leva a boca à tua barriga e tenta convencer o bebé a sair. Tentas de tudo: champanhe, beliscões nos mamilos, ananás, caril, chá de folha de framboesa, tudo menos sexo. Não estás pronta para isso.

Ou para engolir o esperma dele. Ouviste dizer que resulta. Não se te ocorre nada pior e é uma das coisas de que ele mais gosta. Nunca mais queres fazer isso por ele.

O Gabriel nunca esperou que o fizesses, nunca pediu.

## *Lição 131*

*a paciente deve deixar-se ficar submissamente de costas, sujeita ao suplício de uma ligadura mais apertada e de outros remédios que a enfermeira ou o médico possam sugerir. a paciente deve fazer força num lençol atado à cabeceira da cama*

Acordas às três da manhã com a sensação de teres uma nuvenzinha cinzenta a vaguear pelo teu ventre. Como se um gigante — ou Deus — estivesse a apertar-te a barriga.

Limas as unhas, porque ouviste dizer que as vais enterrar com tanta força na pele do Cole, que vais fazer sangue. Tomas um duche, lavas o cabelo; sabe Deus quando tornará a ser lavado. Vês a CNN, ligas à tua mãe. E algures nesse frenesim dás por ti no banho que o Cole te preparou e ele está no quarto do bebé a passar a camisa a ferro, porque não sabe que mais fazer e nunca te ouviu dizer *foda-se*, meu Deus, *foda-se* e de uma maneira tão pujante e depois gritas para ele ligar para o hospital, por favor, para te levar. O Cole mete as coisas no carro e ajuda-te a entrar e tu amarfanhas as tuas roupas, tentando desfazê-las com as garras, não sabes porquê, algum instinto de fera dentro de ti; não ter nada sobre o corpo, nem sequer um relógio, e num semáforo agarras-te à mão do Cole como nunca antes o fizeste, agarras-te aos ossos. Tens contracções como se búfalos selvagens te dessem coices, meu Deus deixa o bebé nascer, nascer.

Cinco horas depois do primeiro estertor na tua barriga, dez minutos depois das águas terem rebentado, o bebé sai como um peixe atirado num jorro de água para o cais. Deste à luz de gatas, só com os gases e o ar para te ajudarem, e o Cole e a parteira no quarto. Um parto exemplar, diz a

parteira depois. Um parto fácil, ri-se a tua mãe ao telefone. Dizes-lhe que nenhum trabalho de parto é fácil, que houve um momento em que sentiste que te estavas a partir ao meio, que houve uma altura em que disseste para ti própria, muito calmamente, que *nunca* mais tornarás a passar por isto.

Não sabias que se defeca durante o parto.

Não sabias que há sempre muito sangue.

Não sabias que horas depois do parto a tua barriga parece um bolo saído das mãos de uma criança, todo afundado e mole no meio.

Não sabias que o amor era assim.



## *Lição 132*

*no instante em que qualquer parte de um corpo vivo pára de mudar, morre*

O Cole está numa cadeira ao lado da cama onde deste à luz. Está sentado com o corpo todo curvado sobre o seu filho berrão, como se para o proteger do brilho das luzes de hospital e da parteira, enquanto ela te cose a vagina. O rosto do Cole está exausto, encarnado, cru, está molhado por grandes riscas com uma lágrima pendurada na ponta do nariz.

Todo ele é espanto e amor e choque diante da mãozinha como a de um extra-terrestre que se estica da manta e agarra no polegar dele e o aperta com força. Como se este fosse o momento supremo da vida dele, como se tu já pouco importasses.

É tão estranha e soturna, essa ideia. Debruças-te e acaricias o teu marido, uma vez, na clareira por detrás da orelha, como que a pedir desculpa. Ele sorri, não levanta os olhos, beija a unha do filho; é do tamanho da cabeça de um dos pregos da caixa de ferramentas dele.

### *Lição 133*

*todos têm de viajar, nem que seja pela vida, se não forem para fora*

A pele do teu filho é o teu novo terreno, anseias por ela quando estás separada dele, queres inspirá-la como o céu do deserto durante um Inverno inglês, mas a necessidade é pior, muito pior.

E libertou-te, por agora, de um tipo de necessidade mais espinhoso. Chama-se Jack.

A cara dele está a revelar-se. As orelhas são como duas rosinhas es-palmadas. O cabelo, alisado, é a espiral de uma concha; despenteado, um lago ondulado. As pequenas unhas são macias e irregulares até as pelares, as mãos, inquietas durante o sono. Os olhos são profundos e vazios e escuros e parecem não ter fim. Será que ele te vê? Não sabes. Vê a tua voz, tens a certeza disso, e o teu cheiro e o teu mamilo, ah, isso sim. Estás ex-austa. Hipnotizada. Ele preenche todos os recantos da tua vida.

Quando a tua mãe visita o hospital, pega nele constrangida, como se fosse de porcelana; com medo da fragilidade dele. Que estranho, pensas: ela já passou por isto. Talvez tenha perdido o treino? Talvez não queira que o Jack chore?

Quando é que toma conta da criança por nós, vovó, brinca o Cole.

Talvez daqui a um ano ou dois, ri-se ela, com uma ligeira agressividade.

Talvez seja essa a chave: ela não se sentirá à vontade com o Jack enquanto ele não deixar de ser um bebé e se tornar uma pessoa, vais ter de esperar um ano ou mais. Ou talvez queira que tu assentes bem os pés na terra em relação a isto, dar-te espaço. Não insistirás. Ao observá-la, percebes que não tens o direito de esperar que ela se envolva muito. Por mais que o desejasses.

## *Lição 134*

*o azar recai sobre algumas pessoas suscitado pela má conduta de outras*

A Martha visita-te no hospital. O Jack chora quando ela lhe pega e tu dizes para ela pôr o dedo mindinho na boca dele. Ele cala-se.

Uau, diz ela.

A princesa Diana costumava fazer isso. Tudo o que sei sobre maternidade aprendi com a televisão.

Riem-se ambas.

A tua mãe não está a dar-te uma ajuda, pergunta ela.

Não, nem por isso. Não me parece que queira, não sei porquê.

Talvez tenha medo de ser apanhada em falta.

O que é que queres dizer?

Bom, ela sempre fez tudo tão bem na vida. A última vez que cuidou de um bebé foi há uma eternidade e suponho que as coisas tenham mudado imenso desde então. Talvez ela não queira que tu vejas que ela já não sabe muito bem o que fazer.

Lembras-te dela a pegar no Jack à sua maneira enferrujada e constrangida, não querendo que ele chore. A tua pobre, querida, impenetrável mãe, que odeia sempre ter de admitir que há determinadas coisas que não consegue fazer. Talvez, talvez a Martha tenha razão.

Ela pergunta, quando vai a sair, se já sabes das novidades do Gabriel. O teu estômago contorce-se; graças a Deus que o Cole não está por perto para ouvir a menção daquele nome. Como é que ela soube dele, não

consegues perguntar, porque vais corar, não queres saber de um casamento, de uma mulher.

Ele tornou a aparecer na biblioteca, diz a Martha. Estava completamente mudado. O cabelo curto. Uma camisa nova toda engomada. Sapatos novos. Parecia, não sei, *digno*, respeitável. E depois a Martha aproxima-se, fala baixinho, distintamente: ele disse-me que esteve em Espanha. Ela abranda. Disse-me que esteve a tentar superar uma separação completamente avassaladora. Pela maneira como falou, parecia que era o amor da vida dele.

A tua respiração fica-te presa na garganta.

Consegues imaginar? Já viste que surpresa? Ele não me disse mais nada. Mas, depois, e esta parte é que teve graça, disse-me que eu tinha de o ajudar a arranjar uma namorada. Disse que era o seu novo objectivo.

Não consegues falar.

Deixa-me que te diga que só me apeteceu dizer logo, eu, Gabriel, eu, eu deixo o Pat, faço o que tu quiseses, ri-se a Martha.

Murmuras, hum.

## *Lição 135*

*não nos esqueçamos de que, ajudando os outros a buscar a felicidade, encontramos nós próprios a nossa*

Ouve-la antes de a veres, reconheces automaticamente o matraquear dos seus saltos no linóleo. A determinação neles, a energia de alguém que nunca está tranquilo. Depois o conhecido fato preto desce o corredor do hospital. E a cara, conhece-la tão bem, cada nuance, conhece-la melhor do que a do Cole ou da tua mãe. É claro que a receberás agora, mudaste. Sentes-te poderosa, mais poderosa do que nunca. Como uma pessoa a sério, agora, mais rica, mais profunda, cheia de sumo.

Olá, desaparecida, dizes tu, adiantando-te.

Olá. Ela está desconfiada, um dos cantos da boca levantado, o outro descaído. Não sabes por que veio, talvez seja por curiosidade, mas o que quer que ela te atire para as mãos, estarás pronta para o receber, ela não te pode tocar agora, vê-se no teu sorriso. Traz uma garrafa de champanhe e um *babygrow* demasiado grande, com demasiados fechos.

Examinam ambas a sua complexidade: entendo tanto destas coisas quanto tu, ris-te.

Deus te valha.

Os dedos dela são inexperientes quando pegam no bebé, ela apressa-se a pousá-lo. Senta-se na beira da cama e tu passas-lhe dois copos e salta a rolha do champanhe. Sentam-se sem palavras durante um bocado, a olhar para o rosto uma da outra. Há demasiado para dizer portanto nada é dito, sentam-se de cara aberta, a ler as mudanças em ambas as vossas vidas. Nada pode descrever a complexidade da relação que partilharam, e não

partilharam. E por onde começar, agora. O teu filho está ao teu lado, a dormir, consegues sentir o calor do corpo dele. Os braços abertos, todo ele entrega, todo ele confiança.

Que tal a amamentação, pergunta ela.

Está a correr bem. Sem problemas, para já.

Ainda bem. Tive uma cliente que só conseguiu amamentar durante três semanas, porque sempre que a boca do bebé lhe tocava no mamilo ela tinha um orgasmo. Disse que foi maravilhoso no primeiro dia, mas completamente cansativo depois disso.

Riem-se. É bom, de certa forma, ter a Theo de volta.

Tens tanta sorte, diz ela.

Eu sei e depois mais baixinho, eu sei. Detectas na cara dela uma súbita pontada de dor como uma nuvem errante a deslizar à frente do sol, mas depois desaparece; esticas a mão para ela. Ela afasta a sua.

Não suportava pensar em ti, quando soube que estavas grávida. Nunca pensei que me afectasse tanto. É que... e ela detém-se, baixa os olhos para o Jack. Eu dava tudo só para ter uma coisinha destas.

Nem consigo imaginar o que tu deves ter passado.

Pois.

Ai Diz.

Nada resultou. Disseram-me para desistir. Ela está à beira das lágrimas, está a contê-las. Inclinas-te para a frente e abraça-la, ela desmorona. Então, dizes vezes sem conta, então. Não era para ser assim, o vosso reencontro. Abraça-la até ela parar de soluçar. Ela enxuga as lágrimas com as costas da mão; o rímel fica esborratado em riscas pretas.

Desculpa, diz-te ela.

Não consegues dizer nada. Limitas-te a acenar com a cabeça, não vais chorar, não lhe darás essa satisfação.

Devíamos marcar um encontro um dia destes, diz ela. Quando voltares para casa. Quero... ser uma amiga melhor para ti.

Sim, um dia destes.

Sem teres a certeza de quando voltarás a vê-la, sem teres a certeza de que o queres fazer, agora, com a tua nova vida.

O Cole diz que vocês ainda se vêem de vez em quando para tomar um copo, dizes, incitando uma resposta: perguntando se também isso não será mais uma mentira engenhosa.

Prometo que não vou para a cama com ele, está bem, irrita-se ela, a raiva a flamejar-lhe nas faces, e torna a olhar para o Jack. Nada te diz. Viras a cara para o tecto, sorris: já não importa, ela não te pode tocar, não te consegue irritar. Estás a viver, agora, uma vida tão mais vasta. E nesse momento em que ergues a cara para o tecto de olhos fechados, toda a incerteza que tens dentro de ti desde a carta da Theo — sobre o que farás, sobre como proceder daqui em diante — rompe-se finalmente e a decisão cai sobre ti como uma chuva miudinha. E a Theo nem percebe. Baixas a cabeça, sorris-lhe serenamente.

O teu filho está ao teu lado; a cunha quente e firme do corpo dele, e ela nunca há-de ter isso. Finalmente, finalmente, há uma coisa que tu tens que ela não terá.



## *Lição 136*

*a jovem mãe acaba de receber a coroa da condição feminina e, na contemplação e educação do seu filho, sente que ela própria renasce para um mundo de deleites*

Escreves em ímpetos de vinte minutos, uma vez ao dia, duas se tens sorte. O Jack não te permite mais do que isso. Sentas-te à tua secretária naquele momento maravilhosamente claro, brilhante e curioso da manhã, em que o dia dele ainda não foi corrompido por mudanças de fralda e gases e sono a menos.

Seis semanas depois do parto, as flores ainda enchem a casa, desabotoando-se e soltando pétalas. As divisões têm o brilho suave e novo dos recém-casados. Ainda sangras, quase nada. Os teus genitais ainda cheiram a carne e pele. O músculo da tua barriga está dividido, ainda o atravessa uma linha de pigmentação. Os teus peitos insuflaram-se e descaíram e estão marmoreados de veias azuis como rios assinalados num mapa e quando vais à casa de banho ainda te sentes desconjuntada e solta, e é um tormento quando a urina cai na ferida, todo o teu corpo se retrai de choque. Estás com obstipação, das graves. O músculo rasgou na parte de trás da tua vagina e disseram-te que quando sarar deixará uma cicatriz dura e que mais tarde talvez fiques incontinente. Nada disso importa.

Tanto amor.

O êxtase, o êxtase desse amor.

Ele infiltrou-se nos teus dedos, unhas, roupas, lençóis, cabelos. Nunca conheceste outro corpo tão intimamente. O cheiro do seu hálito leitoso, as palmas das mãos, as pregas de talco das suas virilhas. Tens ciúmes do sono

dele, porque o afasta de ti. O Cole oferece-se para lhe dar o biberão de vez em quando, para tu descansares, e o Jack mama o teu leite extraído, frenético como um vitelo na teta da mãe. Dormes ao lado do teu filho, tão juntinho como se fosse um amante, o teu braço à volta dele, cara a cara, e os teus mamilos pingam leite aguado, branco azulado. Às vezes pensas que ele é um súcubo, que tu não passas de uma máquina de alimentação e retrais-te da voracidade dele. Mas depois ele sorri e o amor que sentes é novamente selvagem, desenfreado, maior do que tu. A Germaine Greer, coitada, estava enganada: este não é um declínio catastrófico na tua qualidade de vida, é a vida tornada luminosa.

Encontraste uma espécie de paz junto dele, especialmente quando estás a amamentar. Libertaste-te de tudo o que é alheio a ele porque, simplesmente, já não tens tempo. Perdes-te a contemplar dias inteiros de ouro na presença dele. Sabes, agora, por que é que um homem vem a casa à hora do almoço por causa do filho. A cabecinha do Jack cheira a costa salgada, a poças de água nas rochas da maré baixa, e quando lhe pegas e o cheiras, estás subitamente de regresso às férias de Verão de há muito tempo, ao céu e ao mar e ao sal e à areia. O cheiro não-erótico mais poderoso de todos, sem dúvida. Senteste-te drogada por este assombroso mundinho, esta lua-de-mel com o teu bebé, em que nada, por agora, consegue penetrar.

## *Lição 137*

*todos os dias trazem novos deleites perante o consciente fortalecimento do corpo e desenvolvimento da mente*

Uma pizaria barata ao virar da esquina de tua casa. O Cole está sentado à tua frente e o Jack a dormir no seu carrinho ao teu lado, encostado ao banco. O Cole endireita-lhe o chapeuzinho. Aprecias o teu marido por motivos diferentes, agora; por mudar as fraldas sem se queixar, secar o filho com tanto cuidado depois do banho, pegar-lhe ao colo até ele serenar.

Só Deus sabe quando tornarás a fazer amor com o Cole, o desejo mirrou na tua vida com a mesma rapidez com que se revelou e não sabes quando, se é que algum dia, voltará. Não sentes tristeza, é apenas um facto. Nesta altura não consegues suportar o desejo sexual e a maternidade ao mesmo tempo. As tuas fantasias desapareceram por completo. Tens saudades delas mas, de repente, não és capaz de as evocar do pé para a mão. Tens a certeza de que, um dia, voltarão; oxalá.

O Jack acorda e espreguiça-se todo como um cachorrinho, os braços por cima da cabeça e os punhos fechados. Estás avassalada pelo amor esmagador que o rodeia. É feroz, a onda de alegria, a ternura da família e amigos e desconhecidos que rodeiam o recém-nascido. Que Deus abençoe o bebé, diz um empregado no restaurante quando vocês se vão embora e o teu coração transborda. Sorris enquanto desces a rua, irrompe de dentro de ti, não consegues conter-te.

## *Lição 138, a última*

### *dar banho lavar mudar as roupinhas*

O Gabriel, na rua.

Estás a empurrar a cadeirinha ao lado do Cole, foram às compras à Baby Gap. Estão a discutir, o Cole quer que vistas o casaco ao Jack mas tu sabes que ele está suficientemente agasalhado.

Depois, isto.

Os vossos olhares cruzam-se, passam um pelo outro sem um lampejo de reconhecimento, exactamente como prometeram um ao outro, um dia.

Mas viram-se ambos para trás. Ele sorri-te segredos, num instante fugaz.

A multidão fecha-se sobre ti e ele desapareceu.

O teu coração ressoante, o teu coração ressoante.

O Cole debruça-se nos semáforos e abotoa o casaco do Jack. Tu sorris sem dizer nada. A pensar no livro que tens andado a escrever; fizeste tudo o que dizes nele, mas o teu marido nunca há-de saber, porque és a boa esposa. Eis o fim que escolheste: estás parada numa esquina de rua, uma imagem de domesticidade com a tua saia cor-de-rosa e boina, com uma cadeirinha de bebé à tua frente e o teu marido ao teu lado e, nesse instante, sentes-te forte e resoluta como mercúrio, mas ninguém o diria. O teu exterior e o teu interior não coincidem e como tu gostas disso. Uma grande e

alegre felicidade desce sobre o teu dia. Pensas na tua anónima amiga isabelina que te acompanha há tanto tempo, incitando-te. Contas-lhe a história de uma fase estranha e reluzente da tua vida. Não há outra ainda que valha tanto a pena contar.

## *Post-scriptum*

E aqui termina o manuscrito. Desconhece-se até hoje o paradeiro da minha filha. A cadeirinha do meu neto também foi encontrada à beira do penhasco, mas os seus corpos nunca apareceram.

Caro leitor,

Provavelmente está a interrogar-se por que é que decidi escrever este livro anonimamente. *A Noiva Despida* é um livro profundamente íntimo e eu tinha motivos muito pessoais para não querer o meu nome vinculado a ele. Não quer dizer que se trate de um livro autobiográfico; é muitas coisas, ficção e não-ficção, fantasia e facto, uma manta de retalhos feita não só das minhas próprias histórias mas também das das minhas amigas. A questão é que eu queria escrever um relato escrupulosamente honesto sobre a vida secreta de uma mulher e só me senti à vontade para o fazer ocultando o meu nome. Assim que tomei essa decisão, senti-me livre; de repente, conseguia escrever com uma liberdade excitante, dizer coisas que nunca ousara dizer a ninguém — especialmente aos amantes que tivera ao longo dos anos. Senti-me despida pela escrita deste livro e deduzi que o anonimato me protegeria não só a mim e à minha família, mas também às amigas que me revelaram, com tanta confiança e ousadia, as suas próprias histórias.

E depois havia ainda o livro que inspirou o meu: o misterioso texto do século xvii, intitulado *O Valor das Mulheres*. A sua autora optou pelo anonimato e a minha reacção foi fazer o mesmo. Escrevi cerca de quatrocentos anos depois dela, gozando das liberdades de tantos avanços feministas e, no entanto, estranhamente, senti o mesmo tipo de restrições que estou certa ela também terá sentido, ao escrever com total franqueza sobre os verdadeiros desejos das mulheres. Isso fascinou-me. O anonimato, para nós as duas, permitiu-nos ser francas, e críticas, e ocasionalmente brutais, sem quaisquer sentimentos de culpa ou medo pelas repercussões que se fariam sentir nas nossas vidas privadas.

Não tive a sorte da minha predecessora — fui apanhada por um jornalista antes mesmo da publicação do meu livro. Portanto, o que fazer, depois de a minha identidade se ter tornado do domínio público: publicá-lo com o meu nome, ou honrar o espírito com que o livro foi escrito? Querido

leitor, preferia que não soubesse a minha identidade; preferia que aceitasse o secretismo com que o livro foi escrito. Gostava que compreendesse por que motivo, enquanto esposa e mãe, me abstive de pôr o meu nome nesta obra, apesar de me sentir impelida a escrevê-la e de estar contente por tê-lo feito. Mas há algumas pessoas que não vão querer aceitar isto, e é a elas que se destina esta carta.

Por fim, gostaria de indicar alguns livros que consultei, enquanto estava a escrever *A Noiva Despida*. Existem dois textos vitorianos que encontrei na Biblioteca de Londres, que me deram os títulos das lições: *Household Science: Readings in Necessary Knowledge for Women*, do Rev. J.P. Faunthorpe, e *A Woman's Words to Women on the Care of their Health in England and India*, de Mary Scharlieb; e claro, o intrigante e ousado texto anónimo que inspirou o meu livro, *Woemans Worth*, também conhecido como *A Treatise proveinge by sundrie reasons that Woemen doe excell men*, cujo manuscrito se encontra na Biblioteca Bodleian, em Oxford.

N. J. Gemmell



